

COLECÇÃO AUTORES GREGOS E LATINOS
SÉRIE TEXTOS

HISTÓRIA AUGUSTA VOLUME I

VIDAS DE ADRIANO, ÉLIO,
ANTONINO PIO, MARCO AURÉLIO,
LÚCIO VERO, AVÍDIO CÁSSIO
E CÓMODO

TRADUÇÃO DO LATIM, INTRODUÇÃO, NOTAS E ÍNDICE
CLÁUDIA A. TEIXEIRA, JOSÉ LUÍS BRANDÃO
E NUNO S. RODRIGUES

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

(Página deixada propositadamente em branco)

História Augusta
Volume I

Vidas de
Adriano, Élio, Antonino Pio,
Marco Aurélio, Lúcio Vero,
Avídio Cássio e Cómodo

TRADUÇÃO DO LATIM, INTRODUÇÃO, NOTAS E ÍNDICE DE

CLÁUDIA A. TEIXEIRA

Universidade de Évora

JOSÉ LUÍS BRANDÃO

Universidade de Coimbra

NUNO SIMÕES RODRIGUES

Universidade de Lisboa

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUJEITOS A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

TÍTULO • História Augusta. Volume I.

TRADUÇÃO DO LATIM, INTRODUÇÃO, NOTAS E ÍNDICE: CLÁUDIA A. TEIXEIRA,
JOSÉ LUÍS L. BRANDÃO, NUNO SIMÕES RODRIGUES

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS - TEXTOS

COORDENADOR CIENTÍFICO DO PLANO DE EDIÇÃO: Maria do Céu Fialho

CONSELHO EDITORIAL

José Ribeiro Ferreira

Maria de Fátima Silva

Francisco de Oliveira

Nair Castro Soares

DIRECTOR TÉCNICO: Delfim Leão

OBRA REALIZADA NO ÂMBITO DAS ACTIVIDADES DA UI&D
CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

E-mail: imprensauc@ci.uc.pt

Vendas online:

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Simões & Linhares

ISBN

978-989-26-0520-3

ISBN DIGITAL

978-989-26-0784-9

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

DOI

<http://dx.doi.org/>

10.14195/978-989-26-0784-9

CONCEPÇÃO GRÁFICA & PAGINAÇÃO

Rodolfo Lopes & Nelson Henrique

PRÉ-IMPRESSÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

DEPÓSITO LEGAL

358455/13

1ª EDIÇÃO: CECH • 2011

2ª EDIÇÃO: IUC • 2012

3ª EDIÇÃO: IUC • 2013

© ABRIL 2013.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CLASSICA DIGITALIA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS (<http://classica.digitalia.uc.pt>)

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Reservados todos os direitos. Nos termos legais fica expressamente proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio, em papel ou em edição electrónica, sem autorização expressa dos titulares dos direitos. É desde já excepcionada a utilização em circuitos académicos fechados para apoio a leccionação ou extensão cultural por via de *e-learning*.

ÍNDICE

PREÂMBULO	7
INTRODUÇÃO	9
<i>HISTÓRIA AUGUSTA</i>	
<i>ADRIANO</i>	25
<i>ÉLIO</i>	71
<i>ANTONINO PIO</i>	85
<i>MARCO AURÉLIO</i>	107
<i>LÚCIO VERO</i>	153
<i>AVÍDIO CÁSSIO</i>	171
<i>CÓMODO</i>	193
BIBLIOGRAFIA	223
ÍNDICE DE NOMES	227

(Página deixada propositadamente em branco)

PREÂMBULO

Este primeiro volume da *História Augusta* inclui as *Vidas* que vão de Adriano a Cómodo, ou seja, até ao fim da dinastia dos Antoninos. Trata-se de um projecto de colaboração de docentes de três universidades, investigadores do CECH — Cláudia A. Teixeira (Un. de Évora), Nuno S. Rodrigues (Un. de Lisboa) e José Luís Brandão (Un. de Coimbra) —, que tomaram a cargo a tradução e anotação das *Vidas* segundo a seguinte distribuição:

Adriano – José Luís Brandão;
Élio – Nuno S. Rodrigues;
Antonino Pio – Nuno S. Rodrigues;
Marco Aurélio — Cláudia A. Teixeira;
Lúcio Vero — Cláudia A. Teixeira;
Avídio Cássio — Nuno S. Rodrigues;
Cómodo — José Luís Brandão.

A tradução baseia-se na edição de D. Magie, *The Scriptores Historiae Augustae*, 3 vol., Cambridge, Massachusetts/London, The Loeb Classical Library, 1953/54.

As *Vidas* seguintes serão publicadas nos volumes II e III.

Cumpre-nos agradecer à Doutora Cristina Pimentel, da Universidade de Lisboa, pela leitura atenta,

crítica e sempre paciente do texto, bem como pelas sugestões que o enriqueceram; e ainda à direcção do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, na pessoa da Doutora Maria do Céu Fialho, ao coordenador da linha de latim, Doutor Francisco de Oliveira, à biblioteca *on line Classica Digitalia*, dirigida pelo Doutor Delfim F. Leão, e ao responsável pela edição de texto, Dr. Nelson Henrique, pelo empenho e apoio prestado.

Cláudia do Amparo Teixeira
José Luís L. Brandão
Nuno Simões Rodrigues

Coimbra, 26 de Abril de 2011

INTRODUÇÃO

O texto da *História Augusta* que nos chegou coloca-nos perante questões tão intrincadas que parecem não ter solução à vista. Quando lemos o texto e ainda mais quando tentamos analisar as hipóteses modernas sobre a data, os autores, a ordem das *Vidas*, os objectivos, não podemos evitar a perplexidade. É grande a especulação e difícil de controlar o que é verosímil. Mas esta colectânea é a fonte mais importante para os imperadores do séculos II e III e, como tal, tem de ser valorizada. Perante os desencontros, temos de nos escudar na autoridade de nomes como o de Ronald Syme, Birley, Honoré, entre outros.

Um dos problemas inevitáveis é a data da redacção. A invocação em algumas das *Vidas* de Diocleciano, ou Constantino, sugere ao leitor um processo de composição que se estendia pelo governo destes dois imperadores. Acontece que, desde Dessau (1887), a maioria dos estudiosos vem aceitando como bastante provável que a redacção é posterior: do tempo de Juliano, do último quartel ou da última década do séc. IV¹. E houve mesmo quem propusesse o início de século V ou até o século VI. O possível uso, por parte do autor da *HA*, de Eutrópio (em *Marco* 17.2 ss) e a cópia de Aurélio Victor (em *Severo*

¹ Para uma síntese das propostas de datação de Dessau, Hartke, Alföldi, Shwartz, Chastagnol, Cameron, Syme, Baynes, vide Honoré 1987 156, 159 e ns. 8 e 9. Mommsen defendeu a época de Constantino e Momigliano manteve uma cautelosa atitude de reserva.

17.5 ss) faz arrastar, como notara Dessau, a data da composição para depois de 360². A não ser que se estivesse a seguir a mesma fonte que aqueles autores. A alusão a realidades que parecem ser do final do séc. IV deu ocasião à suspeita. Por exemplo, no que a este grupo de *Vidas* se refere, os críticos modernos encontraram na referência à retenção do pontificado Máximo por parte de Adriano (22.10) uma crítica velada a Graciano que abandonara o cargo em 376 ou 379. É comum assumir-se que a *HA* é uma obra contra o cristianismo institucionalizado.

Outra questão é a da autoria. As *Vidas* aparecem atribuídas a seis autores: Élio Esparciano, Júlio Capitolino, Vulcácio Galicano, Élio Lamprídio, Trebélío Polião e Flávio Vopisco. Também a este respeito parece actualmente bastante consensual a ideia de que é obra de um só autor³, disfarçado sob a capa de outros nomes. As diversas designações para a autoria das várias secções podem até ser nomes falantes. Uma chave para esta interpretação poderá ser a conexão estabelecida entre o nome e o carácter de certos biografados⁴. Além disso, a ordem da redacção também não parece ser a das *Vidas*.

² Vide Barnes 1995 4; 12.

³ Segundo Honoré 1987 166 ss, será obra de um oficial do escritório do prefeito da cidade.

⁴ Avídio conectado com *avidus* (*Av.* 1.7); Probo com *probus* (*Prob.* 21.4), entre outros. Vide Honoré 1987 170ss. Para este autor, por exemplo, *Spartianus* é severo, ‘espartano’, biógrafo de imperadores hostis ao senado; *Capitolinus* liga-se ao Capitólio e por isso ao senado; *Lampridius* é frívolo, para imperadores frívolos; *Vulcaci* *Gallicanus* lembra Vulcácio Rufino, rebelde da Gália, e portanto assume a autoria de *Vidas* de rebeldes. Sobre sinais de humor nos nomes de *Trebellius Pollio* e *Flavius Vopiscus*, vide Birley 2006 25-27.

Também as fontes para este conjunto de *Vidas* têm sido motivo de longo debate. A quantidade de citações de Mário Máximo e a proximidade deste autor (escreve no início do séc. III) com os factos relatados parecem conferir-lhe o estatuto de fonte principal para o período que vai até 180); e assim julga a maioria dos estudiosos. Syme não pensa assim: considera Mário Máximo uma fonte secundária e prefere pugnar pela existência de um *ignotus* como fonte principal, mais sóbria do que aquele biógrafo do tempo dos Severos, que, na opinião de Syme, teria inclinação para o escândalo e maledicência⁵. De qualquer modo, este argumento só parece verificar que Mário Máximo transmite anedotas; não prova que ele não escrevia também sobre assuntos graves⁶. Se era um seguidor de Suetónio, é natural que valorizasse de igual modo informação séria e anedótica.

Para as biografias de Cómodo em diante o problema parece ainda maior. Além de Mário Máximo, terão sido usados Díon Cássio e Herodiano, o segundo dos quais é citado. O autor terá consultado ou seguido, como já se disse, Eutrópio, Aurélio Victor ou uma suposta *Kaisergeschichte* anterior, que os três textos parecem adoptar como fonte.

Não se trata, pois, de uma história verídica: os críticos têm salientado que alguns factos são ficção. Não quer dizer que seja propriamente uma falsificação, mas uma espécie de género diferente que se aproxima do romance⁷, ou um exemplo de literatura didáctica escrita

⁵ Syme 1968 131-153.

⁶ Vide Barnes 1995 8.

⁷ Algo como “mythistoria” dirá Syme 1972 123.

para a sua época⁸. A ficção parece envolver a criação de documentos que, por serem mais abundantes nas *Vidas* dos imperadores menos conhecidos, levantaram suspeitas. As *Vidas* secundárias, de imperadores obscuros ou breves usurpadores, tornam-se naturalmente mais passíveis de ficção⁹. De qualquer modo, há que ter alguma cautela, porque, como é habitual, aspectos que se julgava serem fictícios são frequentemente comprovados por novas descobertas.

O método é o de Suetónio: entre duas partes cronológicas (uma para relatar o que antecede a aclamação e outra para a narrativa da morte) inserem-se as rubricas descritivas: traços de carácter (virtudes e vícios), gostos pessoais, estudos e cultura literária, aspecto físico. Os rumores são usados a par de factos históricos e estes submetem-se a uma organização sistemática e caracteriológica. Mas na organização e no estilo estas *Vidas* ficam aquém dos Césares de Suetónio e, por comparação, decepcionam o filólogo. Uma apresentação do material de forma esparsa, com repetições e colagens, e um estilo mais ligeiro sugerem decadência no gosto literário e nas exigências do *labor limae*. Independentemente desse aspecto, todos reconhecemos a importância desta fonte para o tratamento do período que cobre e da maneira como este era compreendido em finais do séc. IV.

⁸ Para Honoré 1987 173-176, é um exemplo de história esópica, com objectivos didácticos para a altura em que terá sido escrita: última década do séc. IV.

⁹ Vide Momigliano 1954 25-26; Syme 1972 127-128.

De qualquer modo, a parte relativa às *Vidas* deste volume, sobretudo as que vão de Adriano a Marco Aurélio, apresenta-se como a mais fidedigna, no que respeita a pessoas, a datas e a instituições¹⁰.

Causa alguma surpresa o facto de a narrativa começar a meio da dinastia dos Antoninos — por Adriano e não por Nerva, que, ao adoptar Trajano, dera início a esta família. Se, como parece, a colectânea nunca incluiu as *Vidas* de Nerva e Trajano, este começo poderá esconder uma qualquer intenção difícil de perceber¹¹. A omissão de Nerva até se poderia entender, como imperador de transição que foi, mas Trajano foi tão determinante que o seu peso se faz sentir na *Vida* de Adriano. Este não pode evitar a comparação com o *optimus princeps*, sobretudo quando se trata de tomar direcções diversas do antecessor.

Os Antoninos pertencem ao período de apogeu e estabilidade do Império e incluem as melhores referências para o ideal imperial que o autor quererá transmitir. Virtudes como *uirtus*, *clementia*, *iustitia*, *pietas* reconhecidas e catalogadas na sequência do principado de Augusto, consagraram um ideal imperial que se vê que continua válido no momento da redacção, para a apreciação do governo dos imperadores¹². E a perspectiva é claramente senatorial. Antonino Pio e Marco Aurélio continuam a constituir ideais no séc. IV, qualquer que seja a data que se adopte para a redacção¹³.

¹⁰ Vide Barnes 1995 5.

¹¹ Vide Birley 2006 21-22.

¹² Vide Poignault 1991 205.

¹³ Vide Momigliano 1954 35.

Esta perspectiva senatorial determina a apreciação de Adriano, controverso à partida. Se, em algumas *Vidas* da *HA*, Adriano aparece, no geral, como bom imperador (*Avídio* 2.5-6; 8.6; *Probo* 22.1-4), na *Vida* do próprio é ensombrado por vícios graves¹⁴. Mas no espectro de *Vidas*, que vai desde imperadores muito maus como Cómodo ou Heliogábalo a modelos de virtude como Pio e Aurélio, Adriano apresenta-se como uma síntese de contrastes desconcertantes: «rigoroso e afável, sisudo e brincalhão, hesitante e impetuoso, fingido e sincero¹⁵, cruel e clemente, e sempre muito oscilante em tudo» (*Adriano* 14.11). Este retrato está de acordo com a alternância na estrutura desta *Vida* entre mau e bom governante. Mas parece prevalecer a ideia de um tirano imprevisível e, por isso, gerador de terror. Sublinha-se que foi sepultado odiado por todos (25.7) e que, depois da sua morte, o senado queria decretar a *damnatio memoriae* (27). Só a *pietas* de Antonino o evitou. A mentalidade pró-senatorial manifesta-se claramente nos passos mais hostis a Adriano, onde a escolha das fontes, como o senador Mário Máximo, também será determinante.

Os Antoninos são conhecidos por basearem a sucessão no sistema adoptivo, que permitia, teoricamente, a escolha do melhor. Cómodo é a prova da falência do sistema hereditário. Mas sobre Adriano recaem suspeitas de fraude: o autor, sem descurar os numerosos feitos que lhe trouxeram nomeada (3.6),

¹⁴ Vide Poignault 1991 204-205.

¹⁵ Os editores divergem na reconstrução e agrupamento destas características de Adriano.

salienta o retrato de um ambicioso que não olha a meios para alcançar o poder (3.3; 4.5). O facto de Adriano ser agraciado com o favor da imperatriz Plotina (4.1; 4.4)¹⁶ é aproveitado pelo autor da *HA* para o transformar num hipotético impostor: «não falta quem demonstre que Adriano foi agraciado com a adopção, já Trajano estava morto, graças ao poder de Plotina, por recurso a um imitador que falou por Trajano com voz débil.» (14.8-10)¹⁷. Fica, pois, a suspeita de que, no que se refere a Adriano, as intrigas do palácio se sobrepuseram à ideologia senatorial da escolha do melhor¹⁸. E Adriano apresenta-se, de algum modo, como um misto de legítimo e de usurpador, condição que faculta um ponto de partida adequado para uma obra que, segundo Meckler, pretende questionar o verdadeiro status do imperador¹⁹. A dúvida no que respeita a Adriano pode justificar que também se incluam na *HA* os usurpadores reconhecidos. Ao início deste principado fica ligada a repressão de uma conjura que leva à eliminação de quatro senadores, facto que afectou terrivelmente a imagem do imperador (7.1-3) e que pôs a nu a fragilidade do poder do novo príncipe²⁰.

Adriano representa o corte com a política expansionista de Trajano, uma vez que «determinou que se conformava imediatamente ao modo de agir de outros

¹⁶ Dión Cássio (60.10.3) transforma o favor em amor.

¹⁷ Dión Cássio (69.1.1-3) é ainda mais assertivo: para ele foi tudo manipulação de Plotina e do prefeito Atiano.

¹⁸ Como nota Poignault 1991 210.

¹⁹ Vide Meckler, M. 1996 370-371.

²⁰ Cf. Dión Cássio 69.2.5. Vide Meckler, M. 1996 370.

tempos e empenhou-se em manter a paz por todo o orbe da terra» (5.1; 9.1) — mudança que de modo algum foi pacífica. Adriano sugeria, assim, um regresso à política augustana, que privilegiava a consolidação do império em detrimento da expansão²¹. Grande relevo tem nesta *Vida* o relato das viagens, bem como a vasta cultura, helenizante, do imperador — marcas que contribuíram para uma imagem universalista e ecléctica deste principado.

A escolha e adopção de Élio César por parte de Adriano revela-se inconsequente, porque este acaba por morrer (*Adriano* 23.10-15). Élio merece, contudo, figurar na *HA* com uma biografia logo a seguir à de Adriano, uma vez que carregou o nome de César, mesmo sem ter sido imperador, como diz o autor no início da *Vida* (1.1). Trata-se, pois, de uma observação programática. Dirigindo-se a Diocleciano, o autor nota que foi Élio o primeiro a usar o nome de “César”, pelo que coloca aí a origem remota da tetrarquia, que dividia o poder entre dois Césares e dois Augustos (2.1). A mesma ideia é retomada, em *RingKomposition*, no fecho da *Vida* (7.4). Parece, portanto, ser a atribuição do nome de César a motivar a dedicatória (fictícia, supõe-se) a Diocleciano. A inclusão de Élio é, segundo o autor, uma questão de consciência, pelo que o recheio desta biografia é, em grande medida, constituído por inevitáveis repetições.

A adopção de Antonino, acompanhada da obrigação de este adoptar Lúcio Vero e M. Aurélio (*Adriano* 24.1-2), assentava no precedente da adopção de

²¹ Cf. Tácito, *Ann.* 1.11.

Tibério por Augusto: Tibério, mesmo tendo já um filho natural, adoptou Germânico, na procura de assegurar a sucessão ao império²². O autor sublinha, além disso, que são os primeiros a governarem simultaneamente como Augustos. A continuidade dinástica em relação a Adriano é salientada pela repetição da informação referente à dupla adopção nas *Vidas* de Antonino e de Marco Aurélio (*Pio* 4.5; *Marco* 5.1).

A *Vida* de *Antonino Pio* reflecte um processo de idealização consumado. Os focos de conflito internos²³ ou externos são minimizados e entra-se demasiado no domínio do panegírico. Não recebemos relevante informação sobre o principado, mas mais sobre as qualidades do homem que deu o nome ao conjunto da dinastia. Vê-se que o autor aprova este imperador e detesta Adriano, o que parece ficar a dever-se à influência do senador biógrafo Mário Máximo. As razões para a atribuição do nome de Pio são objecto de debate desde a antiguidade: a *HA* reitera uma série de argumentos (*Adriano* 24.3-5; *Pio* 2.3-7) de que se pode destacar a porfia na deificação de Adriano contra a vontade do senado. Mas outros elementos presentes na *HA*, e sintetizados no remate desta *Vida*, reforçam a sua ligação à *pietas*: a pureza de carácter, a clemência, que o levou a conduzir o principado quase sem derramar sangue, e, enfim, a comparação com o rei Numa (*Pio* 13.3-4).²⁴

²² Vide Barnes 1967 74 ss.

²³ Um revolta, de Celso, omitida nesta *Vida*, é referida na de Avídio Cássio (10.1), embora possa ser fictícia.

²⁴ A propaganda imperial nas cunhagens contribuiu para disseminar a fama. Vide Callu 1992 67 ss ; Grant 1994 9 ss.

Também na *Vida de Marco Aurélio*, além de se repetir a informação da dupla adopção (*Marco* 5.1), salienta-se mais à frente (7.6), no relato da subida ao poder, que pela primeira vez governaram dois Augustos — tal a importância concedida pelo autor a esta primeira experiência de diarquia. Reitera-se, pois, a constante preocupação de Marco Aurélio em manter Lúcio Vero associado ao poder imperial e a tolerância para com os seus vícios. E, tal como no caso de Antonino, coloca-se em evidência a especial deferência de Marco para com o senado (10.2-7). Estabelece-se um contraste entre os dois governantes, mas sobretudo entre Marco Aurélio e o filho Cómodo, seu sucessor: (18 vs19). A alegação de que Cómodo seria fruto do adultério de Faustina com um gladiador parece forjado a partir da contradição entre a sagesa de Aurélio e comportamento circense do filho. Trata-se, pois, de uma *Vida* encomiástica que visa expor santidade de Marco Aurélio, ao ponto de lhe conferir poder taumátúrgico (24.4) e a veneração universal devida a um deus (18.5-6)²⁵.

Na *Vida de Lúcio Vero*, o autor continua a toada apologética: parece, acima de tudo, preocupado em salientar a excelência moral de Marco Aurélio, pelo contraste com os costumes dissolutos de Vero; em afastar a ideia de que as diferenças de carácter pudessem motivar desentendimentos entre os dois (*Vero* 9.1-2)

²⁵ Um raio que aterrorizou os inimigos e uma chuva providencial que caiu, quando os Romanos, cercados pelos Quados, estavam sedentos, são considerados também pelos cristãos intervenção do seu Deus, em resposta às preces dos soldados cristãos, segundo o epítome de Dión Cássio (72.9).

e em ilibar o imperador filósofo da suspeita de que fora responsável pela morte prematura do irmão por adopção (11.2-4). Quanto a Vero, em contraste com a austeridade estóica de Aurélio, aparece associado a uma vida desregrada, semelhante à de Gaio, de Nero e de Vitélio (4.6ss). De facto, a tradição biográfica sobre aqueles imperadores do séc. I aparece transposta para o biografado: deambulações nocturnas, como Calígula e Nero; excessiva paixão pelas corridas e pelos combates de gladiadores (4.5-9); uma dissipação com banquetes e pratos extravagantes (5) que nos lembra Nero, mas sobretudo Vitélio; afeição exagerada à equipa dos Verdes e concessão de benesses especiais a um cavalo, como se dizia que Calígula tinha procedido (6.2-6). Salva-se no entanto do facto de a semelhança com Nero não incluir a *crudelitas* e os *ludibria* (10.8). Tal afirmação é consonante com o que se diz logo no início: «não se encontra nem entre os bons, nem entre os maus príncipes» (1.3), e, apesar da licenciosidade da vida que levava, «era, com efeito, de carácter simples e incapaz de dissimular o que quer que fosse» (1.5).

Avídio Cássio, que se rebelou contra Marco Aurélio, aparece como o primeiro dos usurpadores a figurar na *HA*. A diferença entre legítimos e usurpadores reside muitas vezes no facto de que uns são vencedores e outros são perdedores. Por isso, o autor concede aos usurpadores a honra da biografia, ao fazer da *HA* uma crónica de vencidos e vencedores²⁶ que inclui «as *Vidas* de todos os que por justa ou injusta causa possuíram o

²⁶ Cf. *Heliogábalo*. 35.7.

nome de “imperadores”» (*Avídio* 3.3). Não deixa de ser significativo que o autor estabeleça a ligação de Avídio à família dos Cássios — a que conspirou contra César — factor genético que parece motivar a suspeita de um anacrónico ódio ao principado (1.4). Ele próprio se apresenta como outro Catilina (3.5). Um saudosismo republicano aparece reflectido no fecho da *Vida*, através da citação de uma carta (fictícia, por certo), onde o próprio, para justificar a sua aclamação, evoca os heróis republicanos (14.2-8). Se Constantino diz, como outrora Tito²⁷, que é a fortuna que faz o imperador (*Heliogábalos* 34.4), o autor da *HA* advoga que a fortuna não está sempre do lado da justiça (*Caro* 3.6-7). Ora a *Vida* é encerrada com a sentença de que Avídio Cássio teria sido um imperador severo e firme. De facto, entre os contrastes da sua personalidade, creditam-se a seu favor as qualidades militares e a restauração da disciplina no exército.

As boas relações que Antonino e Marco Aurélio mantiveram com o senado e que lhes garantiram boa reputação histórico-biográfica, não têm continuação no sucessor do último. Cómodo é, na opinião do senado, pior do que Nero ou Domiciano (*Com.* 19.2). Há realmente características na natureza e na fortuna de Cómodo que favorecem a aproximação: desde logo, como Calígula e Nero, chegou ao poder muito jovem. Talvez por isso, manifesta comportamentos levianos próprios da juventude, como deambular à noite por

²⁷ Suetónio, *Tito* 9.1: (...) *monuit, docens principatum fato dari.*

locais mal frequentados (3.7)²⁸ ou deixar-se manipular facilmente por terceiros (2.6; 4.5; 5.1-3; 5.6; 6.3)²⁹. Este imperador é apresentado como debochado e fraco. Uma das preocupações da *HA* são os imperadores jovens, facilmente manipuláveis. Com Cómodo, assistimos ao incremento do poder de favoritos, como Saótero, Perene e Cleandro.

Outra sua característica é a busca de divinização de tipo oriental, odiada pela mentalidade senatorial. Já constava que Calígula envergava roupas e símbolos divinos (Suet. *Cal.* 52). Cómodo veste-se como Hércules (9.4), como outrora Alexandre, e é denominado Hércules Romano (8.5). A presença do imperador na arena insere-se numa política populista que visa cativar as massas, como já antes fizera Nero. Pela crueldade, Cómodo assemelha-se aos piores tiranos; mas a alegação de que Cómodo dera ordem para incendiar Roma (15.7) sugere um flagrante decalque da fama de Nero.

O hábito de usar barba, assumido por Adriano — truque para dissimular imperfeições do rosto, como diz o autor (*Adriano* 26.1), ou simplesmente uma marca de cariz helenizante — tornara-se numa moda dos imperadores, abandonada mais tarde por Constantino. Marco Aurélio usa a barba longa, típica dos filósofos. Assim, a partir dos Antoninos abria-se à *vox populi* e

²⁸ Cf. Suet. *Cal.* 11; Nero 26.1. Comportamentos semelhantes se observam em Vero (*Vero.* 10.8; 4.6). Vide Porta 1975 165-170; Brandão 2007 133-145.

²⁹ Para Herodiano (1.1.5-6), a juventude do príncipe é causa dos erros do principado: a preponderância dos favoritos e a arrogância. Vide U. Espinosa Ruiz 1984 120-121.

aos historiadores a possibilidade de aplicarem o velho topos do medo dos barbeiros, quando a intenção era caracterizar o governante como odiado e desconfiado. Neste sentido, a insinuação de que Cómodo chamuscava o cabelo e a barba por medo do *tonsor* (17.3) parece uma forma de o conotar com um típico tirano³⁰. O desejo expresso pelo senado e pelo povo de que o cadáver de Cómodo fosse arrastado com um gancho e lançado ao Tibre (17.4), patente na transcrição da expressiva litania de improperios do senado (18-19), corresponde ao castigo reservado aos inimigos do Estado³¹.

Cómodo representa, pois, o fracasso do principado hereditário e o fim da dinastia dos Antoninos. Interrogamo-nos sobre o que teria levado um imperador tão sábio como Marco Aurélio a legar o império ao filho. Em boa verdade, não podia agir de outro modo. Antes, nenhum dos imperadores desta família tivera filhos naturais a quem legar o poder. Se Aurélio escolhesse outro sucessor mediante adopção, a menos que eliminasse o próprio filho, deixaria ao Estado o constante perigo de conjuras, que elegeriam como bandeira a legitimidade do “deserdado”. Além disso, há que ter em conta a distorção histórica de cariz senatorial. Cómodo talvez se não apresentasse à

³⁰ Como é o caso proverbial de Dionísio, o Velho Cf. Cic., *De off.* 2.7.25 e *Tusc.* 5.20.58 ss.

³¹ Segundo Suetónio, depois de Tibério morrer, o povo gritou que fosse lançado ao Tibre (*Tib.* 75.1); Vitélio, depois de linchado, recebeu aquele tratamento (*Vit.* 17.2) e era este o destino que os cesaricidas planeavam dar ao corpo de Júlio César (*Jul.* 82.4). Também Heliogábalo será objecto de um ultraje agravado (*Hel.* 17.1-3).

partida tão mau ao juízo do pai. Há registros de louvores a Cómodo, e mesmo de proveniência cristã³². Vários autores têm observado que a *HA* privilegia a experiência de governação e o paganismo contra a monarquia hereditária e o cristianismo, assim como repudia eunucos e burocratas³³.

Assim termina o período de maior apogeu do Império Romano e um dos mais afortunados da história da humanidade. Mas tal fortuna terá atraído a inveja dos deuses, concretizada numa série de males que, conjugados, hão-de levar à “queda”, ou “declínio” ou simplesmente “transformação” — várias são as tentativas de designação para o que aconteceu então — da parte ocidental do império.

Com efeito, pode-se dizer que as chamadas invasões bárbaras se começam a desenvolver no principado dos Antoninos: já no tempo de Pio começara uma guerra com os Partos (que penetraram inclusivamente na Síria) por causa da Arménia, conflito que terminou com Marco Aurélio e Lúcio Vero. Na fronteira do Danúbio, os Sármatas, Marcomanos e Quados penetraram no império e pressionaram outros povos até Aquileia (*Marco* 13.1; 14; 17.1-3). Uma parte dos prisioneiros foi colocada no império como colonos militares, que deviam trabalhar a terra e servir no exército, medida que, ampliada mais tarde, contribuiu para a barbarização do império e o declínio do exército. Enfim, começa a desenhar-se no tempo dos Antoninos

³² Talvez por influência da amante Márcia, Cómodo abandonou a perseguição aos cristãos. Vide Baldwin 1990 224-231.

³³ Vide B. Baldwin 1990 224-231.

JOSÉ LUÍS L. BRANDÃO

a crise do século III que se agudizará depois da queda de Alexandre Severo, em 235.

José Luís L. Brandão

HISTÓRIA AUGUSTA

(Página deixada propositadamente em branco)

VIDA DE ADRIANO

[Élio Esparciano*]

* Os autores a que são atribuídas as *Vidas* serão muito provavelmente fictícios, segundo a maioria dos críticos modernos. Vide Introdução.

(Página deixada propositadamente em branco)

1. 1. A origem mais antiga do imperador Adriano provém dos Picentinos; a mais tardia dos Hispânicos. O próprio Adriano recorda na sua autobiografia¹ que os seus antepassados, sendo embora originários de Ádria², fixaram-se em Itálica³ no tempo dos Cipiões. 2. Adriano teve por pai Élio Adriano, cognominado Áfer, primo do imperador Trajano; por mãe teve Domícia Paulina, natural de Gades⁴; por irmã teve Paulina, esposa de Serviano⁵; por esposa teve Sabina; por tetravô teve Marulino que foi o primeiro, na sua família, a ocupar o cargo de senador do povo romano.

3. Nasceu em Roma, nove dias antes das calendas de Fevereiro, no sétimo consulado de Vespasiano e no quinto de Tito⁶. 4. Tendo ficado órfão de pai aos dez anos de idade, teve como tutores o então ex-pretor⁷ Úlpio Trajano, seu primo, que veio a deter depois o

¹ Autobiografia perdida.

² Antiga cidade do Piceno (actual Atri), fundada por Gregos de Egina.

³ Na Bética. Foi fundada por volta de 205 por Cipião Africano.

⁴ Cidade da Hispânia fundada pelos Fenícios; actual Cádiz.

⁵ Trata-se de L. Júlio Urso Serviano, frequentemente mencionado na biografia, governador de várias províncias no principado de Trajano e cônsul pela terceira vez em 134. Foi levado ao suicídio por desentendimentos com o cunhado imperador.

⁶ A 24 de Janeiro de 76. Estas notas cronológicas baseiam-se em Magie (Loeb).

⁷ Tendo sido pretor por volta de 84-85, Trajano, até ser cônsul (em 91), era *uir praetorius*.

império, e Célio Atiano⁸, cavaleiro romano. 5. Foi mais zelosamente instruído nos estudos gregos, de tal modo que, face à sua inclinação de ânimo para aquela área, havia quem lhe chamasse ‘Gregozinho’.

2. 1. Aos quinze anos regressou à terra pátria e foi imediatamente integrado no exército; e era aficionado da caça ao ponto de ser repreendido. 2. Por isso, foi afastado da sua terra por Trajano e, por este tratado como filho, foi não muito depois nomeado decênviro para o julgamento dos processos¹⁰, e, de seguida, designado tribuno da segunda legião *Adiutrix*¹¹. 3. Depois disto, acabou sendo transferido para a Mésia Inferior¹², nos últimos tempos de Domiciano. 4. Diz-se que aí foi informado por um certo astrólogo daquilo que, sobre o futuro poder imperial, ele sabia que lhe tinha sido predito pelo tio avô, Élio Adriano, conhecedor por experiência das coisas celestes. 5. Quando Trajano foi adoptado¹³ por Nerva, ele, enviado para transmitir as felicitações do exército, foi transferido para a Germânia

⁸ Trata-se não de Célio, mas de Acílio Atiano. Tornou-se prefeito da guarda no tempo de Trajano. Cf. 8.7; 9.3-5. Foi determinante na entronização de Adriano.

⁹ *Graeculus*, um diminutivo pejorativo frequente.

¹⁰ Os *decemviri litibus iudicandis*, encarregados, durante a República, dos processos de liberdade, passaram com Augusto a tratar de questões de heranças.

¹¹ Criada por Vespasiano a partir de um corpo auxiliar de marinheiros. Em 95, estaria na Panónia Inferior e, mais tarde, na Mésia Superior.

¹² Como tribuno da 5ª legião *Macedonica*. A Mésia Inferior ficava a norte da Trácia e a Oeste do Mar Negro.

¹³ A *adoptio* consistia no processo através do qual um indivíduo passava da autoridade de um pai para a de outro.

Superior¹⁴. 6. Dali, tratou de se apressar, para ser o primeiro a dar a Trajano a nova da morte de Nerva, mas foi longo tempo retido por Serviano – que por ter exposto a sumptuosidade e dívidas dele atraiu sobre si a cólera de Trajano – e, apesar de atrasado por um estrago premeditado na carruagem, fazendo o caminho a pé, chegou primeiro que o ordenança do mesmo Serviano. 7. Conseguiu a afeição de Trajano, e, por acção dos preceptores de uns meninos que Trajano amava com maior apego, não se livrou de... coisa que Galo favoreceu¹⁵. 8. Por essa altura, como estava apreensivo sobre qual seria juízo do imperador a seu respeito, consultou as “sortes virgilianas”¹⁶:

«Mas quem é aquele, lá ao longe, que, ornado de ramos de oliveira, leva os objectos sagrados? Reconheço os cabelos e a barba encanecidos do rei Romano, que será o primeiro a fundar a cidade sobre as leis, enviado da pequena e pobre Cures¹⁷ para o grande império; a quem, depois, sucederá...»

Esta foi a sorte que lhe tocou; oráculo que outros disseram provir dos versos sibilinos¹⁸. 9. Teve também

¹⁴ A Germânia Superior era a província da parte alta do Reno, com capital em *Montiacum*, actual Mainz.

¹⁵ Texto lacunar.

¹⁶ Prática divinatória baseada na *Eneida* de Virgílio, em uso durante o Império Romano e a Idade Média. A passagem tirada à sorte era descontextualizada com o objectivo prever o futuro.

¹⁷ Antiga cidade, pátria dos reis sabinos: Tito Tácio, Numa Pompílio e Anco Márcio. Segundo Plutarco (*Vida de Rómulo* 19.9), os romanos passaram a chamar-se Quirites a partir do nome desta cidade (Cures) como efeito do acordo de fusão dos dois povos estabelecido entre Rómulo e Tito Tácio.

¹⁸ Três livros de oráculos em hexâmetros gregos, supostamente

o conhecimento antecipado de que em breve deteria o império por um vaticínio proveniente do santuário de Júpiter Nicéforo¹⁹, que Apolónio da Síria²⁰ cita nos seus livros. 10. Por fim, com o apoio de Sura²¹, voltou a estar nas mais completas graças de Trajano, depois de tomar como esposa a neta da irmã dele – casamento que contava com o favor de Plotina²², mas que Trajano, segundo diz Mário Máximo²³, desejava pouco.

3. 1. Exerceu o cargo de questor no quarto consulado de Trajano e primeiro de Articuleio²⁴. Devido ao facto de, no decorrer dessa magistratura, ter provocado o riso no senado, ao ler com pronúncia assaz dura um discurso do imperador, entregou-se com afincos aos estudos latinos, até conseguir a máxima destreza e eloquência. 2. Depois da questura, foi curador das actas do senado²⁵ e, acompanhou Trajano na Guerra da Dácia²⁶,

comprados por Tarquínio o Soberbo à Sibila de Cumas. Eram guardados numa caixa-forte por baixo do templo de Júpiter no Capitólio, para serem consultados em épocas de crise. Augusto transferiu-os para o templo de Apolo no Palatino. Foram destruídos por Estilicão no início do século V d.C.

¹⁹ Em local incerto, ou junto de Pérgamo ou perto do Eufrates.

²⁰ Autor para nós desconhecido.

²¹ Licínio Sura, hispânico que já tinha favorecido a adopção de Trajano e apoiará a de Adriano.

²² Pompeia Plotina, a imperatriz. Protectora de Adriano, ou mesmo amante, na opinião de Díon Cássio (69.1.2). A sua acção será determinante na transição do poder, por morte de Trajano.

²³ Historiador do tempo dos Severos, citado 33 vezes. É visto como um continuador de Suetónio.

²⁴ Em 101.

²⁵ *Acta senatus*, *Commentarii senatus* ou *Acta patrum*. Publicadas regularmente a partir de 59 a.C. (Cf. Suet. *Iul.* 20).

²⁶ Trata-se da 1ª Guerra da Dácia (101-102 d.C.). A segunda foi em 105-106. Nesta altura Trajano conquistou a Dácia, no território

numa posição de bastante intimidade; 3. pois que até se entregou ao vinho para, segundo ele próprio diz, obsequiar os costumes de Trajano; pelo que foi muito ricamente recompensado por este. 4. Tornou-se tribuno da plebe no segundo consulado de Cândido e de Quadrato²⁷. 5. Foi durante esta magistratura que, assevera ele, lhe adveio um sinal premonitório do poder tribunício perpétuo²⁸, uma vez que perdeu a pênula²⁹, que era costume ser envergada, em tempo de chuva, pelos tribunos da plebe, mas nunca pelo imperador. Daí que hoje em dia os imperadores apareçam sem pênula diante dos que estão de toga³⁰. 6. Pela segunda campanha da Dácia, Trajano colocou-o à frente da primeira legião *Minerua*³¹ e levou-o consigo. O certo é que, nessa altura, ganhou nomeada um avultado número de notáveis feitos da sua autoria. 7. O facto de ter sido presenteado com uma gema de diamante, que Trajano tinha recebido de Nerva, elevou-lhe a esperança na sucessão. 8. Foi eleito pretor no segundo consulado

da actual Roménia, saindo vitorioso sobre o rei Decébalos. A coluna de Trajano, em Roma, comemora esta conquista.

²⁷ Em 105.

²⁸ Um dos pilares em que assentava o poder imperial. A *tribunicia potestas* era a autoridade reconhecida pelo direito aos tribunos da plebe e que a partir de Augusto passou a ser atribuída ao príncipe.

²⁹ A *paenula* - capa com capuz.

³⁰ Há uma imprecisão que remete para a prática corrente do séc. IV, como denuncia a expressão *hodieque*, altura em que a *paenula* era endossada pelos senadores, e os imperadores se procuravam diferenciar dos cidadãos privados. Na coluna de Trajano o imperador aparece a usar *paenula* em campanha.

³¹ Legião criada em 92 por Domiciano, devoto de Minerva. A segunda expedição à Dácia ocorreu em 105-106.

de Suburano e de Serviano³², altura em que recebeu de Trajano dois milhões de sestércios para apresentar uns jogos. 9. Depois, enviado como legado com a categoria de pretor³³ para a Panónia Inferior³⁴, conteve os Sármatas³⁵, firmou a disciplina militar e refreou os procuradores³⁶ que mais exorbitavam das suas funções. 10. Por este serviço, foi designado cônsul³⁷. No decurso desta magistratura, assim que soube através de Sura que devia ser adoptado³⁸ por Trajano, deixou de ser objecto de desprezo e indiferença por parte dos amigos do imperador. 11. Verdade é que, depois da morte de Sura, viu aumentar a sua intimidade com Trajano, sobretudo por causa dos discursos que tinha composto em prol do imperador.

4. 1. Gozava também do favor de Plotina, à dedicação da qual se ficou a dever também o ter sido designado legado, na altura da expedição contra os Partos³⁹. 2. É que, nesse tempo, Adriano gozava da

³² Trata-se de um equívoco. Os cônsules de 107 seriam Sura, pela segunda vez, e Senecião, também pela segunda.

³³ Como se trata de uma província imperial, teria o título de *legatus Augusti pro praetore*.

³⁴ Província fundada em 103 d.C., junto ao Danúbio. A leste da Panónia Superior que por sua vez confrontava com o Nórico.

³⁵ Povo nómada de origem iraniana da fronteira oriental da Cítia. Os seus principais ramos, os Roxolanos e os Jaziges, avançaram até ao Danúbio.

³⁶ Trata-se dos agentes cobradores dos impostos destinados ao *fiscus* nas províncias imperiais.

³⁷ *Suffectus*, isto é, cônsul substituto, em 108.

³⁸ Vide nota a 2.5.

³⁹ Povo de origem indo-europeia que se instalou no Planalto Iraniano e deu origem ao Império Parto ou Arsácida, cujo território se estendeu do Eufrates ao Indo e se transformou no poderoso inimigo do Império Romano.

amizade de Sósio Papo⁴⁰ e Platório Nepos⁴¹, de ordem senatorial, e também de Atiano, outrora seu tutor, de Liviano⁴² e de Turbão⁴³, da ordem equestre. 3. Viu garantida a adoção, depois que Palma e Celso, sempre seus inimigos, e que ele próprio perseguiu mais tarde, caíram sob a suspeita de aspirarem à usurpação do poder. 4. Quando, graças ao favor de Plotina, foi nomeado cônsul pela segunda vez, obteve a completa evidência de que seria adoptado. 5. Que ele terá corrompido os libertos de Trajano, se terá ocupado dos favoritos dele e os terá sodomizado⁴⁴ vezes sem conta, no tempo em que tinha mais intimidade na corte, é opinião geral e segura.

6. Desempenhava o cargo de legado da Síria, quando recebeu a carta da adoção, no quinto dia antes dos idos de Agosto⁴⁵, data que mandou celebrar como aniversário da adoção. 7. No terceiro dia antes dos idos do mesmo mês⁴⁶, data que determinou dever ser celebrada como aniversário do seu império, recebeu a notícia do falecimento de Trajano.

8. Foi sem dúvida voz corrente que Trajano tinha a intenção de deixar como sucessor Nerácio Prisco⁴⁷, e

⁴⁰ Há quem distinga dois senadores. O primeiro seria Sósio Senecião.

⁴¹ Construtor da muralha de Adriano na Bretanha. Incorrerá depois na inimizade do imperador.

⁴² Cláudio Liviano foi prefeito do pretório de Trajano. Assumiu um cargo de comando na 1ª guerra da Dácia (cf. Dión Cássio, 69.9).

⁴³ Q. Márcio Turbão desenvolveu a carreira nos principados de Trajano e Adriano. Tronou-se prefeito do pretório em 119.

⁴⁴ *Saepe inisse* é uma correcção de Winterfeld a partir do texto *sepelisse*.

⁴⁵ Dia 9 de Agosto de 117.

⁴⁶ Dia 11 de Agosto de 117.

⁴⁷ Famoso jurista que participou no *consilium principis* de Adriano. As suas obras foram usadas nos *Digesta* de Justiniano.

não Adriano, no que era secundado por diversos amigos, ao ponto de ter dito certa vez a Prisco: “confio-te as províncias, se me acontecer alguma fatalidade”. 9. E muitos afirmam até que tinha a intenção de, a exemplo de Alexandre da Macedónia, morrer sem indicar claramente um sucessor; outros tantos afirmam que ele queria dirigir ao senado uma alocução a solicitar que, se algo lhe acontecesse, o senado desse um imperador ao Estado Romano, acrescentando, quando muito, nomes, de entre os quais o mesmo senado escolheria o melhor. 10. Não falta quem demonstre que Adriano foi agraciado com a adopção, já Trajano estava morto, graças ao poder de Plotina, por recurso a um imitador que falou por Trajano com voz débil.

5. 1. Depois de alcançar o poder imperial, determinou que se conformava imediatamente ao modo de agir de outros tempos e empenhou-se em manter a paz por todo o orbe da terra⁴⁸. 2. Verdade é que se sublevavam as nações que Trajano tinha subjogado; os Mauros multiplicavam os ataques; os Sármatas pegavam em armas; não se conseguia manter os Britanos sob a autoridade romana, o Egipto era assolado por revoltas e, por fim, a Líbia e a Palestina mostravam espírito de rebeldia. 3. Por isso, abandonou todas as possessões para lá do Eufrates e do Tigre, a exemplo, segundo dizia, de Catão, que declarou os Macedónios livres, por não ser possível dar conta deles⁴⁹. 4. Quanto a Partamasíris,

⁴⁸ A política augustana de consolidação das fronteiras do império. Trajano tinha seguido uma política expansionista.

⁴⁹ Discurso feito no senado em 167 a.C., depois da batalha de Pidna.

que Trajano fizera rei dos Partos⁵⁰, ao ver que ele não tinha grande peso entre os Partos tornou-o rei dos povos vizinhos⁵¹.

5. De tal modo se empenhou imediatamente no exercício da clemência, que, apesar de, nos primeiros dias do seu governo, ser aconselhado por Atiano a eliminar Bébio Macro, prefeito da Urbe⁵², caso este se opusesse à sua aclamação, e Labério Máximo, que estava exilado por suspeita de aspirar ao poder, tal como Crasso Frugi⁵³, a nenhum prejudicou. 6. Se bem que, mais tarde, Crasso, que abandonava a ilha, como se estivesse a preparar uma revolução, foi morto por um procurador, sem que o imperador tenha emitido a ordem. 7. Pelos bons auspícios da sua aclamação, concedeu aos soldados um duplo donativo. 8. Desarmou Lúcio Quieto, retirando-lhe os povos Mauros que comandava, porque se tornara suspeito de aspirar ao poder, pelo que nomeou Márcio Turbão para, uma vez dominados os Judeus, reprimir a revolta na Mauritània⁵⁴.

⁵⁰ Vide nota a 4.1.

⁵¹ Trata-se de um equívoco: refere-se a Partamaspatas (Partamasíris foi rei da Arménia). Adriano colocou-o na Mesopotâmia.

⁵² O prefeito da cidade ou *praefectus urbis* era o administrador de Roma, o funcionário encarregado de reprimir todos os atentados à ordem pública, tendo por isso a seu cargo o corpo de polícia das coortes urbanas. Tinha ainda atribuições judiciárias.

⁵³ Bébio Macro era amigo de Plínio (*Ep.* 3.5). Labério Máximo tinha tido um cargo de comando nas guerras da Dácia, pelo que terá ganho um 2º consulado em 103. Calpúrnio Crasso Frúgi fora exilado em Tarento por conspirar contra Nerva. Condenado por conspirar também contra Trajano, terá sido exilado numa ilha.

⁵⁴ Adriano licenciou a guarda maura de Lúcio Quieto (mauro que se distinguira na campanha contra os Partos e na repressão da

9. Depois disso, deixou Antioquia para ver de perto os restos mortais de Trajano, que Atiano, Plotina e Matídia⁵⁵ transladavam. 10. Recebeu-os e enviou-os para Roma num navio. Ele próprio, tendo regressado a Antioquia, colocou Catílio Severo⁵⁶ no governo da Síria e dirigiu-se para Roma através do Ilírico.

6. 1. Solicitou honras divinas para Trajano em uma carta dirigida ao senado, e até bastante aprimorada; pediu que mereceu a concordância de todos, ao ponto de aquele órgão votar, por sua própria iniciativa, honras para Trajano que Adriano não tinha requerido. 2. Ao escrever ao senado, pediu desculpa por lhe não ter deixado a decisão sobre o seu poder, no pressuposto de que fora aclamado de forma intempestiva pelos soldados, porque o Estado não podia permanecer sem um imperador. 3. Como o senado lhe destinou o triunfo, que era devido a Trajano, ele recusou-o para si próprio e conduziu a efígie de Trajano no carro triunfal, para que, mesmo depois da morte, o melhor dos imperadores não perdesse a dignidade do triunfo. 4. Quanto ao título de Pai da Pátria, que lhe foi oferecido, recusou-o logo na altura e, de novo, mais tarde, pois que já Augusto o alcançara tardiamente⁵⁷. 5. Devolveu a

revolta dos Judeus), facto que causou revoltas. Quietos acaba por ser morto na sequência de uma conspiração em que alegadamente participou (cf. 7.2).

⁵⁵ Sogra de Adriano e sobrinha de Trajano.

⁵⁶ Bisavô de Marco Aurélio pelo lado da mãe (cf. *Marco* 1.4). Foi prefeito da cidade e amigo de Plínio o Moço (cf. *Ep.* 1.22; 3.12).

⁵⁷ Recebeu-o só em 2 a.C. Com a obtenção deste título termina Augusto o seu relato das *Res Gestae*.

Itália o ouro destinado às coroas triunfais⁵⁸ e diminuiu a contribuição das províncias, sem deixar de expor com um zelo demagógico os apertos do erário público.

6. Chegadas as notícias da revolta dos Sármatas e Roxolanos⁵⁹, dirigiu-se para a Mésia⁶⁰, depois de enviar os exércitos à frente. 7. Depois de ornar Márcio Turbão com as insígnias de prefeito, depois da campanha da Mauritânia, colocou-o, de momento, a frente da Panónia⁶¹ e da Dácia⁶². 8. No que respeita ao rei dos Roxolanos, que se queixava da diminuição das suas recompensas, depois de estudar o problema, concluiu a paz com ele.

7. 1. Escapou à conjura que Nigrino⁶³, com a cumplicidade de Lúcio e muitos outros, preparara para a altura em que Adriano estaria a realizar um sacrifício;

⁵⁸ O *coronarium aurum* era o presente feito por uma província ou cidades aliadas de Roma a um general vitorioso. Originalmente, esta oferta era voluntária e o ouro era utilizado para fabricar coroas triunfais. Mais tarde, tornou-se um contributo obrigatório.

⁵⁹ Ramo dos Sármatas. Vide atrás: nota a 3.9.

⁶⁰ Província romana a sul do Baixo Danúbio, a leste da Ilíria e o Mar Negro: a Mésia Superior ficava ao norte da Macedónia e a sul da Panónia e da Dácia; a Mésia Inferior a norte da Trácia, a sul da Dácia e a oeste do Mar Negro.

⁶¹ Província romana, consolidada em 9 d.C., situada entre Nórico e a Dácia e limitada a sul pela Dalmácia e pela Mésia.

⁶² Uma situação de excepção, uma vez que o comando nas províncias imperiais era concedido a um senador; e Turbão era da classe equestre. Só a prefeitura do Egipto era concedida a um cavaleiro. A Dácia ficava na zona entre os Montes Cárpatos e o Danúbio, na região da actual Roménia e Moldávia.

⁶³ Avídio Nigrino tornou-se famoso como tribuno da plebe, em 105, por um discurso no senado contra os subornos dos advogados. Foi cônsul em 110. Era amigo de Plutarco. Segundo Díon Cássio (69.2.5) o ataque devia ocorrer durante uma caçada.

e isto apesar de Adriano o ter designado como seu sucessor. 2. Por isso, por ordem do senado, contra a vontade de Adriano, como ele próprio diz na sua autobiografia, foram mortos Palma⁶⁴, em Tarracina⁶⁵; Celso, em Baias⁶⁶; Nigrino, em Favência⁶⁷; Lúcio, em viagem. 3. Daí que Adriano, para contradizer a fama tão sinistra que ganhara, por ter consentido que tivessem sido mortos, de uma só vez, quatro ex-cônsules, se tenha dirigido imediatamente para Roma, depois de confiar a Dácia a Turbão, que fora honrado com insígnias de poder idêntico ao do prefeito do Egipto, para que tivesse mais autoridade. E, para debelar o mau conceito que dele tinham, concedeu ao povo um duplo “congiário”⁶⁸, em que esteve presente, a somar a três moedas de ouro por cabeça, já distribuídas, quando estava ausente. 4. Também no senado, perdoadas que foram aquelas acções passadas, jurou que não mais puniria um senador, senão por sentença do senado. 5. Instituiu um serviço

⁶⁴ Cornélio Palma, próximo de Trajano, cônsul ordinário em 99, juntamente com Sósio Senecião. Foi governador da Síria.

⁶⁵ Cidade do Lácio (a actual Terracina), importante posto na Via Ápia, a 65 km de Roma. Era conhecida na antiguidade também pelo nome volsco de Ânxur.

⁶⁶ Cidade costeira da Campânia, situada perto de Nápoles, que se tornou no destino de férias da nobreza romana, local de relaxamento e licenciosidade.

⁶⁷ Actual Faenza, no vale do Pó.

⁶⁸ O *congiarium* consistia inicialmente na distribuição de vinho, azeite numa vasilha que levava um côngio (*congius*) - uma medida romana usada sobretudo para líquidos que correspondia à oitava parte de uma ânfora (c. 3,25 l). Passou a ser uma designação geral para qualquer donativo dos imperadores ao povo, mesmo quando os donativos incluíam já dinheiro, cereais ou outros presentes de ocasião. Estas distribuições eram comemoradas em moedas.

de transportes a expensas do fisco, para não onerar os magistrados com este encargo. 6. Para ganhar as boas graças, sem omitir ninguém, perdoou aos devedores privados grande quantidade de dinheiro, que estava em dívida ao fisco na Urbe e em Itália, e, de igual modo, nas províncias, enormes somas de impostos atrasados; e queimou no Foro de Trajano as notas promissórias, para fortalecer ainda mais a segurança de todos. 7. Proibiu o depósito dos bens dos condenados no fisco privado, sendo toda a soma recolhida no erário público. 8. Incrementou as dádivas em favor dos rapazes e raparigas a quem Trajano havia atribuído pensões alimentares⁶⁹. 9. Garantiu aos senadores, que não faliram por culpa própria, o património do estatuto senatorial⁷⁰, de acordo com o número de filhos, de modo que a muitos facultou, sem demora, a soma calculada para o seu tempo de vida. 10. Concedeu donativos chorudos não só aos amigos, mas também a muitos outros sem distinção, para cumprirem os cargos políticos. 11. Ajudou algumas mulheres nas despesas, para sustentarem a vida. 12. Realizou uns jogos de gladiadores durante seis dias seguidos e apresentou mil feras no dia do seu aniversário.

8. 1. Convidou os melhores elementos do senado para a intimidade da majestade imperial. 2. Rejeitou os jogos de circo que lhe foram decretados⁷¹, à excepção dos

⁶⁹ As instituições alimentares em favor dos jovens de famílias pobres foram esboçadas por Nerva, aplicadas por Trajano e prolongaram-se pelos principados seguintes.

⁷⁰ Um milhão de sestércios era o património necessário para manter o estatuto de senador.

⁷¹ Jogos aprovados pelo senado para honrar os imperadores.

que se destinavam a celebrar o seu aniversário natalício. 3. Quer nas assembleias quer no senado, afirmou amiúde que iria dirigir o estado, de forma a deixar claro que se tratava de um domínio do povo e não pertença sua. 4. Fez com que muitos fossem cônsules pela terceira vez, já que ele próprio o tinha sido; e cumulou um sem número de pessoas com a honra de um segundo consulado. 5. Mas quanto ao seu próprio terceiro consulado, além de o exercer somente por quatro meses, durante o decurso deste administrou frequentemente a justiça. 6. Esteve sempre presente nas sessões formais do senado, se se encontrava na Urbe ou nos arredores desta. 7. Encareceu de tal modo o estatuto do senado pela renitência em nomear senadores, que, ao elevar Atiano, já antes revestido com as prerrogativas consulares⁷², do cargo de prefeito do pretório⁷³ à categoria de senador, disse ostensivamente que nada tinha de mais distinto que lhe pudesse oferecer. 8. Não permitiu aos cavaleiros julgarem senadores, nem na sua ausência nem em sua presença. 9. Com efeito, era então costume que, quando o imperador instruisse processos, convocasse para o conselho senadores e cavaleiros e proferisse a sentença por comum acordo de todos. 10. Em suma, abominava

⁷² Parece tratar-se de dois momentos. Atiano terá recebido as distinções consulares (entre as quais figuraria o título de *clarissimus uir*) enquanto era prefeito do pretório, e, mais tarde, terá entrado no senado por *adlectio* imperial.

⁷³ O *praefectus praetorii* foi uma magistratura criada por Augusto em 2 a.C., sendo essencialmente o comandante da guarda pretoriana. Mais tarde juntaram-se a essas funções administrativas e jurisdicionais. Normalmente havia dois e, até ao tempo dos Antoninos, eram da classe equestre.

os imperadores que se não tinham mostrado deferentes para com os senadores. 11. Quanto a Serviano, marido da irmã, para com quem era tão deferente que, quando ele o vinha visitar, saía sempre a correr do quarto para ir ao seu encontro, concedeu-lhe um terceiro consulado, sem ele o ter pedido e sem qualquer intercessão, mas não juntamente consigo, para não ficar com o segundo lugar no poder decisão, uma vez que aquele fora duas vezes cônsul antes de Adriano.

9. 1. Entretanto, abandonou numerosas províncias adquiridas por Trajano e destruiu, contra o parecer de todos, o teatro que ele tinha construído no Campo de Marte⁷⁴. 2. E estas decisões pareciam ainda mais abomináveis, pelo facto de Adriano fingir que lhe tinha sido ordenado em segredo por Trajano tudo aquilo que via que não agradava. 3. Por não ser capaz de suportar o poder de Atiano, seu prefeito e outrora seu tutor, tentou matá-lo; mas recuou, porque o refreava o ódio gerado pela execução de quatro cônsules, se bem que imputasse a morte destes à responsabilidade de Atiano. 4. Como lhe não podia dar um sucessor, porque ele o não pedia, tratou de fazer com que ele o pedisse; e, logo que ele o pediu, transferiu o cargo para Turbão, 5. na mesma altura em que também ao outro prefeito, Símile⁷⁵, deu como sucessor Septício Claro⁷⁶.

⁷⁴ Vasta zona fora das muralhas de Roma, a norte do Capitólio e do Quirinal, usada para exercícios militares e comícios por centúrias.

⁷⁵ Sêrvio Sulpício Símile foi responsável pelo aprovisionamento de cereais do Egipto e prefeito do pretório (112-119). Vide nota a 8.7.

⁷⁶ Septício Claro era amigo de Plínio-o-Moço, a quem encoraja

6. Tendo removido da prefeitura aqueles a quem devia o poder, dirigiu-se para a Campânia, onde cumulou todas as cidades de generosos benefícios, atraindo para o seu círculo de amigos os cidadãos mais distintos. 7. Mas, em Roma, visitava os pretores e os cônsules no cumprimento dos seus deveres e estava presente nos banquetes dos seus amigos; quando estavam doentes, visitava-os duas ou três vezes ao dia, mesmo a alguns cavaleiros romanos e libertos; animava-os com palavras de conforto; estimulava-os com conselhos; convidava-os sempre para os banquetes. 8. Em tudo procedia, portanto, à maneira de um cidadão privado. 9. Dedicou especiais honras à sua sogra, através de jogos de gladiadores e os restantes obséquios.

10. 1. Depois, dirigiu-se para as Gálias e cumulou todas as cidades de múltiplos benefícios⁷⁷. 2. Dali passou à Germânia, e, embora mais desejoso da paz do que da guerra, exercitou os soldados com se a guerra estivesse iminente, inspirando-os com exemplos de resistência⁷⁸, enquanto ele próprio regia a vida militar entre os manípulos⁷⁹; tomando inclusive, ao ar livre, por sua vontade, a ração militar - ou seja, toucinho, queijo e água avinagrada - a exemplo de Cipião Emiliano⁸⁰, de

a publicar as cartas (*Ep.* 1.1), e de Suetónio, que lhe dedica as *Vidas dos Césares*. O biógrafo caiu em desgraça juntamente com o prefeito, por volta de 122.

⁷⁷ Em 121.

⁷⁸ Cf. Díon Cássio, 69.9.1-6.

⁷⁹ Os manípulos eram compostos de duas centúrias. Adriano partilhava as condições de um qualquer soldado.

⁸⁰ O conquistador de Cartago, em 146 a.C., neto, por adopção, de Cornélio Cipião Africano, que venceu Aníbal na batalha de Zama.

Metelo⁸¹ e do seu pai Trajano; premiando alguns com recompensas e poucos com honras, para que fossem capazes de suportar as ordens mais duras que lhes dava; 3. pelo que restaurou, de facto, a disciplina, que, depois de César Octaviano⁸², andava periclitante por incúria dos príncipes anteriores. Depois de regular tanto os deveres como as despesas, jamais tolerou que alguém se ausentasse do acampamento sem justificação, ao mesmo tempo que não era o favor dos soldados, mas a justiça, a recomendar os tribunos. 4. Exortava, além disso, os outros com o exemplo do seu valor, ao caminhar mesmo vinte mil passos armado; ao suprimir do acampamento os triclinios, os pórticos, as grutas e os jardins; 5. ao adoptar frequentemente roupa da mais simples; ao usar um cinturão sem adornos de ouro; ao cingir-se com uma fivela sem pedras preciosas; ao envergar raramente uma espada que terminasse com punho de marfim; 6. ao visitar os soldados doentes nos seus lugares de repouso; ao escolher o lugar para o acampamento; ao não atribuir a vergasta de vide⁸³ senão a quem possuísse robustez e boa reputação; nem fazer tribunos senão homens de barba rija ou aqueles cuja idade satisfizesse a autoridade do cargo com prudência e maturidade; 7. e ao não tolerar que um tribuno aceitasse o que quer que fosse de um soldado; ao banir todas as volúpias onde quer que

⁸¹ Q. Cecílio Metelo Numídico, comandante romano na guerra contra Jugurta (que usurpara o trono da Numídia), de 109 a 107 a.C., altura em que o comando foi atribuído a Mário, que concluiu a guerra com a colaboração de Sula, então questor.

⁸² Augusto.

⁸³ O objecto distintivo do centurião.

existissem; e, finalmente, ao melhorar as armas deles e o equipamento. 8. No que toca à idade dos soldados, determinou que não vivesse no campo, contrariamente ao antigo uso, ninguém mais novo do que a coragem exigia ou mais velho do que a humanidade consentia; procurava sempre conhecê-los e saber o seu número.

11. 1. Empenhava-se, além disso, em conhecer com afã o armazém da manutenção militar, examinando também com argúcia os rendimentos das províncias, de modo a suprir alguma falta onde quer que a houvesse. Esforçava-se mais do qualquer outro antes dele por nunca comprar ou estar a sustentar algo supérfluo. 2. Então, depois de reformar o exército à maneira de um rei, dirigiu-se para a Britânia⁸⁴, onde tratou de corrigir muitos atropelos e foi o primeiro a estender uma muralha por oitenta mil passos para separar os bárbaros dos Romanos⁸⁵.

3. A Septício Claro, prefeito do pretório⁸⁶, e a Suetónio Tranquilo⁸⁷, o responsável pela correspondência, e a muitos outros, que, sem o seu consentimento, se tinham comportado junto de Sabina, a esposa, de modo mais familiar do que a mesura do palácio exigia, substituiu-os por outros; e teria até expulso a esposa como impertinente e azeda, como ele próprio dizia, se fosse um cidadão privado.

⁸⁴ 122.

⁸⁵ 117 km.

⁸⁶ Vide nota a 8.7.

⁸⁷ Trata-se de Suetónio, o autor das *Vidas dos Césares* e de *Homens Ilustres*, entre muitas outras obras perdidas elencadas na *Suda*. Acumulava os cargos de *a studiis*, *ab epistulis* e *a bibliothecis*.

4. Revelava-se indiscreto, não só no que respeitava à sua casa, mas também para com os amigos, ao ponto de investigar todos os seus segredos; e os amigos não se davam conta de que o imperador conhecia a sua vida antes de ele próprio o demonstrar. 5. Por conseguinte, não é enfadonho inserir aqui um relato a mostrar que ele sabia muita coisa a respeito dos amigos. 6. É facto que, certa vez, um fulano recebeu uma carta da esposa, a dizer que ele, retido pelos prazeres e pelos banhos, não se dignava ir para junto dela, e tal queixa acabou por chegar ao conhecimento de Adriano através dos agentes. Ora quando aquele homem pedia uma licença, Adriano censurou-o no que toca aos banhos e aos prazeres, pelo que ele lhe retorquiu: «não me digas que a minha mulher te escreveu a ti o mesmo que me escreveu a mim?!». 7. E, a bem dizer, se tal comportamento é considerado imoral, a este se acrescenta ainda o amor por jovens e adultérios com mulheres casadas, defeitos dos quais se dizia que Adriano padecia, asseguravam alguns, acrescentando que nem sequer guardava a lealdade aos amigos.

12. 1. Depois de tratar os assuntos da Britânia, atravessou para a Gália, inquieto devido a uma rebelião em Alexandria que eclodiu em torno de Ápis⁸⁸. Uma vez que este tinha sido descoberto ao fim de muitos

⁸⁸ Trata-se do sagrado boi Ápis, símbolo da força vital da natureza e oráculo de Ptah no antigo Egipto. O culto existia em Mênfis desde tempos recuados. O boi era reconhecido por determinadas marcas no padrão da pele. Depois de encontrado um touro essencialmente negro com as tais características, o animal era levado para o santuário em Mênfis e tratado cerimoniosamente pelos sacerdotes. Depois de morrer, era embalsamado e enterrado com um longo cerimonial.

anos, o caso gerou tumultos entre as localidades, todas a disputarem com afinco o lugar no qual o boi deveria ser alojado. 2. Por essa altura, elevou em Nemauso⁸⁹ uma basílica de admirável beleza em honra de Plotina⁹⁰. 3. Dirigiu-se, depois disso, para as Hispânicas⁹¹ e passou o Inverno em Tarragona, onde restaurou o templo de Augusto a expensas suas. 4. Depois de convocar todos os Hispanos para se reunirem em Tarragona, como os Itálicos⁹² recusavam um recrutamento a gracejar – para empregar as mesmas palavras de Mário Máximo – e os restantes com bastante firmeza, tratou o caso com sabedoria e cautela. 5. Por essa mesma altura, correu um grande risco, que não deixou de lhe trazer glória: enquanto passeava por um jardim, junto de Tarragona, precipitou-se sobre ele, com uma espada, um escravo ensandecido do seu hospedeiro. Mas ele, depois de o dominar, entregou-o aos servos que acorriam; e, quando constatou que se tratava de um louco, entregou-o ao cuidado dos médicos, sem ficar minimamente abalado.

6. Por volta dessa altura e em outras ocasiões, em diversos lugares onde o território dos bárbaros não estava delimitado por rios, mas por fronteiras estabelecidas, separou os bárbaros com troncos bem enterrados e ligados entre si, à maneira de uma paliçada⁹³. 7.

⁸⁹ Cidade do sul da Gália, actual Nîmes.

⁹⁰ Esposa de Trajano.

⁹¹ 122-123.

⁹² Discute-se se se refere a Italianos de origem ou a comunidades que eram detentores do chamado *ius Italicum*. A passagem em si é ambígua.

⁹³ Trata-se provavelmente de zonas fronteiriças na Germânia, no triângulo entre o Reno e o Danúbio.

Designou um rei para os Germanos; reprimiu uma revolta dos Mauros e mereceu da parte do senado as acções de graças. 8. Por essa altura, uma guerra com os Partos⁹⁴ estava apenas a começar, e ele debelou-a por meio de conversações.

13. 1. Depois disto, navegou para a Acaia⁹⁵ através da Ásia e das ilhas⁹⁶ e obteve, a exemplo de Hércules e Filipe⁹⁷, os mistérios de Elêusis⁹⁸. Concedeu muitas graças aos Atenenses e presidiu aos jogos⁹⁹. 2. E, na Acaia, diz-se que foi observado o seguinte: uma vez que muitos levavam facas para as cerimónias, com Adriano ninguém entrou armado. 3. Navegou depois para a Sicília, na qual subiu ao monte Etna para ver o nascer do sol – de cores variadas, segundo dizem, como um arco-íris. 4. Dali veio para Roma¹⁰⁰, e, desta, transitou para África e concedeu muitas benesses às cidades africanas¹⁰¹. 5. Quase nenhum outro príncipe percorreu tantas terras em tão curto espaço de tempo. 6. Finalmente, depois da passagem por África e de regressar

⁹⁴ Vide nota a 4.1.

⁹⁵ Região do Peloponeso que se tornou no nome oficial da província romana da Grécia

⁹⁶ 123-125.

⁹⁷ Filipe da Macedónia, pai de Alexandre. Há quem não aceite esta proposta e prefira ler Filopapo, príncipe de Comagene exilado em Atenas e talvez o último notável a ser iniciado naqueles mistérios.

⁹⁸ Demo de Atenas onde se realizavam os célebres mistérios ligados ao culto de Demeter e Perséfone. Adriano recebeu o grau de *mistes*, nesta primeira vez.

⁹⁹ Como *agonotheta*, em 124-125. Mas já tinha presidido em 112-113, quando foi arconte.

¹⁰⁰ Em 125. Durante este período, visitou cidades de Itália. Em Abril de 128 recebeu o título de Pai da Pátria.

¹⁰¹ Em Julho de 128.

a Roma, dirigiu-se de imediato para o Oriente e, passando por Atenas¹⁰², dedicou as obras que começara junto dos Atenienses, como o templo de Júpiter Olímpico e o altar a si próprio. E, de igual modo, a caminho da Ásia, consagrou templos ao seu nome¹⁰³. 7. Em seguida, recebeu dos Capadócius escravos destinados ao acampamento¹⁰⁴. 8. Solicitou a amizade de governadores locais e reis; convidou inclusivamente Osdroes, rei dos Partos¹⁰⁵, devolveu-lhe a filha, que Trajano fizera cativa, e prometeu-lhe o trono, que tinha sido de igual modo tomado. 9. Uma vez que alguns reis se vieram encontrar com ele, tratou-os de forma a que os que não quiseram vir se arrependessem, especialmente por causa de Farasmanes¹⁰⁶, que terá desprezado de forma arrogante o convite. 10. E, circulando pelas províncias, supliciou os procuradores e governadores à conta das acções, e de forma tão dura que se acreditava que ele suscitava os acusadores¹⁰⁷.

¹⁰² Permaneceu aí de Setembro de 128 a Março de 129.

¹⁰³ O culto aos imperadores cedo se impôs no Oriente, mais favorável a tal prática. Adriano era cultuado com o nome de *Olympios* ou *Zeus Olympios*. Houve quem pensasse que Adriano desejara introduzir Cristo no culto, uma vez que construiu templos sem imagens, sem serem dedicados a nenhuma divindade em especial, que eram conhecidos apenas como “templos de Adriano”, como se relata em *Alexandre* 43.6.

¹⁰⁴ Da legião XII *Fulminata*, sediada em Mitilene.

¹⁰⁵ Vide nota a 4.1.

¹⁰⁶ Rei dos Iberos do Transcáucaso. Este povo era designado na antiguidade pelo mesmo nome dos Iberos da Península Ibérica, pelo que se tentou, sem sucesso, encontrar uma origem comum.

¹⁰⁷ Os procuradores, da classe equestre, geriam as propriedades do imperador nas províncias senatoriais, governadas por procônsules, e tratavam da colecta dos impostos directos e indirectos nas

14. 1. Entretanto, ganhou tal ódio aos habitantes de Antioquia, que quis separar a Síria da Fenícia para que aquela cidade não fosse considerada a metrópole de tantas cidades¹⁰⁸. 2. Por essa altura, também os Judeus lhe moveram guerra, por lhes verem proibida a mutilação genital¹⁰⁹. 3. Mas, no Monte Cásio¹¹⁰, ao qual subira de noite para ver o nascer do sol, enquanto ele oferecia um sacrifício, levantou-se uma tempestade e a queda de um raio atingiu a vítima e o ministro que a imolava¹¹¹. 4. Viajando através da Arábia, chegou a Pelúcio¹¹² e reconstruiu o túmulo de Pompeio de forma mais esplendente¹¹³. 5. Ao seu querido Antínoo¹¹⁴ perdeu-o enquanto navegava pelo Nilo, e chorou-o como faria uma mulher. 6. De facto, há diferentes versões: uns asseveram que ele se sacrificou por Adriano; outros o que a beleza dele e a volúpia de Adriano mostra¹¹⁵. 7. A

províncias imperiais, governadas pelos legados.

¹⁰⁸ Antioquia era capital da Síria. Provavelmente tratava-se de uma separação administrativa para enfraquecer o poder de uma província tão importante. O projecto de divisão só foi concluído em 194 por Septímio Severo. Adriano fez várias construções em Antioquia que desmentem o suposto ódio.

¹⁰⁹ Forma expressiva de se referir a circuncisão. Mas não foi este o motivo da 2ª guerra Judaica, segundo Dión Cássio (69.12-14). O problema era a colocação de um Templo de Júpiter em Jerusalém.

¹¹⁰ Na foz do Orontes. Dión Cássio (69.2.1) narra o mesmo episódio em Antioquia, pouco depois da aclamação de Adriano.

¹¹¹ Já Suetónio gostava de introduzir estes acasos dramáticos que por pouco faziam mudar a história.

¹¹² Cidade Egípcia no lado este do Delta do Nilo.

¹¹³ Cf. Dión Cássio, 69.11.1.

¹¹⁴ Jovem favorito, natural da Bitínia. No local da morte, entre Tebas e Mênfis, Adriano fundou uma nova cidade: Antinoópolis.

¹¹⁵ Dión Cássio (69.11.2) atesta que o próprio Adriano disse que ele se oferecera em sacrifício.

verdade é que os Gregos o divinizaram com a anuência de Adriano, afirmando que por ele foram proferidos oráculos, os quais, diz-se, teria sido o próprio Adriano a compor.

8. Manifestava, pois, uma dedicação extrema à poesia e às letras¹¹⁶. 9. Era um grande conhecedor de aritmética, geometria e pintura; e até se gabava da sua habilidade em tocar cítara e cantar. Nos prazeres, era excessivo; e compôs muitos versos sobre os seus favoritos; escrevia poemas de amor¹¹⁷. 10. Era igualmente assaz competente nas armas e grande conhecedor da arte militar; manejava inclusive armas de gladiadores. 11. Era de igual modo rigoroso e afável, sisudo e brincalhão, hesitante e impetuoso, fingido e sincero¹¹⁸, cruel e clemente, e sempre muito oscilante em tudo.

15. 1. Aos amigos enriqueceu-os; e até aqueles que o não pediram, embora nada negasse aos que pediam. 2. Mas, por outro lado, deu facilmente ouvidos às bisbilhotices acerca dos amigos, ao ponto de, mais tarde, tomar quase todos – quer os melhores amigos, quer os que elevou às mais altas honras – como inimigos:

¹¹⁶ A referência à composição de Oráculos (14.7) motiva a introdução, por associação, da rubrica das actividades intelectuais e artes de Adriano. Abandona-se aqui a narrativa cronológica e entra-se na descrição sistemática: *per species*, como diria Suetónio.

¹¹⁷ “Escrevia poemas de amor” parece ser uma glosa.

¹¹⁸ Os editores divergem na reconstrução e agrupamento destas características de Adriano.

tal foi o caso de Atiano¹¹⁹, Nepos¹²⁰ e Septício Claro¹²¹. 3. É que a Eudémon, que foi a princípio cúmplice do seu poder, reduziu-o à indigência¹²²; 4. a Polieno¹²³ e Marcelo¹²⁴ forçou-os ao suicídio; 5. a Heliodoro¹²⁵ desancou-o numa carta assaz difamatória; 6. em relação a Ticiano¹²⁶, consentiu não só que fosse acusado de cumplicidade numa tentativa de usurpação do poder, mas até que fosse proscrito; 7. a Umídio Quadrato¹²⁷, Catílio Severo¹²⁸ e Turbão perseguiu-os duramente; 8. a Serviano, o marido da irmã, apesar de ir já nos noventa anos de idade, coagiu-o ao suicídio, para que ele não lhe sobrevivesse; 9. finalmente, perseguiu libertos e alguns soldados. 10. E, embora se expressasse com desembaraço em prosa e em verso e fosse grande conhecedor de todas as artes, todavia punha sempre a ridículo os professores de todas as disciplinas, como se ele próprio fosse mais entendido, desdenhava deles e humilhava-os. 11. Com

¹¹⁹ Cf. 8.7; 9.3-4.

¹²⁰ Cf. 4.2; 23.4.

¹²¹ Cf. 11.3.

¹²² Parece exagero uma vez que ele continuou a fazer carreira na administração imperial.

¹²³ Desconhecido. Magie mantém *Polaenus*.

¹²⁴ Parece tratar-se de C. Públicio Marcelo, governador da Germânia Superior e depois da Síria. Caiu vítima da purga de 136-138.

¹²⁵ Parece ser Avídio Heliodoro, filósofo epicurista, mencionado em 16.10, e pai do futuro usurpador Avídio Cássio. Foi secretário da correspondência (*ab epistulis*) de Adriano e prefeito do Egípto no final deste principado.

¹²⁶ T. Atílio Rufo Ticiano, cônsul ordinário em 127. Foi condenado no tempo de Antonino (cf. *Pio* 7.3).

¹²⁷ Cônsul juntamente com Adriano em 118. Fora amigo de Plínio (cf. *Ep.* 6.11; 7.24).

¹²⁸ Bisavô de Marco Aurélio por adoção.

estes mesmos professores e com os filósofos entrava frequentemente em disputa ora no que toca a livros, ora a poemas, publicados por uns e por outros. 12. E, de facto, Favorino¹²⁹ foi, certa vez, objecto de reparo de Adriano a respeito de uma palavra e cedeu. Quando os amigos argumentaram que fazia mal em ceder a Adriano no que toca a uma palavra que bons autores tinham usado, ele provocou uma risada bem deliciosa ao responder: 13 «Não estão a ser bons conselheiros, meus caros, se não me deixam considerar como mais sábio de todos um homem que tem trinta legiões!»

16. 1. Adriano tinha tal desejo de se celebrar, que entregou os livros da sua biografia, escritos por si próprio, aos seus libertos eruditos, com ordens para os publicarem sob o nome deles. De facto, diz-se que os livros de Flégon¹³⁰ são de Adriano. 2. Escreveu *Catacanas*¹³¹, obra obscura à imitação de Antímaco¹³². 3. Certa vez em que o poeta Floro¹³³ lhe escreveu:

*Eu César não quero ser,
caminhar entre Britanos,
esconder-me entre [Germanos¹³⁴],*

¹²⁹ Retórico natural de Arelate (Arles), amigo de Plutarco e Aulo Gélio.

¹³⁰ Autor de uma História de Roma que ia até à morte de Adriano.

¹³¹ Género desconhecido.

¹³² Poeta erudito, contemporâneo de Platão, que Adriano preferia a Homero (cf. Díon Cássio, 69.4). Era autor de uma *Tebaida* e de uma elegia sobre a morte da esposa.

¹³³ Provavelmente Ânio Floro.

¹³⁴ *Germanos* é uma verosímil suposição de E. Rösinger (1868) adoptada por J-P Callu.

sofrer as neves cítias,

Adriano respondeu:

*Eu Floro não quero ser,
caminhar entre barracas,
esconder-me nas tavernas,
sofrer mosquitos dos gordos.*

5. Além disso, gostava de um estilo arcaico. Declamava “controvérsias”¹³⁵. 6. Preferia Catão a Cícero, Énio a Virgílio, Célio¹³⁶ a Salústio; e com idêntica prosápia expressava juízos sobre Homero e Platão. 7. Em astrologia, julgava-se um tal conhecedor que, de facto, nas calendas de Janeiro¹³⁷, escrevia o que lhe poderia acontecer para todo aquele ano; ao ponto de, no ano em que morreu, ter escrito o que iria fazer, precisamente até à hora da morte.

8. Mas, propenso embora a censurar músicos, tragediógrafos, comediógrafos, gramáticos, retores, todavia a todos esses mestres cumulou de honras e tornou ricos, apesar de os atormentar continuamente com questões. 9. E, ainda que fosse ele próprio o causador de muitos se retirarem ressentidos de junto dele, dizia que lhe custava muito ver alguém ressentido. 10. Manteve

¹³⁵ As *controversiae* representavam um dos exercícios de declamação em voga nas escolas de retórica do início do Império e que consistia essencialmente num debate jurídico imaginário, em que os praticantes eram convidados a defender um ou outro ponto de vista do mesmo assunto.

¹³⁶ Célio Antípatro, historiador do séc. II a.C., autor de uma história da 2ª Guerra Púnica.

¹³⁷ Dia 1.

grande intimidade com os filósofos Epicteto¹³⁸ e Heliodoro¹³⁹ e — para não os estar a mencionar a todos pelo nome — com os gramáticos, retores, músicos, géometras, pintores, astrólogos e, acima de todos os outros, Favorino, como muitos asseveram. 11. Os professores que lhe pareciam incompetentes demitiu-os da profissão, depois de os enriquecer e cumular de honras.

17. 1. Àqueles que ele considerava inimigos enquanto era um cidadão privado, uma vez imperador ignorou-os a tal ponto que a um fulano, por quem tivera um ódio mortal, quando chegou ao poder, disse: «livraste-te de boa!». 2. Aos que ele próprio chamava para o serviço militar fornecia-lhes cavalos, mulas, roupas, ajudas de custo e todo o equipamento. 3. Pelas Saturnais e Sigilárias¹⁴⁰ enviava frequentemente presentes de surpresa aos amigos; e ele próprio os recebia deles com agrado e lhos retribuía, por sua vez, com outras dádivas. 4. Para apanhar as fraudes dos fornecedores, quando dava refeições com muitos leitões, ordenava que lhe fossem servidas as iguarias das outras mesas, e mesmo das últimas. 5. Bateu todos os reis com as suas dádivas. Ia frequentemente às termas e tomava banho com toda a gente. 6. Daí a origem daquela anedota no balneário

¹³⁸ Famoso filósofo estóico, natural de Hierápolis, na Frígia (actual Pamukale, na Turquia). Veio para Roma como escravo de Epafrodito, o famoso liberto de Nero. Exilado por Domiciano em 93, foi para Nicópolis, na Grécia onde ensinou.

¹³⁹ Filósofo epicurista, pai do usurpador Avídio Cássio. Vide nota a 15.5.

¹⁴⁰ A festa dos últimos dias das Saturnais, em que se ofereciam pequenas estatuetas.

que se tornou famosa: é que ao ver, uma vez, um certo veterano, que tinha conhecido no exército, a esfregar as costas e o resto do corpo contra a parede, perguntou-lhe porque usava os mármore para se friccionar. Quando o ouviu dizer que procedia assim por não ter um escravo, não só o presenteou com escravos, como também com as despesas da sua manutenção. 7. Ora, num outro dia, como vários anciãos se puseram a esfregar-se na parede para suscitar a liberalidade do príncipe, ele mandou-os chamar e friccionarem-se à vez uns aos outros. 8. Amava ostensivamente a plebe. Tinha um tal apetite por viagens, que tudo o que lera sobre os lugares do mundo queria aprendê-lo pessoalmente no local. 9. Suportava o frio e a intempérie com tal resistência, que nunca cobria a cabeça. 10. Concedeu muito aos reis, e, se à maior parte até comprou a paz, por alguns foi tratado com desprezo. 11. A muitos deu grandiosos presentes, mas a nenhum maiores que ao rei dos Iberos¹⁴¹, a quem ofereceu um elefante e uma coorte de cinquenta homens, como corolário de sublimes dádivas. 12. Uma vez que também ele próprio recebeu de Farasmanes grandiosos presentes, entre os quais se contavam clâmides¹⁴² bordadas a ouro, para troçar das dádivas dele enviou para a arena trezentos condenados com clâmides bordadas a ouro.

18. 1. Quando presidia a julgamentos, não tinha no conselho amigos seus ou cortesãos, mas jurisconsultos e principalmente Juvêncio Celso¹⁴³,

¹⁴¹ Farasmanes; cf. nota a 13.9.

¹⁴² Manto de origem grega, usado por soldados e mensageiros, preso por um alfinete em cima do ombro direito.

¹⁴³ Autor de 39 livros de *Digesta*, usados por Justiniano na

Sálvio Juliano¹⁴⁴, Nerácio Prisco¹⁴⁵ e outros, desde que, no entanto, contassem com a aprovação de todo o senado. 2. Determinou, entre outras medidas, que, em nenhuma cidade, casa alguma fosse demolida na mira de transportar qualquer material para outra urbe. 3. Aos filhos dos proscritos concedeu um duodécimo dos bens patrimoniais¹⁴⁶. 4. Não admitiu acusações de lesa-majestade. 5. Rejeitava heranças de quem não conhecia e não as aceitava dos conhecidos, se tivessem filhos. 6. Sobre os tesouros, tratou de assegurar que, se alguém encontrasse um na sua propriedade, se tornasse ele mesmo o possuidor; se alguém encontrasse um na propriedade de outro, desse metade ao dono; se alguém encontrasse um em propriedade pública, o dividisse em partes iguais com o fisco. 7. Proibiu os senhores de matarem os escravos e ordenou que quem a tal se atrevesse fosse condenado pelos juízes. 8. Proibiu a venda de escravos ou escravas a alcoviteiros e mestres de gladiadores sem a apresentação de um motivo. 9. Aos que dilapidaram os seus bens, se juridicamente culpáveis, mandou que fossem açoitados no anfiteatro

compilação dos seus *Digesta*. Pertencia à escola pragmatista.

¹⁴⁴ Jurista da geração seguinte à de Celso e de tendência formalista, contribuiu para a constituição do *Edictum Perpetuum*, uma sistematização dos edictos dos pretores e das leis dos imperadores. Também compôs 90 livros de *Digesta*, pelo que foi citado na obra de Justiniano.

¹⁴⁵ Cf. 4.8.

¹⁴⁶ As propriedades dos condenados à morte ou ao exílio eram confiscadas. O valor da concessão foi variando. A determinação de Adriano deveria referir-se a um mínimo ou que um duodécimo era reservado para cada filho.

e mandados embora. 10. Aboliu os ergástulos¹⁴⁷ para escravos e homens livres. 11. Separou os banhos por sexos. Determinou que, se um senhor fosse morto em casa, não se aplicasse a investigação a todos os escravos¹⁴⁸, mas apenas àqueles que, pela proximidade, pudessem ter dado conta do crime.

19. 1. Exerceu a pretura¹⁴⁹ na Etrúria, enquanto imperador. Nas cidades do Lácio foi ditador, edil e duúviro; em Nápoles, demarco¹⁵⁰; na sua pátria¹⁵¹, foi magistrado quinquenal, tal como o foi também em Ádria¹⁵², que era como uma segunda pátria; e, em Atenas, foi arconte.

2. Em quase todas as cidades fez algumas construções e ofereceu jogos. 3. Em Atenas, apresentou no estádio uma caçada com animais selvagens. 4. Nunca chamou para fora de Roma nenhum bestiário¹⁵³ nem actor. 5. Em Roma, como corolário de outros incomensuráveis deleites, ofereceu ao povo especiarias em honra da sua sogra; e em honra de Trajano mandou espargir pelos degraus do teatro bálsamos e açafraão. 6.

¹⁴⁷ Os *ergastula* eram prisões de escravos. Há dúvidas no texto, derivadas de discordâncias nos manuscritos: sobre se se trata de *liberorum* ou de *libertorum*.

¹⁴⁸ A investigação implicava tortura dos escravos.

¹⁴⁹ Adriano exerceu vários postos honoríficos de várias cidades. Na Etrúria, o pretor era a magistratura suprema ao final do império. Originalmente, também em Roma, os cônsules seriam designados pretores; ou talvez *praetores consules*.

¹⁵⁰ Sendo uma cidade grega, manteve o nome do antigo magistrado local.

¹⁵¹ Em Itália, na Hispânia: cf. 1.1.

¹⁵² Vide nota a 1.1.

¹⁵³ *Venator* ‘caçador’. O contexto é o das *uenationes* – espectáculos envolvendo lutas com animais selvagens.

Ofereceu no teatro peças de todo o género à moda antiga e apresentou em público os actores da corte. 7. Realizou matanças de muitos animais selvagens no Circo e amiúde um cento de leões de uma vez. 8. Apresentou com frequência ao povo danças pírricas militares¹⁵⁴. Assistia assiduamente aos espectáculos de gladiadores. 9. Tendo construído um número infinito de monumentos, jamais escreveu neles o seu nome, a não ser no templo do seu pai Trajano. 10. Em Roma, restaurou o Panteão¹⁵⁵, o recinto das votações¹⁵⁶, a Basílica de Neptuno¹⁵⁷, diversos santuários, o Foro de Augusto, os banhos de Agripa¹⁵⁸, e a todos estes consagrou em nome dos autores originais. 11. Construiu em seu nome uma ponte e um mausoléu¹⁵⁹ ao lado do Tibre e do templo da Bona Dea¹⁶⁰. 12. Por obra do architecto Decriano, deslocou o colosso¹⁶¹, de

¹⁵⁴ Danças guerreiras, executadas com armadura ao som da flauta. Foram introduzidos nos jogos em Roma por Júlio César (Suetónio, *Jul.* 39)

¹⁵⁵ Construído originalmente por M. Agripa, de quem subsiste a inscrição.

¹⁵⁶ Os chamados *Saepta Iulia*: onde se realizavam as votações por centúrias.

¹⁵⁷ Construída por Agripa em 25 a.C., para comemorar as vitórias em Milas, sobre Sexto Pompeio, e em Áccio sobre António e Cleópatra.

¹⁵⁸ Construídos por Agripa, a sul do Panteão.

¹⁵⁹ O actual Castel Sant'Angelo.

¹⁶⁰ A Boa Deusa. Divindade Itálica que tinha um templo no Aventino. Era cultuada numa cerimónia nocturna em que só participavam mulheres. Clódio foi acusado de ter penetrado nesta cerimónia vestido de mulher, para se encontrar, supostamente, com a esposa de César, que presidia à cerimónia, enquanto esposa do Pontífice Máximo.

¹⁶¹ Estátua colossal de Nero, com cerca de 34 m de altura, colocada no vestíbulo da *Domus Aurea*, o palácio de Nero construído

pé e suspenso, do lugar em que agora se ergue o templo da Urbe¹⁶² – um esforço descomunal, ao ponto de, para levar a cabo a obra, empregar vinte e quatro elefantes. 13. Esta estátua, depois de lhe apagar os traços de Nero, a quem antes tinha sido dedicada, dedicou-a ao sol e pensou fazer outra para a lua, da autoria do arquitecto Apolodoro.

20. 1. Nas conversas, mesmo com os mais humildes, era bastante sociável, pelo que abominava aqueles que, a pretexto de quererem preservar a dignidade do príncipe, viam com maus olhos este prazer em ser atencioso. 2. No Museu de Alexandria, colocou múltiplas questões aos professores e, depois de as propor, ele próprio as resolveu. 3. Diz Mário Máximo que ele era cruel por natureza, e se agiu muitas vezes com bondade, foi porque temia que lhe acontecesse o mesmo que a Domiciano¹⁶³.

4. Apesar de não gostar de deixar lendas nas suas obras, deu o nome de Adrianópolis a muitas cidades, como à própria Cartago e a uma parte de Atenas. 5. Deu o seu nome a um sem-número de aquedutos. 6. Instituiu pela primeira vez um advogado do fisco¹⁶⁴.

7. Tinha uma memória prodigiosa, capacidades ilimitadas. Com efeito, ditava ele próprio os discursos e respondia a todas as questões. 8. Subsistem dele

após o incêndio de 64 d.C. (Cf. Suetónio, *Nero* 31.1; Díon Cássio, 65.15.1). Foi restaurada no tempo de Vespasiano (Suetónio, *Ves.* 18); terá sido deslocada com uma grua movida por elefantes.

¹⁶² O templo de Roma e de Vénus.

¹⁶³ Domiciano foi assassinado em 96, numa conjura palaciana em que estavam envolvidos membros da sua família.

¹⁶⁴ Que se tornou o primeiro patamar da carreira equestre.

numerosos ditos de espírito, já que também era brincalhão. Ficou famosa aquela resposta, dada a um fulano de cabelos brancos, a quem o imperador recusara algo: quando o tipo veio de novo com o mesmo pedido, mas já de cabelo tingido, respondeu-lhe: «já recusei isso ao teu pai!». 9. Recordava, sem ajuda do nomenclador¹⁶⁵, grande número de nomes que ouvira uma única vez e em conjunto, ao ponto de frequentemente corrigir os nomencladores que se equivocavam. 10. Indicava até o nome dos veteranos que tinha desmobilizado em qualquer altura. Repetia de cor os livros acabados de ler, e mesmo os desconhecidos da maioria. 11. Conseguia, ao mesmo tempo, escrever, ditar, ouvir e conversar com os amigos, por incrível que pareça. Abarcava de tal modo todas as contas públicas, como nem um qualquer metucioso pai de família conhece a sua própria casa. 12. Gostava tanto de cavalos e cães, que lhes construía túmulos. 13. Fundou algures uma praça forte de nome Adrianóteras, por ali ter tido sorte na caça e ter certa vez matado uma urso.

21. 1. No que respeita aos juízes, sempre a escrutinar todas as suas acções, investigava durante tanto tempo quanto o necessário para descobrir a verdade. 2. Não permitia que os seus libertos fossem conhecidos em público nem que tivessem algum poder junto de si; e, além de imputar, segundo um dito seu, os vícios dos libertos a todos os seus predecessores, castigava todos os libertos que se vangloriassem à conta dele. 3. Daqui

¹⁶⁵ O *nomenclator* era o escravo encarregado de dizer ao senhor o nome das pessoas presentes.

resulta aquela sua reacção – implacável, é certo, mas também espirituosa – acerca dos servos: é que ao ver, em determinada altura, um dos seus escravos a caminhar, longe de si, entre dois senadores, enviou alguém para lhe dar uma bofetada e lhe dizer: «Não caminhes entre aqueles de quem podes vir a ser escravo!». 4. Entre os pratos, gostava especialmente do “tetrafármaco”¹⁶⁶, que era composto de faisão, tetas de porca, presunto e massa.

5. Ocorreram, durante o tempo do seu governo, fomes, peste, terramotos – situações de que tratou de cuidar tanto quanto pôde, e prestou auxílio a muitas cidades devastadas por estas catástrofes. 6. Houve também uma inundação do Tibre. 7. Outorgou a cidadania latina¹⁶⁷ a muitas cidades e devolveu o tributo a muitas outras.

8. Não houve campanhas de peso sob o seu governo; e até as guerras decorreram quase sem que delas se falasse. 9. Os soldados apreciavam-no muito,

¹⁶⁶ Uma aplicação à culinária de uma expressão de origem medicinal: “emplastro de quatro substâncias”. Também se chamava “pentafármaco”, como se afirma em *Élio* 5.4-5. Era um prato apreciado também por Alexandre Severo: vide *Alexandre* 30.6.

¹⁶⁷ O *Ius Latii* era um antigo estatuto atribuído aos cidadãos de certas cidades do Lácio e, depois, a colónias de direito latino (que continuaram a ser fundadas mesmo a partir de 338 a.C., data da extinção da Liga Latina). Era uma das várias formas jurídicas da relação de Roma com os seus aliados itálicos. Não sendo a cidadania plena, conferia na relação com Roma certos direitos, especialmente de comércio e de casamento. A partir de certa altura, quando estes cidadãos migrassem para Roma, obtinham a cidadania completa, mas exigia-se que deixassem um filho no local de origem, para evitar a fuga da população. Mais tarde, preferiu-se conferir a cidadania plena aos magistrados locais, uma forma de Roma controlar as elites locais.

por causa do seu extremo desvelo para com o exército, bem como pela grande liberalidade que, ao mesmo tempo, manifestou para com eles. 10. Contou sempre com a amizade dos Partos¹⁶⁸, pois libertou-os do rei que Trajano lhes havia imposto. 11. Permitiu aos Armênios terem um rei, ao passo que no tempo de Trajano tinham um governador. 12. Aos habitantes da Mesopotâmia não exigiu o tributo que Trajano lhes impusera. 13. Conseguiu grande amizade dos Albanos¹⁶⁹ e Iberos¹⁷⁰ porque cumulou os seus reis de benesses, apesar de eles não terem feito caso de o virem visitar. 14. Os reis dos Bactrianos¹⁷¹ enviaram-lhe embaixadores para, em atitude suplicante, pedirem a sua amizade.

22. 1. Nomeava muito amiúde tutores. Mantinha a disciplina civil da mesma forma que mantinha a disciplina militar. 2. Ordenou que os senadores e os cavaleiros se apresentassem em público sempre de toga, a menos que regressassem de um jantar. 3. Ele próprio, se estava em Itália, apresentava-se sempre de toga. 4. Nos banquetes, recebia de pé os senadores que chegavam, e reclinava-se¹⁷² sempre coberto com o pálio¹⁷³ ou a toga. 5. Determinou com extremoso afã o custo dos banquetes para cada dia e reduziu-o aos padrões antigos. 6. Proibiu

¹⁶⁸ Vide nota a 4.1.

¹⁶⁹ Antigo povo do Cáucaso, que se não deve confundir com o da actual Albânia Balcânica.

¹⁷⁰ Vide nota a 13.9.

¹⁷¹ Habitantes da antiga cidade de Bácia (actual Balkh no Afeganistão).

¹⁷² Referência ao costume do uso de leitos nos quais os convivas se reclinavam para comer.

¹⁷³ Manto grego que correspondia à toga dos romanos.

a entrada na Urbe a carros com cargas desconumais e não permitiu montar a cavalo dentro das cidades. 7. Ninguém, à exceção dos doentes, estava autorizado a lavar-se nos banhos públicos antes da oitava hora. 8. Foi o primeiro a colocar cavaleiros à frente dos gabinetes da correspondência e das petições¹⁷⁴. 9. Aqueles que ele via que eram pobres sem terem culpa enriquecia-os de moto próprio, mas aqueles que se tinham tornado ricos de modo arteiro tomava-os de ponta. 10. Cuidava com desvelo dos cultos romanos, mas desprezava os estrangeiros. Cumpriu até ao fim as funções do Pontífice Máximo¹⁷⁵. 11. Ouvia frequentemente causas quer em Roma quer nas províncias e admitiu no seu conselho cônsules e pretores, bem como os mais notáveis senadores. 12. Tratou da drenagem do lago Fúcinio¹⁷⁶. 13. Estabeleceu quatro juízes de categoria consular para toda a Itália. 14. Quando foi a África, choveu à sua chegada como não acontecia havia cinco anos; e, por isso, foi estimado pelos Africanos.

23. 1. Após ter percorrido, por certo, todas as partes do mundo de cabeça descoberta e, muitas vezes, no meio dos maiores temporais e frios, acabou por cair de cama, doente. 2. Passou, então, a preocupar-se com o sucessor e, primeiramente, pensou em Serviano, que, depois, forçou ao suicídio, como dissemos¹⁷⁷. 3. O mesmo

¹⁷⁴ Respectivamente *ab epistulis* e *a libellis*. Com esta reforma Adriano afastou os libertos destes postos e transformou os cavaleiros em funcionários da administração imperial.

¹⁷⁵ Esta afirmação pode não ser inocente, dado o abandono deste cargo sacerdotal em 376 ou 379 por parte de Graciano.

¹⁷⁶ Trabalho já tentado antes por Cláudio e por Trajano.

¹⁷⁷ Cf.15.8.

aconteceu com Fusco¹⁷⁸, que acalentava esperanças de ser imperador, movido por vaticínios e sinais prodigiosos.

4. Odiava sobremaneira Platório Nepos, levado por suspeitas; ao passo que, anteriormente, o estimava tanto que, apesar de Adriano não ter sido recebido quando o foi visitar, na altura em que ele estava doente, não o puniu.

5. E odiava do mesmo modo Terêncio Genciano¹⁷⁹, e a este de forma mais encarniçada, pois via que ele era estimado pelo senado.

6. Em suma, odiou todos aqueles cujo acesso ao poder considerou, como se estivessem para se tornar imperadores.

7. E, no entanto, reprimiu todos os impulsos da sua crueldade inata, até ao momento em que, na *Villa* de Tíbur¹⁸⁰ chegou quase às portas da morte devido a uma hemorragia.

8. Então, já sem peias, forçou Serviano ao suicídio, como pretendente ao império, com o pretexto de que tinha enviado um jantar aos escravos do palácio; de que se tinha sentado num trono real colocado ao lado do leito e de que, sendo embora um ancião de noventa anos, avançou todo direito ao encontro do destacamento dos soldados.

Coagiu muitos outros ao suicídio, eliminados às claras ou através de armadilhas.

9. E mesmo quando a esposa Sabina morreu, não deixou de estalar boato de que um veneno lhe tinha sido administrado por Adriano.

¹⁷⁸ Pediano Fusco, neto de Serviano. Morreu com 18 anos, segundo Díon Cássio, 69.17.1.

¹⁷⁹ Comandante de Trajano nas guerras da Dácia.

¹⁸⁰ Complexo residencial, mandada construir por Adriano em Tíbur, actual Tivoli, a 23 km de Roma. O conjunto, com uma área de cerca de 1 km quadrado, incluía diversos edifícios: palácios, termas, bibliotecas, templos, fontes, um teatro etc. Cada lugar representava uma recordação das viagens de Adriano.

10. Decidiu-se então a adoptar¹⁸¹ Ceiónio Cómodo, genro de Nigrino, outrora conspirador, mas cuja beleza o recomendava. 11. Adoptou, portanto, Ceiónio Cómodo, contra a vontade de toda gente, e chamou-lhe Élio Vero César. 12. Pela adopção dele, ofereceu jogos circenses e desembolsou uma soma para dar ao povo e aos soldados. 13. Honrou o adoptado com a pretura, colocou-o logo à frente das Panónias¹⁸², depois de o designar como cônsul, financiando as despesas do cargo¹⁸³. Concedeu ainda ao mesmo Cómodo um segundo consulado. 14. Mas, ao vê-lo pouco saudável, costumava repetir com muita frequência: «inclinámo-nos sobre uma parede fraca e deitámos a perder quatrocentos milhões de sestércios, que foi quanto demos ao povo e aos soldados pela adopção de Cómodo». 15. Por seu turno, Cómodo, por causa da doença, não teve possibilidade de agradecer a Adriano, no senado, a sua adopção. 15. De resto, depois de receber uma dose reforçada de remédio, a doença agravou-se, pelo que morreu durante o sono nas próprias calendas de Janeiro – daí a razão de Adriano proibir os lamentos fúnebres, por causa da cerimónia dos votos feita nesse dia.

24. 1. E, uma vez morto Élio Vero César, Adriano, tendo caído seriamente doente, tratou de adoptar Árrio Antonino¹⁸⁴, depois chamado Pio, com

¹⁸¹ Vide nota a 2.5.

¹⁸² Vide nota a 6.6.

¹⁸³ Na verdade foi pretor em 130 e cônsul em 136, ano em que foi adoptado. Foi cônsul pela segunda vez em 137.

¹⁸⁴ Chamava-se T. Aurélio Fulvo Boiónio Árrio Antonino; e

a imposição legal, todavia, de adoptar dois filhos: Ânio Vero e Marco Antonino¹⁸⁵. 2. São estes os dois primeiros que governaram mais tarde em pé de igualdade como Augustos. 3. E, no que toca a Antonino Pio, diz-se que foi chamado deste modo, por segurar o braço do sogro, então diminuído pela idade; 4. embora outros afirmem que este cognome lhe foi posto por ter livrado muitos senadores, quando Adriano se tornou mais cruel; 5. e outros ainda dizem que foi por ele ter dedicado muitas honras a Adriano depois da morte¹⁸⁶. 6. Muitos foram então os que lamentaram a adopção de Antonino, particularmente Catílio Severo, o prefeito da cidade¹⁸⁷, que se preparava para se assenhorear do poder. 7 Quando tal se tornou manifesto, ele foi privado do cargo e um sucessor foi designado.

8. Mas Adriano, tomado por um extremo desgosto da vida, ordenou a um escravo que o trespassasse com uma espada. 9. Quando tal se soube e chegou aos ouvidos de Antonino, vieram ter com o imperador os prefeitos e o filho, para lhe suplicarem que suportasse de boa mente a fatalidade da doença; e Antonino declarava que seria ele próprio um parricida se, depois de ter sido

passou a chamar-se T. Élio César Antonino.

¹⁸⁵ Há confusão de nomes. M. Ânio Vero seria o nome de Marco Antonino antes de ascender ao trono. O biógrafo queria referir-se a L. Ceiónio Cómodo, filho de Élio César, chamado, depois da adopção, L. Élio Aurélio Cómodo, e que governou com o nome de Lúcio Vero. O segundo adoptado, M. Ânio Vero, receberia na altura o nome de M. Élio Aurélio, e passaria a chamar-se M. Aurélio Antonino, depois da morte de Antonino Pio.

¹⁸⁶ Cf. 25.8; 27.4; *Pio* 2.3-5.

¹⁸⁷ Vide nota a 5.5.

adoptado, consentisse que Adriano fosse morto. 10. E este, irritado com o autor da fuga de informação, mandou-o matar; foi, no entanto, salvo por Antonino. 11. O imperador redigiu imediatamente o testamento, sem, todavia, descurar os assuntos do Estado. 12. E, contudo, depois de feito o testamento tentou de novo matar-se, mas como lhe foi retirado o punhal, tornou-se mais violento. 13. Pediu até veneno ao seu médico, que, por sua vez, se suicidou, para não lho dar.

25. 1. Por esta altura, apareceu uma certa mulher a dizer ter sido avisada num sonho para que recomendasse a Adriano que não se matasse, pois iria recuperar bem; e que, por não ter cumprido o aviso, ficara cega. Fora, no entanto, avisada de novo para que transmitisse aquelas palavras a Adriano e lhe beijasse os joelhos, pois, se tal fizesse, recuperaria a visão. 2. Pelo que, completada a indicação do sonho, recuperou a visão, ao lavar os olhos com água do santuário do qual provinha. 3. Também chegou da Panónia um certo velho que tocou Adriano quando ele estava em estado febril. 4. Ao mesmo tempo, ele próprio recuperou a visão e a febre deixou Adriano. Só que Mário Máximo reporta estas informações como produto de falsificação.

5. Depois disto, Adriano, deixando Antonino a governar em Roma, dirigiu-se para Baias¹⁸⁸. 6. Aí, como não encontrava nenhuma melhoria, mandou buscar Antonino e morreu na presença dele, em Baias, no sexto dia antes dos idos de Julho¹⁸⁹. 7. Odiado por todos, foi

¹⁸⁸ Vide nota a 7.2.

¹⁸⁹ No dia 10 de Julho de 138.

sepultado em Putéolos¹⁹⁰, na quinta de Cícero.

8. Mesmo já em cima do momento da morte forçou ao suicídio, como ficou dito acima¹⁹¹, Serviano, que ia nos noventa anos, para que este lhe não sobrevivesse e, como pensava, não viesse a governar; e à conta de leves ofensas, mandou matar numerosas pessoas, que Antonino salvou. 9. E mesmo às portas da morte compôs estes versos, diz-se:

*Alminha, fugidia, meiguinha,
hóspede e companheira do corpo;
que lugares demandas agora,
pálidos, enregelados, despojados?!
Já não dirás graçolas como costumás!*

10. Tal era o tipo de versos que fez, e outros melhores, não muitos, e em grego. 11. Viveu sessenta e dois anos, cinco meses e dezassete dias e governou vinte anos e onze meses.

26. 1. Era de estatura elevada, aparência elegante, o cabelo penteado às ondas, barba crescida, de modo a cobrir as cicatrizes congénitas que tinha na face, compleição robusta. 2. Andava muito a cavalo e a pé e exercitava-se continuamente com armas e com dardos. 3. Caçava muitíssimas vezes leões e matava-os com as suas próprias mãos. Foi a caçar que partiu uma clavícula e uma costela. Partilhava sempre a caçada com os amigos. 4.

¹⁹⁰ Antiga cidade da Campânia, na baía de Nápoles, actual Puzzuoli. Foi fundada pelos gregos no séc. VI e recebeu uma colónia romana em 194 a.C. Cícero tinha ali uma casa.

¹⁹¹ Cf. 15.8; 23.2 e 8.

Nos banquetes, apresentava sempre, conforme a situação, tragédias, comédias, atelanas, tocadoras de sambuca¹⁹², leitores e poetas. 5. Edificou a *Villa* de Tíbur de forma tão extraordinária, que nela inscreveu os nomes de locais bastante célebres das províncias, como o Liceu¹⁹³, a Academia¹⁹⁴, o Pritaneu¹⁹⁵, o Canopo¹⁹⁶, o Pécile¹⁹⁷, Tempe¹⁹⁸. E, para nada deixar de fora, até incluiu os infernos.

6. Como presságios da sua morte contou com os seguintes sinais: no seu último aniversário, enquanto procedia à recomendação de Antonino a toga pretexta¹⁹⁹ escorregou sozinha e destapou a cabeça. 7. Um anel em que tinha gravado o seu retrato deslizou sozinho do dedo. 8. Na véspera do seu aniversário, alguém chegou ao senado em lamentos e, diante deste, Adriano ficou abalado, como se ele falasse da sua morte, já que ninguém percebia o que ele dizia. 9. Ele próprio, uma vez que queria dizer no senado «depois da morte do meu

¹⁹² Espécie de harpa tocada por mulheres de má reputação.

¹⁹³ Escola fundada por Aristóteles em 335, em Atenas, junto ao bosque de Apolo *Lykeios*.

¹⁹⁴ Nome da famosa escola fundada por Platão em Atenas.

¹⁹⁵ Edifício público que representava o centro religioso e cívico das cidades gregas, onde era preservado o fogo sagrado, se davam os banquetes públicos ou se oferecia hospitalidade. Nome relacionado com os magistrados designados por prítanes.

¹⁹⁶ Cidade egípcia do Delta do Nilo.

¹⁹⁷ Pórtico da ágora de Atenas, chamado Pécile por apresentar painéis pintados. Daqui retiram o nome os filósofos estóicos: por se reunirem nesta *stoa* “pórtico”.

¹⁹⁸ Vale da Tessália que servia de passagem para a Macedónia.

¹⁹⁹ A *toga praetexta*, ornada por uma faixa púrpura, era usada pelos magistrados e pelos sacerdotes. Era também usada pelos rapazes antes de atingirem a idade adulta.

filho», disse «depois da minha morte». 10. Sonhou, além disso que estava a pedir ao pai um soporífero. Sonhou de igual modo que era atacado por um leão.

27. 1. Contra o falecido muitas coisas foram ditas por muita gente. 2. O senado queria revogar os actos dele. Nem sequer teria sido proclamado divino se Antonino não o pedisse. 3. Este, por fim, construiu-lhe um templo por túmulo e instituiu um concurso quinquenal, flâmines, uma confraria do culto²⁰⁰ e muitas outras mercês que dizem respeito a quem é honrado como uma divindade. 4. É por essa razão, como acima foi dito, que muitos acham que Antonino foi chamado Pio.

²⁰⁰ *Sodales* – irmandades que se destinavam ao culto dos imperadores.

VIDA DE ÉLIO

[Élio Esparciano*]

* Trata-se, muito provavelmente, de um autor fictício. Sobre esta questão, ver a Introdução a este volume.

(Página deixada propositadamente em branco)

1. 1. Ao Augusto Diocleciano¹, a quem o seu Élio Esparciano saúda. Está no meu ânimo, ó Augusto Diocleciano, o maior de todos os príncipes, levar ao conhecimento da tua divindade não apenas aqueles que governaram como príncipes, estatuto² que manténs, tal como fiz em relação ao divino Adriano, mas também aqueles que ou foram chamados pelo nome de «Césares», sem que no entanto tenham sido príncipes ou «Augustos», ou que de alguma outra forma vieram a ter a fama ou a esperança do principado. 2. Destes há que referir principalmente Élio³ Vero, o primeiro a ter recebido apenas o nome de «César» e a ser aceite na família do príncipe ao ter sido adoptado por Adriano⁴. 3. E visto que é muito pouco o que há a dizer e também porque o prólogo não deve ser maior do que a narrativa, passo de imediato a falar dele.

¹ O imperador Diocleciano (c. 240-313 d.C.).

² Em latim, o termo *statio*, que aqui traduzimos por «estatuto», relaciona-se tanto com «algo que se mantém» como com a ideia de «posto militar». Neste contexto, refere-se claramente à dignidade imperial, mas os sentidos paralelos são subliminares.

³ O texto latino de algumas lições apresenta a forma helenizada *Helius*, mas as traduções modernas têm assumido a forma *Aelius*, dado que se tratava da família *Aelia*.

⁴ Lúcio Ceiónio Cómodo (c. 104-138 d.C.) foi pretor em 130 d.C. e cônsul em 136 d.C. Neste mesmo ano foi adoptado por Adriano, momento em que passou a chamar-se Lúcio Élio César. Morreu, todavia, em 138 d.C., sem ter chegado a exercer de facto o cargo de imperador, pelo que nunca assumiu os títulos imperiais. A partir de Élio passou a ser comum o filho do príncipe usar o nome «César».

2. 1. Ceiónio Cómodo, também chamado Élio Vero⁵, a quem Adriano adoptou depois de ter atravessado o orbe terrestre e pressionado por doenças que, à medida que a idade se fazia mais pesada, se iam tornado cada vez mais terríveis, nada teve de memorável na sua vida, a não ser o facto de ter sido o primeiro a ser chamado «César» não por testamento, como era até então costume⁶, nem do modo como Trajano foi adoptado⁷, mas da mesma maneira que, nos nossos tempos e por vossa clemência⁸, Maximiano⁹ e Constâncio¹⁰ foram chamados «Césares»,

⁵ Na verdade, o *cognomen* «Vero» referido na História Augusta não está atestado noutras fontes, como moedas ou inscrições. Alguns autores pensam que deriva de uma confusão com Lúcio Élio Vero (130-169 d.C.), filho do próprio Élio, mais tarde adoptado por Antonino Pio.

⁶ Designadamente entre Júlio César e Octávio.

⁷ Trajano, pelo contrário, ao ser adoptado não recebeu o nome de «César».

⁸ Sobre a *clementia* como atributo imperial, ver M. H. da Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica – II volume, Cultura Romana*, Lisboa, FCG, 2002³, 368-373.

⁹ Marco Aurélio Valério Maximiano (c. 250-310 d.C.) foi imperador romano, tendo governado a parte ocidental do Império entre 285 e 305 d.C. Antes da acessão imperial, Maximiano foi oficial ao lado de Diocleciano, tendo sido proclamado «César», um «vice-imperador» com responsabilidades governativas, em 285 d.C. Pouco tempo depois, na sequência da neutralização de uma rebelião camponesa na Gália e de uma invasão germânica, Diocleciano nomeou-o seu «colega» no poder, outorgando-lhe o título de «Augusto».

¹⁰ Flávio Valério Constâncio (c. 250-306 d.C.). Depois de ter servido como general e governador, Diocleciano designou-o «César» em 293 d.C. Casou-se com Teodora, que era enteada de Maximiano, sendo-lhe ainda conhecida uma relação (eventualmente um casamento) com Helena, que viria a ser a mãe do imperador Constantino. Foi ainda governador da Gália, da Hispânia e da Britânia.

2. como se estes fossem filhos de príncipes e por causa da sua virtude designados herdeiros da vossa augusta majestade.

3. E uma vez que se deve dizer algo acerca do nome «César», para mais na vida daquele que recebeu apenas este título e mais nenhum, os homens mais doutos e eruditos consideram que o primeiro a ser chamado «César» recebeu o nome porque, numa batalha, matou um elefante, que na língua dos Mauros se diz *caesai*¹¹; 4. ou então porque nasceu depois de a mãe ter morrido, tendo-lhe sido cortado¹² o ventre; ou porque foi expulso do útero tendo já uma grande cabeleira¹³; ou ainda porque tinha olhos de um azul-celeste¹⁴ mais intenso do que é costume nos homens. 5. Seja como for, qualquer que seja a razão, foi um destino¹⁵ feliz aquele que fez florescer um nome tão brilhante e duradouro quanto a eternidade do mundo.

6. Ora bem, aquele de quem aqui falamos chamou-se primeiro Lúcio Aurélio Vero¹⁶, mas ao ser aceite na família dos Élios por Adriano passou para a família do próprio Adriano, e começou a ser chamado «César». 7. O seu pai foi Ceiónio Cómodo¹⁷,

¹¹ A esta explicação etimológica fornecida pelo autor há que acrescentar que o elefante aparece em moedas do tempo de Júlio César.

¹² De *caedo* e *caesor*, «cortar» e «o que corta» ou «o que golpeia».

¹³ De *caesaries*, «cabelo comprido», termo popular e etimologicamente relacionado com *caedo*.

¹⁴ De *caesius*, «esverdeado» ou «azulado».

¹⁵ O termo latino usado é *necessitas*.

¹⁶ Cf. nota a 1.2.

¹⁷ Lúcio Ceiónio Cómodo foi cônsul em 106 d.C.

a quem uns recordam como Vero, outros como Lúcio Aurélio e ainda muitos outros como Ânio. 8. Os seus antepassados eram todos da mais alta nobreza, sendo a maioria originária da Etrúria ou de Favência¹⁸. 9. Mas da sua família voltaremos a falar na vida de Lúcio Aurélio Ceiónio Cómodo Vero Antonino, seu filho, a quem Antonino se viu obrigado a adoptar¹⁹. 10. Com efeito, esse livro deverá incluir tudo o que faz parte da genealogia da família, à qual pertence um príncipe acerca de quem haverá muito a dizer.

3. 1. Pois bem, Élio Vero foi adoptado por Adriano naquele tempo, de que falámos acima²⁰, em que a força deste se viu debilitada e pensou ser necessário designar um sucessor. 2. Foi depois feito pretor²¹ e empossado chefe militar e governador²² da Panónia²³. Pouco depois foi nomeado cônsul e, dado que estava destinado para ser imperador, foi designado cônsul pela segunda vez. 3. Por ocasião da sua adopção, foi dado ao povo um congíario²⁴ e foram distribuídos trezentos milhões de sestércios aos soldados. Ofereceram-se jogos circenses e não se evitou nada que pudesse aumentar

¹⁸ Cidade itálica da Emília Romana.

¹⁹ O autor refere-se a Antonino Pio. Foi o imperador Adriano quem determinou estes processos. Cf. *Adriano* 24.1-2.

²⁰ O autor refere-se à biografia de Adriano, *Adriano* 23.10-11.

²¹ Na realidade, Élio foi pretor em 130 d.C. e cônsul em 136 d. C., ano em que foi adoptado. Foi cônsul pela segunda vez em 137 d. C., recebendo igualmente o comando das duas províncias da Panónia. Cf. *Adriano* 23.13.

²² No texto latino lemos *dux* e *rector*.

²³ Província romana da Europa Central que correspondia a parte dos actuais dos territórios da Áustria e da Hungria.

²⁴ Ver nota a *Adriano* 7.3.

a alegria pública. 4. Tinha tanta influência junto do imperador Adriano que, mesmo excluindo a afeição própria da adopção com que se sentia mais próximo dele, era o único que obtinha tudo o que queria, mesmo quando o manifestava por carta. 5. Além disso, nunca se descuidou com a província que administrava. 6. Por outro lado, granjeou fama se não de excelente, pelo menos de razoável general, pois resolvia os seus assuntos de forma correcta ou, melhor, com um feliz desenlace. 7. Não obstante, o seu estado de saúde era tão débil que Adriano imediatamente se arrependeu da adopção e se, por acaso, tivesse vivido mais tempo, Adriano tê-lo-ia afastado da família imperial, visto que pensava muitas vezes em outros²⁵. 8. Por fim, dizem os que escreveram com mais pormenores a vida de Adriano que este conheceu o mapa astral de Vero antes de o ter adoptado e que, apesar de considerar que ele não seria muito adequado para conduzir o Estado²⁶, o teria adoptado somente para satisfazer o seu prazer e, segundo dizem alguns, para cumprir um juramento que ele e Vero teriam feito em cláusulas secretas. 9. Mário Máximo²⁷ mostra que Adriano foi sem qualquer dúvida um perito em astrologia e confirma a sua afirmação com o facto de ele saber tudo sobre si próprio, pois terá escrito com pormenor e de antemão tudo o que viria a fazer no futuro dos seus dias, até à hora da sua morte.

4. 1. Consta, aliás, que dizia frequentemente em relação a Vero:

²⁵ I.e. «outros possíveis sucessores».

²⁶ *Res publica* no original latino.

²⁷ Vide nota a *Adriano* 2.10.

«Os Fados apenas o mostram aos povos,
Mas depois não permitem que viva mais.»²⁸

2. Numa ocasião, quando passeava num jardim e cantava estes versos, aproximou-se dele um dos eruditos, em cuja companhia Adriano se comprazia pois considerava-a muito agradável, o qual fez questão de acrescentar:

«Ó deuses, demasiado poderosa vos pareceria a raça romana, se tais dons fossem de facto por nós alcançados.»

3. Dizem que Adriano replicou: «A vida de Vero não admite tais versos», acrescentando o seguinte:

«Dai lírios às mãos-cheias, que eu espalhe flores purpúreas, cumule ao menos a sombra do meu descendente com estes dons e cumpra este vão ofício.»²⁹

4. Diz-se que então disse ainda isto, com um sorriso: «Adoptei um deus, não um filho.» 5. Ora, quando um dos eruditos com ele ali presente tentou consolá-lo, dizendo «E o que aconteceria se o horóscopo dele não estivesse correcto e acreditássemos que ele viveria mais?», dizem que Adriano respondeu: «Dizes isso com facilidade, porque procuras um herdeiro para o teu património e não para o Império³⁰». 6. De onde se vê que ele teve a intenção de escolher um outro sucessor e, no fim do tempo da sua vida, afastar Vero das coisas

²⁸ Virgílio, *Eneida* 6, 869. Passo referente a Marco Cláudio Marcelo, filho de Octávia e sobrinho e genro de Augusto, nomeado seu herdeiro, mas que faleceu precocemente, aos 20 anos, em 23 a.C.

²⁹ Virgílio, *Eneida* 6, 883, trad. L. Cerqueira. Cf. nota anterior.

³⁰ O termo que aqui traduzimos por «Império» é *res publica*.

públicas³¹. 7. Mas os acontecimentos favoreceram os seus planos. Na verdade, tendo Élio regressado da sua província e escrito um belíssimo discurso que ainda hoje se lê, quer tenha sido composto por ele próprio quer pelos seus bibliotecários ou pelos seus mestres de eloquência, com o qual pretendia dar graças a seu pai Adriano nas calendas de Janeiro³², morreu, tendo ingerido uma bebida que julgava que lhe seria benéfica. 8. Adriano deu ordens para que não se fizesse luto, por respeito aos votos³³.

5. 1. Élio teve uma vida agradabilíssima. Foi um erudito nas letras e, segundo dizem os maledicentes, aceite por Adriano mais pelo seu aspecto do que pelas suas acções. 2. Não esteve na corte muito tempo e ainda que na vida privada fosse pouco digno de aprovação, não foi merecedor de censura, pois foi cuidadoso com a sua família, elegante, discreto, de uma beleza régia, de rosto venerando, de elevada eloquência, fácil no verso, e também nada inútil nas coisas públicas. 3. Aqueles que escreveram sobre a sua vida dizem que se dedicou a voluptuosidades não desonrosas, todavia um tanto ou quanto luxuriosas. 4. Pois diz-se que foi ele o inventor do tetrafármaco, ou melhor, do pentafármaco, que mais tarde passou a ser sempre usado por Adriano, e que é composto por teta de porca, faisão, pavão, presunto

³¹ Repete-se a expressão *res publica*.

³² Dia 1 de Janeiro. Élio morreu em 138 d.C.

³³ Referência aos votos públicos feitos pelos magistrados relativamente ao Estado. Desde o ano 30 d.C. que os votos anuais se faziam no dia 3 de Janeiro. Para evitar a coincidência do luto com a formulação dos votos, Adriano proibiu o primeiro.

fumado e javali³⁴. 5. Mário Máximo afirma que este tipo de prato se chama «tetrafármaco» e não «pentafármaco», como aliás nós próprios mantivemos na outra biografia³⁵. 6. Fala-se ainda acerca de um outro tipo de prazer que teria também sido inventado por Vero: 7. com efeito, teria mandado fazer um leito com quatro coxins elevados, fechando todos os lados com uma rede; tê-lo-ia depois mandado encher de pétalas de rosa, às quais se havia retirado a parte branca; ali se deitava com as suas concubinas, escondendo-se sob um cobertor feito de lírios e untando-se com perfumes persas. 8. Hoje, são vários os que muitas vezes dizem que ele mandou fazer leitos e mesas de rosas e de lírios cuidadosamente purificados, o que, apesar de não ser muito conveniente, também não foi pernicioso para o bem público. 9. Diz-se também que mantinha sempre no leito os livros de Apício³⁶, coligidos por outros, assim como os *Amores* de Ovídio³⁷, e afirmava ainda que Marcial³⁸, o poeta epigramático que conhecia literalmente de memória, era

³⁴ Literalmente, «pentafármaco» significa «cinco remédios» ou «cinco drogas» e deveria relacionar-se com o número de carnes mencionadas. Talvez o facto de serem carnes de quatro animais (porco, faisão, pavão e javali) mas de cinco tipos diferentes (designadamente as carnes suínas como os úberes e o presunto) tenha originado a confusão entre «tetra» e «penta». É provável que se tratasse de um prato combinado. Vide *Adriano* 21.4.

³⁵ O autor refere-se à biografia que escreveu do Adriano. Cf. *Adriano* 21.4; *Alexandre Severo* 30.6.

³⁶ Marco Gávio Apício (c. 25 a.C.-?) teria sido um autor de receitas de culinária. É-lhe atribuído o *De re coquinaria*. A versão que nos chegou, porém, data do século IV d.C. e foi objecto de sucessivas interpolações e acrescentos

³⁷ O poeta Públio Ovídio Nasão (43 a.C.-17 d.C.).

³⁸ O poeta Marco Valério Marcial (c. 40-c. 103 d.C.).

o seu Virgílio³⁹. 10. Já mais trivial, por exemplo, foi em várias ocasiões ter aplicado asas nos seus mensageiros, tal como as de Cupido, chamando-os muitas vezes pelos nomes dos ventos: Bóreas⁴⁰ a um, Noto⁴¹ a outro, ou Aquilão⁴² e Círcio⁴³, e ainda outros nomes, obrigando-os a correr incansavelmente e de forma desumana. 11. De igual modo, quando a mulher se queixou dos seus prazeres extraconjugais, diz-se que ele lhe respondeu: «Deixa que eu goze a minha luxúria com outras, pois “esposa” é um nome para “dignidade”, não para “volúpia”».

12. O seu filho, Antonino Vero⁴⁴, foi adoptado por Marco⁴⁵ – ou com Marco⁴⁶, para ser mais exacto – com quem partilhou o império. 13. Na verdade, foram estes os dois primeiros a terem sido chamados «Augustos», sendo dessa forma que os seus nomes aparecem nos fastos consulares⁴⁷, pelo que são chamados «os dois

³⁹ O poeta Públio Virgílio Marão (70 a.C.-19 d.C.). A comparação aqui feita tem a intenção de construir a imagem de Élio Vero, transformando-o em alguém que apreciava mais a poesia satírica e maledicente, como é grande parte dos epigramas de Marcial, do que a épica virgiliana, com toda a dignidade a ela associada.

⁴⁰ Deus do vento do Norte.

⁴¹ Deus do vento do Sul.

⁴² Outro nome do deus do vento do Norte.

⁴³ Outro nome do deus do vento do Norte.

⁴⁴ Lúcio Élio Vero (130-169 d.C.) foi adoptado por Antonino Pio em 138 d.C. e foi cônsul juntamente com Marco Aurélio em 161 d.C. Assumiu o nome de *Verus* após a morte de Antonino Pio, quando recebeu o título de *Augustus* e foi promovido a «colega» de Marco Aurélio.

⁴⁵ O imperador Marco Aurélio (121-180 d.C.).

⁴⁶ O que significa que foi adoptado por Antonino Pio.

⁴⁷ Os «fastos consulares» eram listas gravadas em mármore

Augustos» e não «os dois Antoninos». E a importância desta novidade assim como a dignidade do facto foram tais que alguns dos fastos consulares iniciam a lista dos cônsules por eles.

6. 1. Por ocasião da sua adopção⁴⁸, Adriano ofereceu incontáveis riquezas ao povo e aos soldados. 2. Mas como era um homem algo arguto, ao ver que ele tinha uma saúde debilíssima⁴⁹, ao ponto de não conseguir mover um escudo mais maciço, disse: 3. «Perdemos os trezentos milhões que gastámos com o exército e o povo, pois apoiámo-nos numa parede demasiado caduca, que dificilmente aguenta connosco, quanto mais com o Império⁵⁰.» 4. Adriano disse isto enquanto conversava com um prefeito seu. 5. Mas o prefeito divulgou-o, pelo que Élio César foi ficando cada dia mais ansioso, tal como acontece com qualquer homem desesperado. Adriano nomeou então um sucessor para o seu prefeito, que tinha revelado o facto, desejando mostrar que mitigara tão sinistras palavras. 6. Mas de nada serviu, pois, como dissemos, Lúcio Ceiónio Cómodo Vero Élio César (pois era chamado por todos estes nomes) morreu e foi sepultado com um funeral imperial, não tendo usufruído de qualquer dignidade régia, a não ser na morte. 7. Adriano chorou então a sua morte tal como um bom pai, e não como

que se expunham para consulta em lugares públicos de Roma. Continham os nomes dos cônsules, com a indicação das datas de início e fim do exercício das funções.

⁴⁸ I.e. de Élio.

⁴⁹ O autor continua a referir-se a Élio.

⁵⁰ O termo latino usado é *res publica*.

um bom príncipe. Com efeito, quando os amigos preocupados lhe perguntaram quem poderia vir a ser adoptado, ele respondeu-lhes: «Já o tinha decidido, inclusive enquanto Vero ainda vivia», 8. o que mostra tanto o seu discernimento quanto o seu conhecimento do futuro. 9. Então, e depois de ter ficado alguns dias sem saber o que fazer, Adriano acabou por adoptar Antonino, chamado pelo cognome de «Pio». Impôs-lhe como condição que ele próprio adoptasse Marco e Vero Antonino e que desse a sua filha a Vero, não a Marco⁵¹. 10. Adriano não viveu muito mais tempo, abatido pelo langor e por diversos tipos de doenças, dizendo muitas vezes que um príncipe devia morrer são e não doente.

7. 1. O príncipe ordenou que se erguessem por todo o orbe grandes estátuas de corpo inteiro em honra de Élio Vero, assim como templos, em algumas cidades. 2. E por fim, como já dissemos⁵², por consideração, Adriano confiou Vero, o filho de Élio, a Antonino Pio, para que o adoptasse juntamente com Marco, visto que o jovem tinha permanecido na família imperial depois da morte de Élio e Adriano o tratava como se fosse seu neto. E dizia muitas vezes: «que o Império⁵³ tenha algo de Vero.» 3. Isto de facto contradiz o que muitos autores publicaram acerca do arrependimento por esta adopção, pois, à excepção da sua clemência, o segundo

⁵¹ Trata-se de Ánia Galéria Faustina Menor (c. 125-175 d.C.), filha de Antonino Pio e de Faustina. Esteve prometida a Lúcio Vero, mas acabou por se casar com Marco Aurélio.

⁵² Cf. 2.9.

⁵³ Lemos a *res publica*.

Vero nada teve no seu comportamento de digno que desse esplendor à família imperial.

4. São estes os factos sobre Vero César que tivemos por missão passar a escrito. 5. E a razão pela qual não os silencieei é porque o meu propósito foi apresentar num único livro todos os que, depois do ditador César, isto é, do divino Júlio, foram chamados «Césares» ou «Augustos» ou «príncipes», bem como todos aqueles que foram adoptados ou consagrados com o nome de Césares, por serem filhos ou parentes de imperadores, satisfazendo assim a minha consciência, ainda que muitos não sintam a necessidade de investigar tais coisas.

VIDA DE ANTONINO PIO

[**Júlio Capitolino***]

*Trata-se, muito provavelmente, de um autor fictício. Sobre esta questão, ver a Introdução a este volume.

(Página deixada propositadamente em branco)

1. 1. A ascendência paterna de Tito Aurélio Fulvo Boiónio Antonino Pio era originária da Gália Transalpina, mais concretamente de Nemauso¹. 2. O avô, Tito Aurélio Fulvo, depois de ter exercido vários cargos, chegou a cônsul por duas vezes² e a prefeito da Cidade³. 3. O pai, Aurélio Fulvo, que também foi cônsul, era um homem austero e íntegro. 4. A avó materna foi Boiónia Procila e a mãe Árria Fadila. O avô materno, Árrio Antonino, que foi cônsul por duas vezes⁴, era um homem piedoso, que se compadeceu de Nerva⁵ quando ele se tornou imperador. 5. Júlia Fadila era sua irmã uterina. 6. O seu padrasto, Júlio Lupo, foi consular. O sogro era Ânio Vero 7. e a mulher era Ânia Faustina. Teve dois filhos varões⁶ e duas raparigas, sendo Lâmia Silvano seu genro por casamento com a mais velha⁷ e Marco Antonino por casamento com a mais nova⁸.

8. O mesmo Antonino Pio nasceu 13 dias antes

¹ Cidade do sul da Gália, a actual Nimes.

² Tito Aurélio Fulvo foi cônsul pela primeira vez em 85 d.C.

³ Ver *Adriano* 5.5.

⁴ Árrio Antonino foi cônsul pela primeira vez em 69 d.C.

⁵ Imperador romano de 96 a 98 d.C.

⁶ Os dois filhos varões foram Marco Aurélio Fulvo António e Marco Galério Aurélio Antonino.

⁷ Trata-se de Aurélia Fadila.

⁸ A filha mais nova era Ânia Galeria Faustina. Antes de se casar com Marco Antonino, Faustina havia sido prometida por Adriano a Lúcio Vero, ver *Vero* 2.3.

das calendas de Outubro⁹, na *uilla* Lanuvina¹⁰, quando Flávio Domiciano era cônsul pela 12^a vez e Cornélio Dolabela pela primeira. Foi educado em Lório¹¹, na via Aurélia, onde mais tarde construiu um palácio, do qual ainda hoje se conservam vestígios. 9. Passou a infância com o avô paterno e depois com o materno, cuidando de todos os seus com devoção, pelo que enriqueceu ao receber heranças dos primos directos, do padrasto e a de muitos outros.

2. 1. Foi um homem de figura notável, de natureza brilhante, costumes moderados, de nobreza, semblante calmo, carácter singular, eloquência florescente, com uma erudição especial, sóbrio, agricultor cuidadoso, plácido, generoso, mantendo a distância do que lhe era alheio, moderado em todas estas qualidades e sem jactância, 2. louvável no resto e, na opinião dos virtuosos, digno de ser comparado a Numa Pompílio¹². 3. Foi cognominado «Pio» pelo senado, ou porque, quando estava no senado, oferecia a sua mão para ajudar o sogro, já cansado pela idade, a levantar-se – o que, na verdade, não é argumento aceitável ou suficiente, até porque é mais ímpio quem não faz estas coisas do que piedoso aquele que cumpre com aquilo a que está obrigado –; 4. ou porque preservou aqueles a quem Adriano ordenara que morressem, quando

⁹ 19 de Setembro.

¹⁰ Lanúvio era uma cidade do Lácio, a c. 32 km a sudeste de Roma e a sudoeste da Via Ápia.

¹¹ No sul da Etrúria, c. 16 km a oeste de Roma. A via Aurélia partia de Roma e estendia-se ao longo da costa etrusca.

¹² Segundo rei de Roma. Vide nota a *Adriano* 2.8. Nestas linhas, lemos as características do Homem Romano ideal.

já estava mal de saúde; 5. ou porque decretou que se prestassem imensas e infinitas honras a Adriano, depois da sua morte, contra a vontade de todos; 6. ou porque quando Adriano quis matar-se conseguiu evitá-lo, com grande cuidado, colocando-o sob intensa vigilância; 7. ou porque, por natureza, era de facto clementíssimo, não tendo praticado nenhuma crueldade durante a vida¹³. 8. Ele próprio pediu juros de 3%, a usura mais baixa de sempre, de modo a ajudar muitos com o seu património¹⁴. 9. Foi um questor magnânimo¹⁵, um esplêndido pretor e cônsul juntamente com Catílio Severo¹⁶. 10. Na sua vida privada, esteve com frequência em todas as suas propriedades e foi honrado em todos os lugares. 11. Foi escolhido por Adriano, de entre os quatro cônsules responsáveis pela Itália, para governar a parte da Itália em que tinha a maioria das suas possessões, pelo que Adriano zelou pela honra e pela tranquilidade de tal homem.

3. 1. Quando governava a Itália, ocorreu um presságio relacionado com o império: ao subir em direcção ao tribunal, fizeram esta aclamação, entre outras: «Que os deuses te protejam, ó Augusto!» 2. Ele foi o único que excedeu o seu avô no exercício do

¹³ Argumentos retomados de *Adriano* 24.3-5; 27.3-4.

¹⁴ As fontes indicam a Lei das Doze Tábuas como o mais antigo documento a fixar uma taxa de juro em Roma, a qual deveria ser na ordem dos 10%. No final do período republicano, 12% seria a taxa mais comum. Mas sabemos que em 54 a.C. se faziam empréstimos em Roma a uma taxa de 4%. Cf. Cícero, *Cartas a Ático* 4.15.7.

¹⁵ A questura de Antonino foi exercida c. 111 d.C.

¹⁶ Lúcio Catílio Severo era irmão de Plínio-o-Moço e foi cônsul pela segunda vez em 120 d.C. Cf. Plínio-o-Moço, *Epístolas* 1.22; 3.12.

proconsulado da Ásia¹⁷. 3. Durante o proconsulado, recebeu também o seguinte presságio relacionado com o império: uma sacerdotisa de Trales¹⁸, que saudava sempre os procônsules por esse nome, não disse «Saúdo-te ó procônsul!», mas sim «Saúdo-te ó imperador!» 4. Também em Cízico¹⁹ uma coroa transferiu-se da imagem de um deus para uma estátua sua. 5. E, ainda depois do seu consulado, apareceu um touro de mármore pendurado pelos cornos nos ramos de uma árvore que tinha crescido no jardim; estando o céu limpo, um raio caiu sobre a sua casa, sem causar qualquer dano; na Etrúria, foram encontradas, à superfície da terra, umas talhas que tinham sido enterradas; um enxame de abelhas cobriu as estátuas que lhe haviam erigido também por toda a Etrúria; e foi várias vezes advertido em sonho para que incluísse a imagem de Adriano entre os seus penates²⁰.

6. Perdeu a filha mais velha²¹ quando se preparava para assumir o proconsulado. 7. Muita coisa foi dita sobre a sua esposa, devido à excessiva libertinagem e às licenciosidades em que vivia, que ele ocultou com dor na alma. 8. Já em Roma, depois do proconsulado, interveio com frequência no conselho de Adriano, e

¹⁷ Esse proconsulado ocorreu em 135 d.C. O *proconsul* era o funcionário administrativo encarregado de governar uma província senatorial. O procônsul poderia nunca ter sido cônsul.

¹⁸ Cidade da Lídia, na Ásia Menor.

¹⁹ Cidade da Frígia, na Ásia Menor.

²⁰ Os penates eram os deuses da casa. Os Romanos acreditavam que eram os penates que abençoavam a família, pelo que eram considerados um bem inestimável.

²¹ Aurélia Fadila.

sempre que Adriano o consultava, ele manifestava o juízo mais sensato.

4. 1. Conta-se que a sua adopção pela família imperial aconteceu do seguinte modo: depois da morte de Élio Vero, a quem Adriano adoptara e a quem chamara publicamente de César, houve uma reunião do senado. 2. Árrio Antonino foi à reunião e Antonino acompanhou o sogro para o ajudar a andar, e diz-se que foi por isso que Adriano o adoptou. 3. Mas esta não pode de forma alguma ser a única causa da adopção. Em particular, porque Antonino sempre geriu bem a coisa pública e representou o proconsulado de forma íntegra e digna. 4. Por conseguinte, quando Adriano tornou público que o desejava adoptar²², foi-lhe dado um tempo para decidir se queria ser arrogado²³ por Adriano. 5. A lei da adopção²⁴ implicava o seguinte: assim como Antonino era adoptado por Adriano, também aquele, por sua vez, tinha de adoptar Marco Antonino, que era filho do irmão da sua mulher, e Lúcio Vero, que era filho de Élio Vero, o qual fora também adoptado por Adriano, e que depois foi chamado Vero Antonino. 6. Antonino foi adoptado cinco dias antes das calendas de Março²⁵ e, nesse dia, agradeceu no senado a Adriano a consideração que teve com ele. 7. Foi depois designado

²² Ver nota a *Adriano* 2.5.

²³ No texto latino lê-se a forma derivada de *adrogatio*, que correspondia a uma forma de adopção de uma pessoa que não estava sob tutela paterna. Por conseguinte, a *adrogatio* implicava a absorção de uma família por outra.

²⁴ Aqui usa-se a forma derivada de *adoptio*.

²⁵ 25 de Fevereiro.

colega do pai no império proconsular²⁶ e no poder tribunício²⁷. 8. E foi isto o que disse, quando a mulher o censurou por causa da pouca generosidade para com os seus – por algo que ignoramos: «Tola! Quando recebemos o império perdemos tudo, inclusive o que possuíamos antes». 9. Deu um congíário²⁸ a expensas próprias aos soldados e ao povo, pois o pai assim lhes prometera. 10. Contribuiu com bastante para as obras de Adriano e devolveu aos Itálicos todo o ouro coronário que eles haviam oferecido aquando da sua adopção e, às províncias, metade²⁹.

5. 1. Obedeceu religiosamente ao pai³⁰ enquanto ele viveu. Mas, depois de Adriano ter morrido em Baías, levou com piedade e reverência os seus restos mortais para Roma e depositou-os nos jardins de Domícia³¹, elevando-o aos deuses, perante a repugnância de todos. 2. Permitiu que o senado chamasse «Augusta» à sua mulher Faustina e recebeu o título de «Pio». Aceitou de bom grado a decisão de erguer estátuas do pai, da mãe, dos avós e dos irmãos, que já tinham morrido. Não recusou os jogos circenses que lhe foram dedicados no seu dia natal, mas rejeitou outras honras. Ofereceu

²⁶ O *imperium proconsulare* era o poder entregue ao governador provincial.

²⁷ A *tribunicia potestas* era a autoridade reconhecida pelo direito aos tribunos e que a partir de Augusto passou a ser atribuída ao príncipe.

²⁸ Ver nota a *Adriano* 7.3.

²⁹ Ver nota a *Adriano* 6.5.

³⁰ Entenda-se «Adriano».

³¹ Os *horti Domitiae* eram os jardins da mulher de Domiciano, que se localizavam na margem direita do Tibre e que serviram de palco à instalação do mausoléu de Adriano.

a Adriano um magnífico escudo e criou um colégio sacerdotal para ele³².

3. Depois que se tornou imperador, não designou nenhum sucessor para aqueles que Adriano promovera, foi constante e manteve os bons governadores à frente das suas províncias por sete e nove anos. 4. Levou a cabo muitas guerras por intermédio dos seus legados. Com efeito, venceu os Britanos através do legado Lólio Urbico³³; ergueu um outro muro cespitoso³⁴, depois de expulsar dali os bárbaros; ainda através dos seus comandantes e legados, obrigou os Mauros a pedir a paz³⁵, submeteu os Germanos³⁶, os Dácios³⁷ e muitos povos, como os Judeus, que se tinham rebelado. Reprimiu ainda rebeliões na Acaia e no Egipto. E não foram poucas as vezes que refreou as movimentações dos Alanos³⁸.

³² Trata-se do colégio dos *Sodales Hadrianales*, literalmente «os companheiros de Adriano». Cf. *Adriano* 27.3. Os *sodales* estavam encarregados do culto de um imperador divinizado. Em Roma, havia os *Sodales Augustales Claudiales*, dedicados a Augusto e a Cláudio; os *Sodales Flaviales Titiales*, dedicados a Vespasiano e a Tito; os *Sodales Hadrianales*, dedicados a Adriano; e os *Sodales Antoniniani*, dedicados ao próprio Antonino, após a sua morte. Cada *sodalitas* dedicava-se a uma casa imperial.

³³ Quinto Lólio Urbico foi comandante na guerra judaica sob Adriano e, mais tarde, governador da Germânia Inferior. A vitória sobre os Britanos ou Bretões deverá ter ocorrido c. 142 d.C.

³⁴ Este muro de turfa foi construído por três legiões: a *II Augusta*, a *VI Victrix* e a *XX Valeria Victrix*.

³⁵ Referência a uma rebelião ocorrida na Mauritânia Tingitana, c. 145 ou em 152 d.C.

³⁶ c. 140-145 d.C.

³⁷ c. 157 d.C.

³⁸ Povo que habitava a região do Mar Cáspio e que no tempo de Adriano fez investidas na Arménia e na Capadócia.

6. 1. Ordenou aos seus procuradores que fossem moderados na cobrança de impostos. Exigiu ainda aos que se excediam que prestassem contas dos seus actos e nunca se contentou com a opressão dos provinciais. 2. Ouviu de boa vontade os que se queixavam dos seus procuradores. 3. Pio pediu também ao senado indulgência por aqueles que haviam sido condenados por Adriano, dizendo que o próprio Adriano teria feito o mesmo. 4. Levou a grandiosidade imperial à mais alta civilidade³⁹, e por isso foi mais reconhecido, apesar das objecções dos que serviam no palácio, que desse modo não podiam ser intermediários, ficando impedidos de aterrorizar fosse que homem fosse e de vender aquilo que estava à vista de todos. 5. Enquanto imperador, deu ao senado tudo o que desejou que outros príncipes lhe tivessem dado quando era um cidadão comum⁴⁰. 6. Aceitou com atitude de profundo agradecimento o título de «Pai da Pátria», que lhe fora outorgado pelo senado e que começou por rejeitar. 7. No terceiro ano do seu principado⁴¹, perdeu a sua mulher Faustina, a qual foi consagrada pelo senado, depois de terem sido instituídos jogos circenses em sua honra, construído um templo, criado um colégio de flamínicas⁴², e erguidas

³⁹ No texto lê-se *imperatorium fastigium ad summam ciuilitatem deduxit*. O termo *ciuilitas* pode traduzir-se também por «moderação» ou «ciência de governar».

⁴⁰ Optamos por traduzir como «cidadão comum» o termo latino *priuatus*.

⁴¹ Traduzimos por principado, mas no texto latino original lê-se *imperii sui*, literalmente «do seu império», «do seu comando» ou «do seu poder».

⁴² Sacerdotisas adstritas a um culto específico.

estátuas de ouro e de prata. E, por sua decisão, ele permitiu também que a imagem dela estivesse presente em todos os jogos circenses. 8. Aceitou que o senado lhe⁴³ oferecesse uma estátua de ouro, tendo sido ele próprio a erguê-la. 9. Também a pedido do senado, o questor Marco Antonino foi designado cônsul. 10. E a *Ânio Vero*, mais tarde chamado Antonino, designou-o questor antes do tempo⁴⁴. 11. Não tomava nenhuma decisão ou acção sobre as províncias, se não tivesse consultado primeiro os seus amigos; e decidia de acordo com eles. 12. Na verdade, nos seus afazeres domésticos, era visto pelos amigos envergando roupas de cidadão comum.

7. 1. Com efeito, governou os povos que lhe estavam sujeitos com tanta diligência, que cuidava de tudo e de todos como se fossem seus. No seu tempo, todas as províncias floresceram. 2. Os *quadruplicatores*⁴⁵ foram extintos. 3. A confiscação de bens nunca foi tão rara, de modo que só se proscreeu um condenado por aspirar ao poder⁴⁶. Esse foi Atílio Ticiano e foi o senado que o puniu. Mas Antonino proibiu que se procurassem os cúmplices e ajudou sempre o filho dele em tudo. 4. Houve ainda Prisciano, que morreu condenado por

⁴³ I.e. a Faustina.

⁴⁴ Trata-se de Lúcio Vero que foi designado questor aos 23 anos. No período imperial, a idade mínima para se exercer a magistratura da questura era aos 25 anos, mas houve várias excepções, em particular na família imperial.

⁴⁵ Eram os delatores que recebiam a quarta parte dos bens do denunciado.

⁴⁶ O texto latino usa *tyrannis*, que implica a ideia de poder usurpado.

tentar alcançar o poder⁴⁷, mas de morte voluntária. Aliás, ele proibiu que se fizesse qualquer inquérito sobre a conspiração.

5. O seu estilo de vida foi tal, que era opulento sem ser censurável e parcimonioso sem ser sórdido. A mesa era atendida pelos seus próprios servos, e também pelos próprios passarinhos, pescadores e caçadores. 6. Abriu livremente ao povo um balneário, que antes usara. E não alterou nunca nada da condição da sua vida privada. 7. Subtraiu os salários a muitos, que via que o recebiam mas que eram ociosos, dizendo que nada era mais sórdido, senão mesmo cruel, do que aqueles que arruinavam a república, ao nada lhe darem com o seu trabalho. 8. Por isso mesmo, diminuiu o salário do poeta Mesomedes. Escrutinou acima de tudo as contas de todas as províncias e do que estava incluído nos seus rendimentos. 9. Entregou à filha o seu património privado, mas ofereceu ao bem público⁴⁸ o seu fruto. 10. Vendeu as insígnias imperatórias supérfluas e propriedades e viveu nas suas próprias terras, mudando-se de acordo com as circunstâncias⁴⁹. 11. E não fez nenhuma viagem, a não ser ir aos seus terrenos na Campânia, pois dizia que a corte de um príncipe, ainda que fosse bastante parcimoniosa, se tornava muito onerosa para os provinciais. 12. E apesar de estar instalado na Cidade⁵⁰, pois estando no centro de tudo podia receber com rapidez as notícias vindas de

⁴⁷ O mesmo que na nota anterior.

⁴⁸ *Res publica* em latim.

⁴⁹ Entenda-se «as estações do ano».

⁵⁰ I.e. «Roma».

qualquer lado, a sua reputação foi grande junto de todas as gentes.

8. 1. Distribuiu pelo povo um congíario⁵¹ e acrescentou um donativo para os soldados⁵². Em honra de Faustina, instituiu o colégio das donzelas Faustinianas, que eram sustentadas pelo Estado⁵³. 2. São ainda hoje visíveis as seguintes obras suas: o templo de Adriano em Roma, consagrado à honra do seu pai⁵⁴; o Estádio Grego, restaurado depois de se ter incendiado⁵⁵; o anfiteatro restaurado⁵⁶; o túmulo de Adriano⁵⁷; o templo de Agripa⁵⁸; a Ponte Sublícia⁵⁹; 3. o Farol, que foi restaurado; o porto de Caieta⁶⁰; o restaurado porto

⁵¹ Ver nota em 4.9.

⁵² Este donativo terá sido feito em 145 d.C., por ocasião do casamento da sua filha Faustina com Marco Antonino.

⁵³ Ou «meninas Faustinianas». Tratar-se-ia de raparigas socialmente desprotegidas.

⁵⁴ Localizava-se no Campo de Marte, perto do Panteão.

⁵⁵ Aparentemente, este edifício, em latim designado como *Graecostadium*, localizava-se no foro romano, sendo o local onde os embaixadores estrangeiros eram alojados, a custo do Estado Romano, durante o tempo em que exerciam as suas funções na cidade. Há ainda quem considere que se tratava de uma plataforma localizada entre o lugar onde se reunia o senado e os *rostra* e que era ocupada pelos referidos embaixadores com o objectivo de assistirem às sessões do senado.

⁵⁶ O anfiteatro Flávio, conhecido como Coliseu.

⁵⁷ O mausoléu de Adriano. Vide nota a *Adriano* 19.11.

⁵⁸ Talvez se refira ao Panteão. Vide nota a *Adriano* 19.10.

⁵⁹ A mais antiga ponte construída sobre o Tibre, por Anco Márcio, localizada perto do Foro Boário. Esta ponte foi construída sobre estacas (*sublicae*) e destruída durante a guerra contra Porsena. Foi depois reconstruída e tornada amovível.

⁶⁰ Antigo porto do Lácio, em Fórmias.

de Terracina⁶¹; os banhos de Óstia⁶²; o aqueduto de Âncio⁶³; 4. e os templos de Lanúvio⁶⁴. De igual modo, ele ajudou monetariamente muitas cidades, para que fizessem novas obras ou reconstruíssem as velhas; e ajudou ainda magistrados e senadores da Cidade⁶⁵, nas suas funções. 5. Recusou heranças daqueles que tinham filhos⁶⁶. Foi o primeiro a estabelecer que não se mantivessem legados feitos sob ameaças de sofrimento. 6. A nenhum juiz íntegro deu sucessor em vida, à exceção de Órfito, prefeito da Cidade⁶⁷, mas porque este lho pediu. 7. Já Gávio Máximo, prefeito do pretório⁶⁸, homem de grande austeridade, manteve-se por vinte anos, tendo-lhe sucedido Tácio⁶⁹ Máximo. 8. Depois da sua morte, foi substituído por dois prefeitos, Fábio Repentino e Cornélio Victorino. 9. Mas Repentino foi atingido pela fama de que recebera a prefeitura mercê de uma concubina do príncipe. 10. Na verdade, com ele nenhum senador foi perseguido, ao ponto de um parricida confesso ter sido colocado numa ilha deserta, uma vez que já não era lícito viver de acordo com as leis

⁶¹ Na região do Lácio.

⁶² Cidade da costa latina que servia de porto marítimo a Roma.

⁶³ Cidade costeira do Lácio, antiga capital volsca.

⁶⁴ Ver nota a 1.8.

⁶⁵ I.e. Roma.

⁶⁶ Talvez uma referência à lei que determinava que um senador deixasse parte da sua herança ao erário público ou ao imperador.

⁶⁷ Ver nota a 1.2.

⁶⁸ Ver nota a *Adriano* 8.7.

⁶⁹ Algumas lições, porém, registam *Tattius* e não *Tatius*, o que exigiria «Tátio». Este Tácio Máximo foi prefeito dos *uigiles* (bombeiros) em 156 d.C.

da natureza⁷⁰. 11. Mitigou a falta de vinho, de azeite e de trigo, comprando-os, com prejuízo do seu próprio erário, e entregando-os gratuitamente ao povo.

9. 1. No seu tempo, ocorreram as seguintes calamidades: a fome, a que já nos referimos⁷¹; o desmoronamento do circo⁷²; um terramoto que arrasou cidades amuralhadas⁷³ em Rodes e na Ásia, as quais ele reconstruiu admiravelmente na totalidade; e um incêndio em Roma que destruiu trezentas e quarenta *insulae* e casas⁷⁴. 2. Também arderam a cidade de Narbona⁷⁵, a cidade amuralhada de Antioquia e o foro de Cartago. 3. O Tibre provocou uma inundaçãõ, apareceu um cometa, nasceu um menino com duas cabeças e uma mulher pariu de uma só vez cinco meninos. 4. Na Arábia, viu-se uma serpente de crista, maior do que o costume, que se devorou a si própria, da cauda até ao meio. Na Arábia houve também uma pestilência. Na Méisia, nasceu cevada nas copas das árvores. 5. Além de tudo isto, houve quatro leões mansos que se entregaram de forma espontânea, de forma a serem capturados.

⁷⁰ I.e., apesar de o merecer, não foi executado.

⁷¹ Eventualmente em 8.11.

⁷² Acontecimento que provocou mais de um milhar de mortos.

⁷³ O texto latino menciona especificamente *oppida*. O terramoto que arrasou Rodes ocorreu em 142 d.C. Em 151 d.C. houve novo abalo de terra que destruiu as regiões da Bitínia, Lesbos, Esmirna e Éfeso.

⁷⁴ O texto latino distingue *insulae* de *domus*. As primeiras eram edifícios em que apartamentos se sobrepunham uns aos outros.

⁷⁵ Cidade gaulesa localizada no Languedoc.

6. O rei Farasmanes⁷⁶ veio visitá-lo⁷⁷ a Roma e mostrou mais consideração por ele do que por Adriano. Designou Pácoro rei dos Lazos⁷⁸. Uma carta apenas bastou para fazer com que o rei dos Partos desistisse dos ataques aos Arménios e a sua autoridade foi suficiente para trazer o rei Abgar das partes orientais. 7. Acabou com os conflitos entre vários reis. Recusou de novo que o trono do rei dos Partos, que fora tomado por Trajano, lhe fosse devolvido⁷⁹. 8. Reenviou Remetalces⁸⁰ ao reino do Bósforo, depois de se ter inteirado do que se passava entre ele e Eupator⁸¹. 9. Enviou auxílio aos Olbiopolitanos⁸², no Ponto, contra os Taurocitas⁸³, e venceu os Taurocitas, ordenando-lhes que entregassem reféns aos Olbiopolitanos. 10. De facto, nunca ninguém teve tanta autoridade sobre os povos estrangeiros como ele, apesar de sempre ter amado a paz. Aliás, citava frequentemente uma frase de Cipião, dizendo que preferia salvar um só cidadão a matar mil inimigos⁸⁴.

⁷⁶ Rei dos Iberos do Transcáucaso. No tempo de Adriano, Farasmanes havia-se recusado a visitar Roma e o imperador. Mas fê-lo com Antonino Pio, levando consigo inclusivamente a mulher. Cf. *Adriano* 13.9; 17.12; Dión Cássio 69.15.3.

⁷⁷ I.e. a Antonino.

⁷⁸ Povo que habitava a costa sudeste do Mar Negro.

⁷⁹ O trono do rei dos Partos, Vologeso III, havia sido prometido por Adriano a Osdroeno, *Adriano* 13.8.

⁸⁰ Tibério Júlio Remetalces foi rei dos Cimérios, no Bósforo, actual Crimeia, de 131 a 153 d.C.

⁸¹ Tibério Júlio Eupator era filho do próprio Remetalces. Ambos eram reis clientes de Roma.

⁸² Habitantes de Ólbia, cidade grega localizada ao sul da actual Rússia.

⁸³ Habitantes da península da Crimeia.

⁸⁴ Cf. Pseudo-Séneca, *Octávia* 443-444.

10. 1. O senado decretou que os meses de Setembro e Outubro se chamassem Antonino e Faustino, mas Antonino rejeitou-o. 2. Ficaram famosas as bodas que organizou para a sua filha Faustina, quando esta se casou com Marco Antonino. Foi nelas que inclusivamente fez donativos aos soldados. 3. Fez Vero Antonino cônsul depois da questura. 4. Quando mandou vir Apolónio⁸⁵, que foi chamado de Cálcis⁸⁶ para vir à Casa Tiberiana⁸⁷, onde morava, com o objectivo de lhe confiar Marco Antonino, aquele disse-lhe: «Não é o mestre que deve vir até ao discípulo, mas o discípulo ao mestre.» Ele riu-se e disse: «Foi mais fácil a Apolónio vir de Cálcis a Roma do que da sua casa ao palácio.» E fez ainda observações à sua avareza, por causa dos honorários. 5. Entre as provas da sua piedade, há a seguinte: quando Marco chorava a morte do seu professor e os servos da corte o convidavam a parar a exibição da sua devoção, ele disse: «Deixai que seja homem!» E disse ainda: «Pois na verdade nem a filosofia nem o poder eliminam os sentimentos.» 6. Enriqueceu os seus prefeitos e outorgou-lhes as insígnias consulares. 7. Se alguém fosse condenado por concussão, ele devolvia aos filhos os bens dos pais, mas com a condição de estes restituírem aos provinciais tudo o que os seus pais lhes tinham tirado. 8. Foi muito dado à indulgência. 9. Organizou jogos

⁸⁵ Filósofo estóico que foi professor de Marco Aurélio e de Lúcio Vero. Apolónio seria da Calcedónia ou de Nicomédia. Mas o texto latino refere Cálcis, o que poderá ser um lapso.

⁸⁶ Cálcis é uma cidade da ilha de Eubeia, na Grécia. É possível que a referência seja um erro por Calcedónia, na Ásia Menor.

⁸⁷ A *Domus Tiberiana* localizava-se no Palatino e era um palácio mandado construir pelo imperador Tibério no século I d.C.

em que exibiu elefantes e chacais⁸⁸, tigres e rinocerontes, crocodilos e também hipopótamos, e todo o tipo de tigres⁸⁹ de todo o orbe terrestre. Num só espectáculo, apresentou ele cem leões.

11. 1. Enquanto esteve no poder, o trato para com os seus amigos não foi diferente de quando era um cidadão comum, pois aqueles nunca se juntaram aos seus libertos para vender promessas vãs; foi aliás severíssimo no trato com esses libertos. 2. Gostava das artes dos actores. Tinha grande prazer na pesca e na caça, bem como em passear e falar com os amigos. Fez as vindimas com os amigos, como se fosse um cidadão comum. 3. Outorgou honras e salários a retóricos e filósofos, por todas as províncias. Muitos disseram que os discursos que apareciam com o seu nome eram de outros. Mas Mário Máximo⁹⁰ diz que eram do próprio. 4. Partilhou com os amigos banquetes privados e públicos 5. e não fez nenhum sacrifício recorrendo a intermediários, a não ser quando estava doente. 6. Quando pedia honras para si e para os seus filhos⁹¹, fez tudo como se fosse

⁸⁸ O texto latino apresenta *corocottas*, que remete para o grego *krokottas*, e que designava uma espécie de hiena ou de cão selvagem, talvez o chacal.

⁸⁹ Esta é a nossa proposta de tradução para *et omnia ex toto orbe terrarum cum tigrīdibus exhibuit. centum etiam leones una missione edidit*. Em algumas lições, todavia, lê-se *et omnia ex toto orbe terrarum exhibuit. centum etiam leones cum tigrīdibus una missione edidit*, opção que tem a vantagem de evitar a redundância que consiste na alusão aos «tigres», sugerindo como frase final «Num só espectáculo, apresentou ele cem leões e tigres».

⁹⁰ Biógrafo romano do século III d.C. Vide nota a *Adriano* 2.10.

⁹¹ O autor refere-se naturalmente ao protocolo de solicitar ao senado a outorga de tais honras.

um cidadão comum. 7. O próprio esteve presente em banquetes com os seus amigos. 8. Entre outras cortesias, referimos esta como a que se destaca acima de todas: quando visitava a casa de Hómulo⁹², e ao contemplar colunas cor de púrpura, perguntou onde ele as tinha adquirido e Hómulo disse-lhe: «Quando fores a uma casa alheia, mantém-te mudo e surdo.» Ele ouviu a resposta pacientemente. Desse Hómulo, aliás, sempre aceitou com paciência muitas graças.

12. 1. Sancionou muitas questões jurídicas e recorreu a peritos judiciais⁹³, como Víndio Vero, Sálvio Valente, Volúcio Meciano⁹⁴, Úlpio Marcelo e Diabolenos⁹⁵. 2. Reprimia as sedições em todos os lugares em que apareciam, não de forma cruel mas com moderação e tenacidade. 3. Proibiu que se sepultassem os mortos no interior das cidades. Instituiu um custo máximo para os jogos de gladiadores. Defendeu em particular os serviços de transportes. Prestou contas de tudo o que fez quer ao senado quer por meio de edictos.

4. Antonino morreu aos setenta anos⁹⁶, mas foi chorado como se fosse ainda um jovem. A sua morte conta-se do seguinte modo: tendo-se excedido a comer

⁹² Marco Valério Hómulo, que foi cônsul em 152 d.C., e que esteve envolvido nas conspirações contra Lucila. Cf. *Marco* 6.9.

⁹³ Trata-se de questões relacionadas com heranças, adopção, tutoria, emancipação e outros problemas associados aos escravos, como mostram os *Digesta* e o *Código de Justiniano*.

⁹⁴ Volúcio Meciano foi professor de Direito de Marco Aurélio, *Marco* 3.6.

⁹⁵ Alguns autores consideram a hipótese de se tratar de Javoleno Prisco, mas este jurista dificilmente seria vivo no tempo de Antonino Pio.

⁹⁶ Na verdade, Antonino Pio morreu aos 75 anos (86-161 d.C.).

queijo dos Alpes ao jantar, vomitou durante a noite e, no outro dia, a febre tomou conta dele. 5. Ao terceiro dia, vendo que a situação se agravava, confiou o bem público⁹⁷ e a sua filha a Marco Antonino, na presença dos prefeitos, e ordenou que transferissem para os aposentos daquele a estátua áurea da Fortuna, 6. que costumava estar no quarto dos príncipes⁹⁸. Depois, deu ao tribuno a senha «equanimidade»⁹⁹ e, voltando-se como se se preparasse para dormir, exalou o espírito em Lório¹⁰⁰. 7. Enquanto delirava com febre, não falou senão do bem público e dos reis¹⁰¹ com quem se zangara. 8. Deixou à filha o seu património privado. No entanto, no seu testamento, honrou todos os seus com legados adequados.

13. 1. Antonino foi de estatura elevada e elegante. Mas como era alto e velho e começou a curvar-se, enfaixava-se, pondo tabuinhas de tília no peito, para andar direito. 2. Além disso, quando já era velho e antes que o viessem saudar¹⁰², comia pão seco para manter as forças. Ele tinha uma voz profunda e sonora, porém agradável.

3. Foi proclamado deus pelo senado e, com todo o ardor, competiam todos entre si para louvar a sua

⁹⁷ A *res publica*, no texto latino.

⁹⁸ O culto da Fortuna foi comum no período imperial.

⁹⁹ No texto latino, *aequanimitas*. Subentende-se o oficial de dia que estava encarregado de receber a palavra-passe diária por parte do imperador.

¹⁰⁰ Cidade da Etrúria, a c.19 km de Roma.

¹⁰¹ Eventualmente, reis-clientes ou reis aliados de Roma.

¹⁰² Alusão aos *salutatores*, os clientes que se colocavam sob a protecção de um *patronus*, e que todas as manhãs iam saudá-lo numa cerimónia que recebia o nome de *salutatio matutina*.

piedade, clemência, carácter e pureza moral. E todas as honras antes recebidas pelos melhores príncipes foram decretadas para si. 4. Teve direito a um flâmine, a jogos circenses, a um templo e a um colégio de Antonianos¹⁰³. No que ainda lhe diz respeito, foi o único que de todos os príncipes viveu quase absolutamente sem derramar sangue civil ou de inimigos, e é por isso comparado a Numa¹⁰⁴, o qual sempre preservou a felicidade, a piedade, a tranquilidade e a religiosidade.

¹⁰³ Entenda-se «colégio de sacerdotes dedicados a Antonino».

¹⁰⁴ Numa Pompílio, na tradição o segundo rei de Roma.

(Página deixada propositadamente em branco)

*VIDA DE MARCO AURÉLIO,
O FILÓSOFO*

[Júlio Capitolino*]

* Os autores a quem são atribuídas as *Vidas* serão muito provavelmente fictícios, segundo a maioria dos críticos modernos. Vide Introdução.

(Página deixada propositadamente em branco)

1. 1. Marco Antonino, homem que se dedicou à filosofia durante toda a vida, excedeu todos os príncipes em pureza de vida. 2. O seu pai foi Ânio Vero, que morreu no cargo de pretor; o avô, Ânio Vero, que foi cônsul por duas vezes¹ e prefeito da cidade, foi admitido entre os patrícios por Vespasiano e Tito, no tempo em que eram censores². 3. Foi seu tio Ânio Libão, cônsul³, e sua tia Galéria Faustina Augusta⁴; a sua mãe foi Domícia Lucila, filha de Calvício Tulo, cônsul por duas vezes⁵. 4. O bisavô paterno, Ânio Vero, ex-pretor, natural do município sucubitano⁶, na Hispânia, foi nomeado senador; o bisavô materno, Catílio Severo⁷, foi duas vezes cônsul e prefeito da cidade; foi sua avó paterna Rupília Faustina, filha do consular Rupílio Bom⁸.

¹ Ânio Vero foi cônsul três vezes: em 97 d.C. (cônsul *suffectus*); em 121 e em 126.

² Em 73-74 d.C.

³ Em 128 d.C. e 161 d.C (nesta data, cônsul *suffectus*).

⁴ Ânía Galeria Faustina Maior (c. 100-140 d.C.), casada com Antonino Pio.

⁵ Em 109 d.C. O segundo consulado é de data incerta.

⁶ O termo faz supor a existência de um Município denominado *Succubi* ou *Succubo*, na Hispânia. É possível que o autor se refira a *Uccubi*, localizado perto de Córdoba.

⁷ A cronologia deduzida a partir das relações familiares, no tocante a Catílio Severo, é difícil de sustentar. Neste sentido, Catílio Severo teria, provavelmente, sido marido da bisavó de Marco Aurélio.

⁸ Cônsul *suffectus* em 88 d.C.

5. Marco nasceu em Roma, no sexto dia antes das Calendas de Maio⁹, em uma propriedade da família no Monte Célio¹⁰, sendo cônsules o seu avô, pela segunda vez, e Áugure¹¹. 6. Regressando à sua origem, está provado que na sua família corre o sangue de Numa¹², como nos diz Mário Máximo¹³, e também do rei salentino Malémnio, filho de Dasumo, que fundou Lúpia¹⁴. 7. Foi educado nesse lugar em que nasceu e também na casa do seu avô Vero, junto ao palácio laterano. 8. Teve também uma irmã mais nova, Ânía Cornifícia¹⁵ e, como mulher, Ânía Faustina¹⁶, sua prima em primeiro grau. 9. Marco Antonino, no princípio da sua vida, teve o nome de Catílio Severo¹⁷, nome do bisavô materno. 10. No entanto, depois da morte de seu pai, foi chamado Ânio Veríssimo por Adriano e, depois de tomar a toga viril, Ânio Vero¹⁸. Após a morte do pai, foi adoptado e criado pelo avô paterno.

2. 1. Revelou-se ponderado desde a primeira infância e, logo que passou a idade de ser protegido pela

⁹ Dia 26 de Abril de 121 d.C.

¹⁰ Uma das sete colinas de Roma.

¹¹ Gneu Árrio Áugure.

¹² Numa Pompílio, segundo rei de Roma, de acordo com a tradição, era rei piedoso e fundador de várias instituições sagradas de Roma. Sobre esta figura, ver Nuno S. Rodrigues, 2005, 155-160.

¹³ Historiador do tempo dos Severos, considerado continuador de Suetónio.

¹⁴ Cidade da Calábria romana.

¹⁵ Ânía Cornifícia Faustina.

¹⁶ Cf. Pio, 1.7.

¹⁷ M. Ânio Catílio Severo.

¹⁸ Nome tradicional da família do pai. Vide A. Espírito Santo, 1996, 10-11.

assistência das amas, foi entregue a professores ilustres e alcançou os fundamentos da filosofia. 2. Para a sua educação elementar teve como mestres Eufóron, mestre de gramática, Gémino, actor, e o músico Ândron, que também foi geômetra. A todos eles, na qualidade de mestres destas disciplinas, recompensou amplamente. 3. Depois disso, teve, como mestres, os professores Alexandre de Cotiense¹⁹, grego, e os latinos Trósio Apro, Polião e Eutíquio Próculo de Sica²⁰. 4. Teve como mestres os oradores gregos Anínio Macro, Canínio Célere e Herodes Ático²¹; e o latino Cornélio Frontão²². 5. De entre estes, recompensou, todavia, muito Frontão, para o qual inclusivamente pediu, no senado, uma estátua. E a Próculo promoveu-o até ao proconsulado, assumindo as despesas envolvidas.

6. Dedicou-se ardentemente ao estudo da filosofia, mesmo quando ainda era jovem. Na verdade, atingidos os doze anos, adoptou a veste de filósofo e, em seguida, a sua austeridade, já que estudava com um manto grego e dormia no chão; a pedido da mãe, passou a dormir, embora relutantemente, em um leito coberto por peles. 7. Teve também como professor Apolónio de Calcedónia²³, filósofo estóico e mestre

¹⁹ Gramático grego. A sua oração fúnebre foi pronunciada por Élio Aristides. Citado em *Meditações*, 1.10.

²⁰ Cidade da Numídia.

²¹ Retórico de origem ateniense. Cônsul em 143 d.C.

²² Orador, nascido em Cirta. Cônsul *suffectus* em 142 d.C. Citado em *Meditações* 1.11.

²³ Filósofo estóico que foi professor de Marco Aurélio (citado em *Meditações*, 1.8.) e de Lúcio Vero. Apolónio seria da Calcedónia ou de Nicomédia. Cf. Pio 10.4.; e Vero, 2.5.

daquele Cómodo²⁴ que estava destinado a ser seu parente.

3. 1. Além disso, tão grande foi o seu interesse pela filosofia que, já admitido na família imperial, ia a casa de Apolónio para se instruir. 2. Ouviu igualmente Sexto de Queroneia²⁵, neto de Plutarco, Júnio Rústico²⁶, Cláudio Máximo²⁷ e Cina Cátulo²⁸, estóicos. 3. E, interessado na escola peripatética, ouviu Cláudio Severo²⁹; e, sobretudo, Júnio Rústico, que não só reverenciou, como também seguiu, homem superior em assuntos militares e civis, versadíssimo na matéria estóica; 4. com ele partilhou todos os projectos públicos e privados e saudou-o também sempre com um beijo antes dos prefeitos do pretório³⁰; 5. e designou-o cônsul pela segunda vez; além disso, depois da sua morte, pediu para ele estátuas ao senado. E mais, concedeu tão grande honra aos seus mestres que tinha deles imagens de ouro no larário e honrava sempre os seus sepulcros com a sua visita pessoal, sacrifícios e flores. 6. Estudou também Direito, ouvindo Lúcio Volúcio Meciano³¹. 7. E consagrou tão

²⁴ Lúcio Vero.

²⁵ Filósofo estóico, também professor de Marco Aurélio, citado em *Meditações*, 1.9.

²⁶ Filósofo estóico e promovido ao consulado por duas vezes (em 133 d.C., cônsul *suffectus*; e em 162 d.C.). Citado em *Meditações*, 1.7.

²⁷ Filósofo estóico, citado em *Meditações*, 1.15.

²⁸ Filósofo estóico, citado em *Meditações*, 1.13.

²⁹ Citado em *Meditações*, 1.14.

³⁰ O *praefectus praetorii* foi uma magistratura criada por Augusto em 2 a.C., sendo essencialmente os comandantes da guarda pretoriana. Mais tarde juntaram-se a essas funções administrativas e jurisdicionais.

³¹ Lúcio Volúcio Meciano, jurista romano, autor de tratados

grandes esforços e trabalhos aos estudos, que prejudicou a sua saúde; e apenas neste aspecto a sua juventude pode ser repreendida. 8. Frequentou igualmente as escolas públicas dos oradores e, de entre os seus condiscípulos, afeiçoou-se especialmente a Seio Fusciano³² e a Aufídio Victorino³³, da ordem senatorial, e a Bébio Longo e Caleno, da equestre. 9. Foi extremamente generoso para com eles e de tal forma que aqueles a quem não podia, na verdade, pôr à frente de cargos públicos, por causa da sua posição social, tornou-os mais ricos.

4. 1. Foi educado sob a protecção de Adriano, que lhe chamava Veríssimo, como dissemos acima, e lhe deu a honra de o inscrever, aos seis anos de idade, na ordem equestre, 2. e o indicou para o Colégio dos Sális³⁴, no seu oitavo ano de idade. 3. Enquanto sacerdote sálio, recebeu um presságio relativo ao seu principado: tendo todos os sacerdotes lançado coroas para um leito³⁵, de acordo com o costume, as outras detiveram-se em vários lugares, mas a sua acomodou-se na cabeça de Marte, como se posta pela sua mão. 4. No exercício deste sacerdócio foi chefe das danças³⁶, e profeta, e mestre; e

jurídicos e mestre de Marco Aurélio, nomeado prefeito do Egipto em 161 d.C. Foi assassinado pelos soldados por ter participado na conspiração de Avídio Cássio em 175 d.C. Avídio Cássio casou-se com uma filha de Meciano, Volúsia Vétia ou Volúsia Meciana.

³² Prefeito da Urbe, sob Cómodo; cônsul em 188 d.C.

³³ Governador de várias províncias romanas e cônsul.

³⁴ Instituição cuja criação é atribuída a Numa Pompílio. Esta instituição encontrava-se encarregada do culto a Marte.

³⁵ *Puluinar*: leito, coberto com rica colcha, destinado aos deuses e usado na cerimónia do *lectisternium*, o banquete oferecido às divindades.

³⁶ Danças guerreiras que se faziam nos sacrifícios e nas festas

consagrou e desconsagrou muitos companheiros, sem que ninguém presidisse, pois ele próprio aprendera todas as fórmulas rituais.

5. Tomou a toga viril aos quinze anos de idade e imediatamente lhe foi prometida em casamento a filha de Lúcio Ceiónio Cómodo³⁷, de acordo com a vontade de Adriano. 6. Não muito tempo depois, foi prefeito durante as *Feriae Latinae*³⁸. Neste cargo, comportou-se de forma verdadeiramente notável ao agir na presença dos magistrados e nos banquetes do imperador Adriano.

7. Depois, concedeu à irmã todo o património paterno; como a mãe lhe pedisse para o partilhar, respondeu que lhe bastavam os bens do avô, acrescentando que também a mãe, se quisesse, podia deixar o seu património à irmã para que esta não fosse inferior ao marido. 8. Foi, além disso, tão benevolente que, por vezes, deixava que o compelissem ou a ir a caçadas, ou a descer ao teatro, ou a assistir a espectáculos. 9. Consagrou, além disso, atenção à pintura, sob a supervisão do mestre Diogneto³⁹. Foi amante de pugilato, de luta e de corrida e da caça de aves; e foi um excelente jogador de bola e caçador. 10. Mas o seu gosto pela filosofia afastou-o de todas essas actividades e tornou-o sério e grave, sem que, no entanto, se anulasse nele completamente a gentileza, que demonstrava, em primeiro lugar, com os seus, e, em

solenes em honra de Marte.

³⁷ Lúcio Élio César.

³⁸ *Feriae Latinae* designa um festival em honra de Júpiter que se celebrava anualmente durante três dias.

³⁹ Professor de Marco Aurélio, citado em *Meditações* 1.6.

seguida, com os amigos e até com os menos conhecidos, porque era austero, mas sem obstinação, discreto, mas sem indolência, e grave, mas sem tristeza.

5. 1. Tinha, em resumo, estas características, quando, depois da morte de Lúcio César⁴⁰, Adriano procurava um sucessor para o império. Marco não era tido como elegível por ter dezoito anos; e Adriano escolheu para adoptar Antonino Pio, marido da tia paterna de Marco, com a condição de que Pio adoptasse Marco e de que Marco adoptasse também Lúcio Cómodo⁴¹. 2. No preciso dia em que Vero⁴² foi adoptado, viu-se, na verdade, representado em sonhos com ombros de marfim e, interrogado sobre se seriam capazes de suportar um peso⁴³, verificou que eram mais fortes do que o habitual. 3. Mas, quando descobriu que tinha sido adoptado por Adriano, ficou mais assustado do que alegre e, depois de receber a ordem para se mudar para a casa privada de Adriano, deixou contra-vontade a casa materna. 4. E como os criados lhe perguntassem porque recebia com tristeza a adopção régia, ele discorreu sobre os males que o poder continha em si mesmo.

5. Nesta altura, começou a ser chamado, pela primeira vez, Aurélio em vez de Ânio⁴⁴, porque, pela lei da adopção, tinha passado para a família Aurélia, isto é, a de Antonino. 6. Foi, pois, adoptado no décimo

⁴⁰ Dia 1 de Janeiro de 138 d.C.

⁴¹Cf. Adriano, 24.1, Élio, 6.9, Pio, 4.5. A factualidade da afirmação é errónea.

⁴² Isto é, Marco.

⁴³ O autor pretende aludir ao 'peso' do império.

⁴⁴ Cf. Adriano, 24.2.

oitavo ano de idade; e foi designado questor no segundo consulado de Antonino, agora seu pai, depois de feita, a instâncias de Adriano, uma excepção no tocante à idade⁴⁵. 7. Depois de adoptado pela casa imperial, demonstrou em relação a todos os seus familiares tanto respeito como quando era um simples particular. 8. E era poupado e cuidadoso com as suas coisas como se estivesse na sua casa privada, desejando agir, falar e pensar de acordo com o modo de viver do pai.

6. 1. Depois da morte de Adriano em Baias⁴⁶, e como Pio tivesse partido para trazer os seus restos mortais, Marco ficou em Roma e cumpriu os ritos religiosos ao avô; e, embora questor, deu um espectáculo de gladiadores na qualidade de cidadão privado. 2. Depois da morte de Adriano, Pio perguntou-lhe imediatamente, por intermédio da sua mulher, se, depois de dissolvidos os esponsais, que prometera à filha de Lúcio Ceiónio Cómodo, queria casar com a sua filha Faustina⁴⁷, apesar da diferença de idades; depois de pensar no assunto, respondeu que queria. 3. E quando tal foi feito, Pio não só designou Marco, até então questor, cônsul, seu colega⁴⁸, mas atribuiu-lhe também o título de César; e,

⁴⁵ No período imperial, a idade mínima para se exercer a magistratura da questura era a de 25 anos, mas houve várias excepções, em particular na família imperial.

⁴⁶ Dia 10 de Julho de 138 d.C. Cf. Adriano, 25.6.; e Pio, 5.1.

⁴⁷ Texto lacunar. Trata-se de Ánia Galéria Faustina Menor (c. 125-175 d.C.), filha de Antonino Pio e de Faustina. Esteve prometida a Lúcio Vero, mas acabou por casar com Marco Aurélio. Cf. Pio, 4.5 e de Vero, 2.3.

⁴⁸ Em 139 d.C.

já na qualidade de cônsul designado, nomeou-o séviro⁴⁹ dos esquadrões da ordem equestre Romana e sentou-se ao seu lado, quando Marco organizou, com os seus colegas, os jogos seviraes; e ordenou-lhe que se mudasse para a Casa Tiberiana⁵⁰; e, apesar da sua renitência, ornou-o com o fastígio da corte, e, por deliberação do senado, admitiu-o nos Colégios sacerdotais. 4. Designou-o também cônsul pela segunda vez⁵¹, quando entrou ele próprio no quarto consulado. 5. Durante esse período, apesar de ocupado com tantos deveres e de tomar parte nos actos públicos, para se preparar para governar os assuntos do Estado, dedicou-se com grande ardor aos estudos. 6. Depois, casou com Faustina⁵² e, nascida a primeira filha⁵³, foi agraciado com o poder tribunício⁵⁴ e o império proconsular⁵⁵ fora da Urbe, a que se acrescentou o direito de apresentar cinco moções no senado⁵⁶.

⁴⁹ Membro de uma corporação de seis pessoas. Os *Seviri equitum Romanorum* eram os comandantes de cada uma das seis *turmae* (destacamentos de cavalaria), nas quais se integravam os cavaleiros.

⁵⁰ A *Domus Tiberiana* localizava-se no Palatino e era um palácio mandado construir pelo imperador Tibério no século I d.C.

⁵¹ Em 145 d.C.

⁵² Em 145 d.C. Cf. Pio, 10.2.

⁵³ Ânia Galéria Aurélia Faustina, nascida em 146 d.C.

⁵⁴ A *tribunicia potestas* era a autoridade reconhecida pelo direito aos tribunos e que a partir de Augusto passou a ser atribuída ao príncipe. Ver J. Gaudemet, 2002, 167.

⁵⁵ O *imperium proconsulare* era o poder entregue ao governador provincial. Sobre a ideia de *imperium* como poder militar e autoridade civil, e o que implicavam, ver J. Gaudemet, 2002, 167-168.

⁵⁶ Nas sessões do senado, era permitido ao imperador propor medidas, cujo número foi variando, sem que, no entanto, se tenha ultrapassado as cinco.

7. Pio tinha-o em tão alta consideração que nunca facilitou a promoção de quem quer que fosse sem a sua anuência. 8. Marco, por seu lado, manifestava suprema deferência para com o Pai, embora não faltassem os que sussurravam algumas insinuações contra ele, 9., e, acima de todos, Valério Hómulo⁵⁷, que, depois de ver a mãe de Marco, Lucila, a prestar culto a uma estátua de Apolo no jardim, sussurrou a Pio: «ela está, neste momento, a pedir que tu termines os teus dias e governe o filho». Isto não significou absolutamente nada para Pio, 10. tão grande era a honradez de Marco e tão grande o comedimento com que participava no poder imperial.

7. 1. Na verdade, teve tanto cuidado com a sua reputação que, ainda menino, advertia os seus procuradores para que não fizessem nada de forma demasiadamente arrogante; e recusou, por vezes, heranças concedidas, devolvendo-as aos familiares do defunto. 2. Em suma, viveu, durante vinte e três anos em casa do Pai, de uma forma tal que o amor de Pio crescia todos os dias; 3. e, durante todos esses anos, Marco nunca se afastou dele, com excepção de duas noites, em ocasiões distintas. Por isso, Antonino Pio, ao ver aproximar-se o fim da sua vida, chamou os amigos e os prefeitos e recomendou-o a todos e confirmou-o como sucessor do império; e, imediatamente após ter dado ao tribuno a senha «equanimidade»⁵⁸, mandou transferir

⁵⁷ Marco Valério Hómulo, cônsul em 152 d.C., esteve envolvido nas conspirações contra Lucila. Cf. Pio, 11.8.

⁵⁸ No texto latino, *aequanimitas*. Trata-se da palavra-passe dada diariamente pelo imperador. Cf., Pio, 12.6.

para o quarto de Marco a estátua de ouro da Fortuna⁵⁹, que costumava estar nos seus aposentos. 4. Entregou parte dos seus bens maternos a Umídio Quadrato⁶⁰, filho da sua irmã, porque esta já tinha morrido.

5. Depois da morte do divino Pio, coagido pelo senado a assumir o governo do Estado⁶¹, designou o irmão como co-imperador, a quem deu o nome de Lúcio Aurélio Vero Cómodo e concedeu os títulos de César e de Augusto. 6. E, a partir desse momento, começaram a governar conjuntamente o Estado; e então o império romano começou, pela primeira vez, a ter dois Augustos, porque Marco partilhou com outro⁶² o império que lhe fora deixado. Logo depois, ele mesmo adopta o nome de Antonino, 7. e, como se fosse pai de Lúcio Cómodo, deu-lhe o nome Vero, acrescentou-lhe o nome Antonino e prometeu ao irmão⁶³ a sua filha Lucila⁶⁴. 8. Em honra desta união, ordenaram que os rapazes e as raparigas das novas instituições⁶⁵, fossem registados para receberem uma parte na distribuição frumentária. 9. De seguida, depois dos actos protocolares que tinham de ser realizados no senado, dirigiram-se juntos ao quartel dos pretorianos e, em honra da partilha do poder, prometeram não

⁵⁹ O culto da Fortuna era comum na época imperial. Cf. Pio, 12. 5 e 12.6 .

⁶⁰ M. Umídio Quadrato, filho de Ânia Cornificia Faustina e cônsul em 167. Cf. 1.8.

⁶¹ Dia 7 de Março de 161 d.C.

⁶² Texto lacunar.

⁶³ Isto é, Vero.

⁶⁴ Ânia Aurélia Galéria Lucila.

⁶⁵ As instituições alimentares em favor dos jovens de famílias pobres foram esboçadas por Nerva e aplicadas por Trajano; e prolongaram-se pelos principados seguintes.

só a cada um dos soldados vinte mil sestércios, mas também uma quantidade proporcional aos restantes. 10. Depositaram o corpo do pai no túmulo de Adriano⁶⁶, com um magnífico ofício de exéquias. Logo depois, no luto público que se seguiu, saiu então publicamente o cortejo fúnebre. 11. E ambos louvaram o pai na tribuna dos oradores e instituíram-lhe um flâmine, escolhido de entre os seus familiares, e um Colégio de aurelianos⁶⁷, escolhidos de entre os seus melhores amigos.

8. 1. Tendo adquirido o poder imperial, ambos se comportaram com tanta civilidade que ninguém sentia falta da brandura de Pio – a ponto de Marulo, um mimógrafo do seu tempo, escarnecer satiricamente deles, sem ser punido. 2. Ofereceram jogos fúnebres em honra do pai. 3. E Marco entregava-se inteiramente à filosofia, granjeando o amor dos cidadãos.

4. No entanto, interrompeu esta felicidade e a tranquilidade do imperador a primeira inundaçãõ do Tibre, que foi a mais grave do tempo deles. Esta calamidade não só danificou muitos edifícios da cidade e matou muitos animais, como também causou uma fome gravíssima. 5. Marco e Vero amenizaram todos estes males com a sua supervisão e presença.

⁶⁶ Actual Castel Sant'Angelo. Cf. Adriano, 19.11.

⁶⁷ Trata-se do Colégio dos *Sodales Antoniniani*, literalmente «os companheiros de Antonino». Os *sodales* estavam encarregados do culto de um imperador divinizado. Em Roma, havia os *Sodales Augustales Claudiales*, dedicados a Augusto e a Cláudio; os *Sodales Flaviales Titiales*, dedicados a Vespasiano e a Tito; os *Sodales Hadrianales*, dedicados a Adriano; e os *Sodales Antoniniani*, dedicados ao próprio Antonino, após a sua morte. Cada *sodalitas* dedicava-se a uma casa imperial.

6. Nesse tempo, ocorreu também a guerra pártica⁶⁸, que Vologeso preparou no principado de Pio⁶⁹ e declarou no tempo de Marco e de Vero, depois de posto em fuga Atídio Corneliano, que então governava a Síria. 7. Estava também iminente a guerra na Britânia⁷⁰ e os Catos⁷¹ tinham forçado a entrada na Germânia⁷² e na Récia⁷³. 8. E, contra os Britanos, foi enviado Calpúrnio Agrícola⁷⁴; e, contra os Catos, Aufídio Victorino⁷⁵. 9. Para a guerra contra os Partos foi, contudo, enviado o seu irmão Vero, com o consentimento do senado⁷⁶; ele próprio ficou em Roma, porque os assuntos da Cidade exigiam a presença do imperador. 10. Entretanto, Marco acompanhou Vero até Cápua, honrou-o com uma comitiva de amigos do senado, a que se juntaram os chefes de todos os cargos políticos. 11. Mas como Marco tivesse regressado a Roma e sabido que Vero tinha adoecido⁷⁷ em Canúcio⁷⁸, pôs-se a caminho para o ver, depois de, no senado, ter feito votos que, após ter regressado a Roma e ao saber da travessia⁷⁹ de Vero, cumpriu de imediato.

⁶⁸ Em 161 d.C., que resultou na tomada da Arménia pelos Partos.

⁶⁹ Cf. Pio 9.6.

⁷⁰ Ocorrida em 162 d.C.

⁷¹ Tribo germânica.

⁷² Entende-se, neste passo, a região da Germânia controlada por Roma.

⁷³ Região dos Alpes Orientais, situada entre o Reno e o Danúbio.

⁷⁴ Cônsul *suffectus* em 154 e, mais tarde, governador da Britânia.

⁷⁵ Cf. 3.8.

⁷⁶ Em 162.

⁷⁷ Cf. Vero, 6.7.

⁷⁸ Cidade da Apúlia. Hoje Canossa.

⁷⁹ O autor refere-se à viagem marítima que levou Vero à Síria.

12. Porém, Vero, depois de ter chegado à Síria, entregou-se a uma vida de prazeres em Antioquia⁸⁰ e em Dafne⁸¹ e passou o tempo em jogos de gladiadores e em caçadas⁸², pois embora tivesse sido aclamado imperador⁸³, geria a guerra pártica por meio dos seus legados, 13. ao passo que Marco ocupava todas as horas com as actividades do Estado e suportava resignadamente a vida licenciosa do irmão, embora bastante constrangido e contra a sua vontade. 14. Por fim, Marco decidiu e ordenou, a partir de Roma, todas as coisas que eram necessárias à guerra.

9. 1. Êxitos notáveis foram alcançados na Arménia⁸⁴ por Estácio Prisco⁸⁵, Artáxata⁸⁶ foi tomada e o título Arménico foi oferecido a ambos os Príncipes – título que Marco inicialmente recusou por modéstia, mas que posteriormente aceitou. 2. Além disso, depois de decidida a vitória⁸⁷, ambos foram intitulados Párticos. No entanto, Marco recusou também a atribuição deste título, que, mais tarde, veio a aceitar. 3. E protelou ainda a aceitação do título de Pai da Pátria⁸⁸, oferecido na ausência do irmão, até que este estivesse presente⁸⁹.

⁸⁰ Cidade da Síria.

⁸¹ Antiga cidade anatólica, hoje identificada com Harbiye (Turquia).

⁸² Cf. Vero 7.1. a 7.3.

⁸³ Título recebido pelos generais após uma vitória militar. Neste caso, após a tomada de Artáxata, empresa levada a cabo por Estácio Prisco, como se diz em 9.1.

⁸⁴ Em 163 d.C.

⁸⁵ Militar romano e cônsul em 159.

⁸⁶ Nesse tempo, capital da Arménia.

⁸⁷ Em 165.

⁸⁸ A fórmula *Pater Patriae* correspondia a um título honorífico atribuído pelo senado desde o período republicano, mas que foi especialmente outorgado aos príncipes.

⁸⁹ Em 166 d.C.

4. No decurso desta guerra⁹⁰, acompanhou, até Brundísio⁹¹, Cívica⁹², tio paterno de Vero, e a sua própria filha⁹³, que, prestes a contrair matrimónio, havia confiado à sua irmã, depois de a ter dotado ricamente.

5. Enviou-os a Vero e regressou imediatamente a Roma, chamado pelos rumores daqueles que diziam que Marco queria reivindicar para si a glória de ter terminado a guerra e que, por isso, tinha partido para a Síria. 6. Escreve ao procônsul⁹⁴ para que ninguém fosse ao encontro da sua filha durante a viagem.

7. Entretanto, fortaleceu de tal maneira as causas relativas à liberdade que foi o primeiro que ordenou a todos os cidadãos que registassem, junto dos Prefeitos do Tesouro de Saturno⁹⁵, os filhos nascidos livres, com o nome atribuído, no espaço de trinta dias⁹⁶. 8. Nas províncias, instituiu o uso de arquivos públicos, junto dos quais se fizesse, no tocante aos nascimentos, a

⁹⁰ Em 164 d.C.

⁹¹ Cidade da Apúlia. Hoje Brindisi.

⁹² M. Ceiónio Cívica Bárbaro, irmão de Élio César e cônsul em 157 d.C.

⁹³ Cf. 7.7.; e Vero, 7.7.

⁹⁴ Neste caso, o procônsul da Ásia. O proconsul era o funcionário administrativo encarregado de governar uma província senatorial. O procônsul poderia nunca ter sido cônsul. Cf. Vero 7.7.

⁹⁵ O tesouro público era guardado no Templo de Saturno.

⁹⁶ Esta lei, não obstante a explicação dada a seguir, também «permitia manter actualizados os registos públicos que serviam de base ao recrutamento e ao pagamento de impostos. A verdade é que uma lei desta natureza tinha também como efeito impedir que um escravo fugitivo passasse à condição de homem livre, ou um não cidadão à condição de cidadão. O que se assegurava, nesta perspectiva, era a estratificação social...» (A. Espírito Santo, 1996, 31-32).

mesma coisa que se fazia em Roma junto dos Prefeitos do Tesouro, para que, se, por acaso, alguém, nascido na província, tivesse de advogar uma causa relativa à sua liberdade, pudesse obter daí as provas. 9. E não só reforçou toda esta lei relativa às declarações de liberdade, como promulgou outras relativas aos banqueiros e às vendas em hasta pública.

10. 1. Designou o senado como juiz em muitos processos e, principalmente, daqueles que pertenciam à sua jurisdição. Ordenou também que se investigasse a condição dos defuntos no prazo de cinco anos⁹⁷. 2. E nenhum imperador demonstrou maior deferência para com o senado. Com efeito, para honra do senado, delegou até a resolução de assuntos em muitos ex-pretores e ex-cônsules, privados de magistratura, para que o seu prestígio crescesse mais por meio do exercício do direito. 3. Escolheu para o senado muitos de entre os seus amigos, conferindo-lhes a dignidade de edis ou de pretores. 4. A muitos senadores pobres, mas sem culpa própria⁹⁸, concedeu, na verdade, dignidades tribunícias e edilícias. 5. E não escolheu ninguém para o senado, a não ser quem ele próprio conhecesse bem. 6. Também concedeu aos senadores que, todas as vezes que algum deles incorresse em pena capital⁹⁹, examinaria a questão

⁹⁷ A norma já existia. Marco introduz apenas algumas alterações em relação à investigação da condição dos libertos, nomeadamente o facto de que essa investigação só poderia ser feita em vida dos mesmos.

⁹⁸ A expressão *sine crimine* aponta para um contexto judicial, que provavelmente alude ao facto de estes serem senadores aos quais os bens não tinham sido confiscados pelo erário público.

⁹⁹ Cf. Adriano, 7.4.

em privado e só assim a traria a público; e não permitiu que os cavaleiros romanos assistissem a tais processos.

7. Ora, estando em Roma, assistiu, sempre que pôde, ao senado, mesmo que não houvesse nada a submeter a deliberação; todavia, quando queria submeter algo a deliberação, vinha pessoalmente, mesmo da Campânia. 8. Além disso, assistiu também aos Comícios¹⁰⁰, muitas vezes até à noite, e nunca se retirou da Cúria¹⁰¹ a não ser que o cônsul tivesse dito: 9. «Não vos detemos mais, Pais conscriptos»¹⁰². Designou o senado como juiz para as apelações feitas pelo cônsul. 10. Aplicou aos assuntos judiciais uma singular diligência. Acrescentou dias judiciais ao calendário, de tal forma que se estabelecessem duzentos e trinta dias por ano para advogar causas e julgar processos. 11. Foi o primeiro a instituir um pretor tutelar¹⁰³ – uma vez que, antes, os tutores eram pedidos aos cônsules –, para que a questão dos tutores fosse tratada de forma mais diligente. 12. E no tocante aos curadores, considerando que antes se designavam apenas nos termos da lei Pletória¹⁰⁴, ou

¹⁰⁰ Assembleias do povo, que foram perdendo as suas funções (sob Augusto, perdem as funções de segunda instância judiciária; sob Tibério, as eleitorais; sob Nerva, as legislativas. Votam, no entanto, a *lex de imperio* por aclamação).

¹⁰¹ Local de reunião do senado.

¹⁰² *Patres conscripti* é a fórmula utilizada pelos Romanos para se referirem ao senado após a reforma de Lúcio Júnio Bruto, que aumentou o número de senadores para cem, passando a ser inscritos como tal.

¹⁰³ Instituído em 169.

¹⁰⁴ Os curadores eram nomeados para pessoas consideradas loucas (*furiosus* ou *demens*), pródigas (*prodigus*) e para os menores de vinte e cinco anos. Nos termos da *Lex Plaetoria de circumscriptione minorum annis XXV* era obrigatório que qualquer menor de vinte

por causa de conduta pródiga ou por causa de loucura, estabeleceu de forma a que todos os jovens pudessem receber curadores sem indicarem as razões.

11. 1. Acautelou também os gastos públicos e impediu as acusações dos *quadruplicatores*¹⁰⁵, imprimindo o ferrete da infâmia aos falsos delatores. 2. Desprezou as delações pelas quais se enriquecia o fisco. No tocante às pensões alimentares¹⁰⁶, concebeu habilmente muitas medidas. Concedeu a muitas cidades curadores de entre os membros do senado, de forma a ampliar ainda mais as dignidades senatoriais. 3. Em tempo de fome, forneceu cereal da Urbe às cidades itálicas e tomou a seu cargo toda a questão do abastecimento de trigo. 4. Moderou, de todas as formas, os espectáculos de gladiadores. Moderou também as doações ao teatro, determinando que os actores pudessem receber cinco áureos¹⁰⁷, com a condição de que nenhum produtor excedesse as dez moedas de ouro. 5. Cuidou também, muito diligentemente, das ruas da cidade e das estradas. Tomou sérias medidas relativamente ao abastecimento de grão. 6. Estabelecidos juízes para a Itália, seguiu esta

e cinco anos requeresse um Curador, em caso de querer estabelecer um contrato, indicando as razões ou os fundamentos da petição (*reddita causa*). A lei tinha como principal objectivo proteger os menores de fraudes. Marco Aurélio estendeu a disposição que a lei Pletória exigia para transacções particulares, legislando no sentido de que todos os menores tivessem curadores, sem necessidade de exporem nenhum fundamento para tal.

¹⁰⁵ Delatores que recebiam a quarta parte dos bens do denunciado.

¹⁰⁶ O autor refere-se às pensões das instituições alimentares, criadas em favor dos jovens de famílias pobres.

¹⁰⁷ Moeda de ouro.

política de acordo com o exemplo de Adriano¹⁰⁸, que nomeara homens da ordem senatorial para administrar a justiça. 7. Esgotadas as províncias hispânicas pelo recrutamento itálico¹⁰⁹, também tomou discretamente medidas contra as prescrições de Trajano. 8. Promulgou leis adicionais relativas à vigésima parte das heranças, às tutelas dos libertos, aos bens maternos e também relativas às sucessões dos filhos pela parte materna¹¹⁰; e leis para que os senadores peregrinos¹¹¹ tivessem a quarta parte dos seus bens em Itália. 9. Deu, além disso, aos curadores das regiões¹¹² e das vias poder para ou punirem, ou enviarem ao prefeito da Urbe¹¹³ para serem punidos aqueles que tivessem exigido a alguém o que quer que fosse acima dos impostos. 10. Porém, ele, mais do que criar um novo direito, restaurou o antigo. Rodeou-se de prefeitos, pela autoridade e responsabilidade dos quais sempre ditou as leis. Recorreu sobretudo a Cévola¹¹⁴, homem versado em leis.

¹⁰⁸ Cf. Adriano 22.13.

¹⁰⁹ Cf. Adriano 12.4.

¹¹⁰ O autor alude ao *Senatusconsultum Orfitianum*, de 178 d.C., que regulava a sucessão nos bens da mãe por parte dos filhos e vice-versa. Cf. *Dig.*, 38.17.

¹¹¹ Trajano ordenara já o investimento de um terço das fortunas em Itália aos senadores não originários da Península Itálica.

¹¹² Os curadores eram funcionários imperiais, que exerciam funções específicas (cuidar dos bairros, das vias, etc.). Os *curatores regionum* tinham a seu cargo os catorze distritos nos quais se dividia a cidade de Roma. Tinham como função evitar a desordem e a extorsão.

¹¹³ O prefeito da cidade ou *praefectus urbis* era o administrador de Roma, o funcionário encarregado de reprimir todos os atentados à ordem pública, tendo por isso a seu cargo o corpo de polícia das coortes urbanas. Tinha ainda atribuições judiciais.

¹¹⁴ Provavelmente Q. Cévoldio Cévola.

12. 1. Por outro lado, com o povo não agiu diferentemente daquilo que se agia no tempo em que o estado era livre¹¹⁵. 2. E foi muito moderado em relação a todas as coisas, dissuadindo os homens do mal e convidando-os ao bem, remunerando-os com riquezas e perdoadando-os com indulgência; e fez dos maus bons e dos bons óptimos, suportando os gracejos de algumas pessoas também com contenção. 3. Na verdade, como recomendasse a um certo Vetrásino, homem de abominável reputação que lhe pedia um cargo, que se defendesse da opinião do povo, e aquele, por sua vez, lhe tivesse respondido que via muitos, que tinham combatido com ele na arena, como pretores, tolerou pacientemente a resposta. 4. E, para não castigar ninguém precipitadamente, não ordenou a um pretor, que tinha conduzido pessimamente certos assuntos, que abdicasse da pretura, mas entregou a um seu colega a administração da justiça. 5. Nunca favoreceu o fisco, sempre que julgava causas que envolvessem dinheiro. 6. Na verdade, embora fosse firme, era também comedido. 7. E, quando o irmão regressou vitorioso da Síria¹¹⁶, foi decretado para ambos o título de Pai da Pátria¹¹⁷, uma

¹¹⁵ Embora ambígua a leitura desta frase, porquanto sustenta também uma interpretação gnómica («Por outro lado, com o povo não agiu diferentemente daquilo que se agia em um estado livre»), a tendência pró-senatorial da narrativa, bem como o facto de, culturalmente, a ideia de liberdade para um Romano se encontrar associada a Roma e, muito particularmente, ao tempo da República romana, parecem sustentar que a *ciuitas* referida pelo autor coincide com a própria cidade de Roma.

¹¹⁶ Em 166 d.C.

¹¹⁷ Cf. 9.3.

vez que Marco, na ausência de Vero, se tinha comportado com grande moderação em relação a todos os senadores e a todos os homens. 8. Além disso, a coroa cívica¹¹⁸ foi oferecida aos dois; e Lúcio pediu que Marco celebrasse o triunfo juntamente com ele. Lúcio pediu ainda que os filhos de Marco fossem intitulados Césares¹¹⁹. 9. Mas Marco foi de tanta moderação que, embora tivesse celebrado o triunfo com ele, contudo, depois da morte de Lúcio, designava-se apenas por Germânico, título que tinha ganho na sua própria guerra. 10. Porém, no triunfo¹²⁰, levaram consigo os filhos de Marco de ambos os sexos, de forma que levaram inclusivamente as raparigas solteiras¹²¹. 11. Assistiram também aos jogos decretados em honra do triunfo em traje triunfal.

12. Entre outros exemplos da sua piedade, deve também ser mencionado este acto de moderação¹²²: ordenou, depois da queda de um rapaz, que se colocassem colchões sob os acrobatas. E daqui resultou que hoje se interponha uma rede.

13. Enquanto se fazia a guerra contra os Partos, rebentou a guerra marcomana¹²³, que, durante muito

¹¹⁸ Coroa que se atribuía a quem salvasse um cidadão no decurso de uma batalha.

¹¹⁹ Cf. Cómodo, 1.10. e 11.13. O autor refere-se a M. Aurélio Cómodo e a M. Ânio Vero.

¹²⁰ Celebrado em 166 d.C.

¹²¹ Provavelmente Fadila e Cornificia.

¹²² O autor considera o acto, que hoje seria considerado «de prudência», como um acto de moderação, o que só pode ser entendido à luz de um quadro em que este tipo de profissões e os seus agentes se encontravam social e humanamente desvalorizados.

¹²³ Em 166 d.C.

tempo, tinha sido contida pela habilidade dos que a comandavam, com o objectivo de que viesse a fazer-se essa guerra só depois de concluída a guerra no oriente.

14. E, embora tivesse insinuado a possibilidade da guerra ao povo em tempo de fome, Marco levou a questão ao senado após o regresso do irmão, cinco anos depois, sustentando que ambos os imperadores eram necessários à guerra germânica.

13. 1. No entanto, foi tão grande o terror causado pela guerra marcomana¹²⁴ que Antonino chamou sacerdotes de toda a parte, praticou ritos estrangeiros e purificou Roma de todas as formas; e atrasou-se na partida para a guerra. 2. Celebrou também um lectistérnio¹²⁵ durante sete dias, de acordo com o rito romano. 3. Entretanto deflagrou uma peste tão grande que os cadáveres eram transportados em carros e carroças. 4. Nessa altura, os Antoninos ratificaram leis muito rigorosas relativas a enterramentos e sepulturas, pois tomaram providências para que ninguém construísse sepulturas como bem entendesse – disposição que hoje se mantém. 5. E, com efeito, a peste matou milhares, incluindo muitos de entre os homens eminentes; Antonino mandou erguer estátuas para os mais distintos. 6. E tão grande foi a sua clemência que mandou fazer funerais aos mais pobres a expensas

¹²⁴ O autor alude provavelmente ao facto de os Marcomanos e os Quados terem invadido solo itálico, chegando inclusive a cercar a cidade de Aquileia.

¹²⁵ Ritual purificador: estendia-se um leito, no qual se colocavam estátuas dos deuses para lhes oferecer um banquete. Remonta, segundo a tradição, aos inícios do século IV a.C.

públicas. E a um certo impostor que, na mira de uma ocasião para saquear a cidade com alguns cúmplices, falava em público, no Campo de Marte, do alto de uma figueira-brava e anunciava que se ele próprio caísse da árvore e se transformasse em cegonha, estaria prestes a cair fogo do céu e próximo o fim do mundo – e apesar de ter caído no momento indicado e deixado sair uma cegonha da prega das vestes –, o imperador deu-lhe o perdão quando, depois de lho terem levado, confessou.

14. 1. Os dois imperadores partiram¹²⁶, finalmente, vestidos com manto dos generais, pois tanto os Victualos como os Marcomanos estavam a pôr tudo em desordem; também outros povos, que, pressionados por bárbaros mais longínquos tinham sido postos em fuga, atacariam com a guerra, a não ser que fossem autorizados a entrar¹²⁷. 2. Esta expedição foi de uma utilidade não despicienda, uma vez que, chegados a Aquileia¹²⁸, muitos reis recuaram, juntamente com os seus povos, e mataram os responsáveis pela desordem. 3. Os Quados, além disso, depois de terem perdido o seu rei, diziam que não confirmariam o sucessor que tinha sido eleito, antes da sua aprovação pelos nossos imperadores.

4. Lúcio partiu, todavia, contra-vontade, dado que a maior parte dos povos estava a enviar embaixadores aos legados dos imperadores, pedindo perdão pela rebelião. 5. E Lúcio, na verdade, uma vez que tinha

¹²⁶ Em 166 d.C.

¹²⁷ Subentende-se «nas províncias romanas».

¹²⁸ Cidade da Ístria (actual Croácia).

morrido o prefeito do pretório, Fúrio Victorino¹²⁹, bem como parte do exército, pensava que se devia regressar. Pelo contrário, Marco, considerando que os bárbaros simulavam não só a retirada, mas também as restantes coisas que manifestavam a ausência de perigo bélico para não serem esmagados pelo peso de um aparato tão grande, era levado a pensar que se devia pressionar.

6. Por fim, transpostos os Alpes, avançaram ainda mais e concretizaram todas as coisas que diziam respeito à defesa da Itália e do Ilírico. 7. No entanto, a pedido de Lúcio, pareceu-lhes bem enviar uma carta ao senado e que Lúcio regressasse a Roma. 8. Dois dias depois de terem começado a viagem, Lúcio, sentado com o irmão na carruagem, morreu, atacado por uma apoplexia¹³⁰.

15. 1. Marco tinha, além disso, o costume de ler, e de fazer audições, e de assinar documentos nos espectáculos de circo, costume pelo qual, na verdade, se diz que foi frequentemente zurzido por gracejos populares.

2. Os libertos Gémina e Agaclito¹³¹ tiveram certamente muito poder sob Marco e Vero.

3. Marco foi de uma integridade tão grande¹³² que não só ocultou, mas também desculpou os vícios de Vero, apesar de lhe desagradarem muito profundamente, e, depois de morto, intitulou-o Divino e ajudou e promoveu as suas tias e irmãs, decretando-lhes honras

¹²⁹ Em 167 d.C.

¹³⁰ Cf. Vero 9. 10 e 11.

¹³¹ Cf. Vero, 9.3.

¹³² O texto, entre este ponto e o capítulo XIX, constitui uma interpolação tardia.

e salários¹³³, e honrou-o com muitas cerimónias religiosas. 4. Dedicou-lhe um flâmine e um colégio de Antonianos¹³⁴ e todas as honras de que são objecto os imperadores divinizados.

5. Não há nenhum príncipe que não seja abalado por um rumor maldoso, de tal forma que até Marco foi também alvo do rumor de que tinha se livrado de Vero, ou por meio de veneno – isto é, cortando um ventre de porca com uma faca friccionada com veneno de um dos lados e oferecendo a comer ao irmão a parte envenenada¹³⁵, reservando para si a inofensiva; 6. ou, pelo menos, por intermédio do médico Posidipo, que, segundo se diz, lhe fez uma sangria inoportunamente. Cássio, depois da morte de Vero, revoltou-se contra Marco¹³⁶.

16. 1. Já para com os seus Marco manifestou tão grande bondade que não só conferiu a todos os seus parentes todas as honras dos cargos, mas também atribuiu sem demora ao filho, um homem verdadeiramente celerado e perverso, o título de César e, logo depois, o sacerdócio¹³⁷ e, imediatamente a seguir, o título de imperador¹³⁸, bem como a participação no triunfo¹³⁹ e o consulado. 2. Foi precisamente nessa altura¹⁴⁰ que o imperador correu a pé no Circo, ao lado do carro triunfal em que se sentava o seu filho.

¹³³ Cf. 20.5.

¹³⁴ Trata-se do Colégio dos *Sodales Antoniniani Veriani*.

¹³⁵ Cf. Vero, 11.2 e 10.1 a 10.5.

¹³⁶ Em 175. Cf. 25.6; e Avidio Cássio, 7 e segs.

¹³⁷ Janeiro de 175. Cf. Cómodo, 1.10 e 12.1.

¹³⁸ Dia 27 de Novembro de 176.

¹³⁹ Dia 23 de Dezembro de 176. Cf. Cómodo 2.4. e 12.5.

¹⁴⁰ Em 177 d.C.

3. Depois da morte de Vero, Marco Antonino manteve sozinho o império, muito melhor e com mais propensão para as virtudes, 4. porquanto já não se encontrava limitado pelos erros de Vero – ou pelos da ingenuidade e da acalorada franqueza, de que sofria como vício congénito, ou então por aqueles que especialmente desagradavam a Marco Antonino já desde os seus primeiros anos de idade, ou ainda pelos princípios e costumes de uma mente depravada. 5. Na verdade, havia nele próprio tanta tranquilidade que, seguidor da filosofia estóica que não só recebera por intermédio dos melhores mestres, mas que também ele próprio tinha colhido de toda a parte, nunca alterou a expressão do rosto em função da tristeza ou da alegria. 6. Na verdade, também Adriano o teria preparado exactamente a ele para sucessor, se a sua menoridade não tivesse sido um obstáculo. 7. Isso é manifesto no facto de o ter escolhido exactamente a ele para genro de Pio¹⁴¹, para que o império romano lhe coubesse um dia, na qualidade de homem merecedor.

17. 1. Portanto, depois destes acontecimentos, governou as províncias com enorme moderação e benevolência. Cumpriu, com êxito, a campanha contra os Germanos. 2. Em especial, ele próprio acabou a guerra marcomana, uma guerra tão grande que não há memória de outra igual, não só com vigor, mas também com êxito, e, na verdade, naquele tempo em que uma violenta peste tinha matado muitos milhares não só de civis, mas também de soldados¹⁴².

¹⁴¹ Adriano escolhera Marco, na verdade, para genro de Élio César e não de Pio. Cf. 4.5 e 6.2.

¹⁴² Cf. 13.3.

3. Logo, aniquilados os Marcomanos, os Sármatas, os Vândalos e, ao mesmo tempo, também os Quados, libertou as Panónias¹⁴³ da servidão e celebrou o triunfo em Roma¹⁴⁴, com Cómodo, seu filho, do qual, como dissemos, havia já feito César. 4. Além disso, como tivesse exaurido todo o erário nessa guerra e não tivesse a intenção de ordenar um tributo extraordinário aos habitantes das províncias, fez uma venda em hasta pública¹⁴⁵, no foro do divino Trajano, dos ornamentos imperiais; e vendeu cálices de ouro, de cristal e de murra, e também vasos régios e vestes de seda, bordadas a ouro, da sua mulher, e até pedras preciosas, que tinha encontrado em grande quantidade em um armário mais reservado de Adriano. 5. E esta venda fez-se durante dois meses e reuniu-se tão grande quantidade de ouro que, depois de ter acabado o que restava da guerra marcomana, de acordo com o seu desejo, deu aos compradores a oportunidade de, caso algum quisesse devolver os objectos comprados e reaver o dinheiro, saber que o podia fazer. E não foi desagradável com ninguém que tivesse ou não tivesse devolvido o que tinha comprado.

6. Nessa altura, permitiu aos homens mais ilustres que dessem banquetes com o mesmo aparato que ele e com um serviço idêntico ao dele. 7. Além disso, no

¹⁴³ Região situada entre o Danúbio e a Nórica, que, por constituir uma região-fronteira do império, foi determinante para a gestão do conflito que opunha Roma às tribos invasoras de origem germânica.

¹⁴⁴ Em 176 d.C. Cf. 16.2.

¹⁴⁵ Em 169 d.C.

tocante aos jogos públicos, foi tão magnânimo que apresentou simultaneamente cem leões, que foram mortos por setas, em um único espectáculo.

18. 1. Em suma, depois de ter governado no amor de todos e tendo sido amado e chamado por diversas pessoas ora irmão, ora pai, ora filho, de acordo com o que a idade de cada um permitia, encerrou, finalmente, o seu último dia no décimo oitavo ano do seu governo e sexagésimo primeiro da sua vida¹⁴⁶. 2. E, no dia do funeral régio, tão grande foi o amor por ele manifestado que ninguém pensou que se devia chorar por ele, certos todos de que ele tinha sido emprestado pelos deuses e que regressava aos deuses. 3. Por fim, antes de se fazer o funeral, como muitos autores asseguram, o senado e o povo, não em lugares separados, mas sentados juntos – algo que nunca tinha acontecido antes, nem aconteceu depois – declararam-no deus propício.

4. Este homem, na verdade tão grande e de tal natureza e associado aos deuses na vida e na morte, deixou um filho, Cómodo, que, se tivesse sido afortunado, não teria deixado. 5. Na verdade, não foi suficiente que gente de todas as idades, de todos os sexos e de todas as condições sociais e estatutos lhe dessem honras divinas, pois aquele que não possuísse em sua casa uma imagem do imperador que, de acordo com a sua condição, ou pudesse ou devesse ter, era também considerado sacrílego. 6. Em suma, ainda hoje se encontram, em muitas casas, estátuas de Marco Antonino entre os deuses Penates¹⁴⁷.

¹⁴⁶ Dia 17 de Março de 180 d.C. Cf. 28.

¹⁴⁷ Os penates eram os deuses da casa. Os Romanos acreditavam que eram os penates que abençoavam a família,

7. E não faltaram homens que, com base em sonhos nos quais o imperador prenunciou muitas coisas, auguraram acontecimentos futuros que se revelaram verdadeiros. 8. Daqui resulta que também lhe foi estabelecido um templo, dados sacerdotes Antonianos, quer *sodales*¹⁴⁸, quer flâmines, e tudo o que antiguidade decretou a respeito das matérias sagradas.

19. 1. Dizem alguns, e isso parece credível, que Cómodo Antonino, seu sucessor e filho, não tinha sido gerado por ele, mas que nascera de um adultério; 2. e, apoiados no falatório do povo, tecem a seguinte historieta: um certo dia, Faustina, filha de Pio e mulher de Marco, tendo visto passar uns gladiadores, incendiou-se de amores por um deles e, ao padecer de uma prolongada doença, confessou ao marido essa paixão. 3. Quando Marco relatou este facto aos Caldeus¹⁴⁹, eles foram de conselho que, depois de se dar a morte ao gladiador, Faustina tomasse banho com o seu sangue e, desse modo, se deitasse com o marido. 4. Quando isso foi feito, dissolveu-se, na verdade, aquela paixão, mas Cómodo nasceu gladiador 5. e não príncipe, pois, enquanto imperador, participou publicamente em cerca de mil combates de gladiadores, perante a vista do povo¹⁵⁰, como se dirá na sua vida. 6. Na verdade, esta história é credível pelo facto de o filho de um príncipe tão venerável ter tido costumes que não

pelo que eram considerados um bem inestimável.

¹⁴⁸ *Sodales Antoniniani*.

¹⁴⁹ Povo de origem semita. Os Caldeus surgem na literatura greco-latina associados a práticas mágicas e divinatórias.

¹⁵⁰ Cf. 11.12 e 12.11.

teve nenhum lanista, nenhum actor, nenhum gladiador, enfim, nenhum homem formado pela junção de todas as desonras e de todos os crimes. 7. Muitos dizem, porém, que Cómodo nasceu realmente de adultério, porque é comumente sabido que, em Caieta¹⁵¹, Faustina escolhera para seus amantes quer marinheiros, quer gladiadores. 8. Quando sobre ela se falava a Marco Antonino, para que, caso a não quisesse executar, a repudiasse, diz-se que respondeu: 9. «se repudiamos a minha mulher, teremos também de devolver o dote». Ora que dote possuía ele? O império que ele, uma vez adoptado, recebera do sogro, de acordo com a vontade de Adriano. 10. Na verdade, a vida de um príncipe bom – a sua integridade, serenidade e piedade – tem um valor tão grande que o desprezo por alguém da sua família não desonra a sua reputação.

11. Em suma, a Antonino, já que mantinha sempre os seus costumes e não se modificava por causa das insinuações de ninguém, não o prejudicou o filho gladiador, nem a mulher infame; e também hoje é considerado um deus, como vós mesmo, sacratíssimo imperador Diocleciano, sempre o considerastes e o considerais, vós que o venerais entre as vossas divindades, não como os restantes, mas de forma especial, e dizeis frequentemente que desejais ser, na vida e na clemência, tal como Marco foi, embora, no tocante à filosofia, nem Platão, se regressasse à vida, poderia ser igual. E este é, na verdade, um relato breve e conciso.

¹⁵¹ Cidade do Lácio, lendariamente fundada por Eneias em honra da sua ama Caieta.

20. 1. Contudo, são estes os actos realizados por Marco Antonino, após a morte do irmão¹⁵²: primeiro, levou o seu corpo para Roma e sepultou-o no túmulo dos antepassados¹⁵³. 2. Depois, foram-lhe decretadas honras divinas¹⁵⁴. Em seguida, quando agradeceu ao senado por ter divinizado o irmão, deu veladamente a conhecer que foram seus todos os planos bélicos pelos quais os Partos foram vencidos. 3. Acrescentou, além disso, outras coisas com as quais demonstrou que, agora, governaria finalmente o Estado, como se começasse de novo, uma vez que tinha sido afastado aquele que parecia mais negligente. 4. Nem o senado entendeu de outra forma aquilo que Marco tinha dito que não fosse a de que parecia que o imperador dava graças pelo facto de Vero ter deixado a vida. 5. Depois, concedeu direitos, honras e dinheiro, em grande quantidade, a todas as suas irmãs, parentes e libertos¹⁵⁵. De facto, era extremamente cuidadoso com a sua reputação, inquirindo, até saber a verdade, o que cada um dizia sobre ele, corrigindo as coisas que lhe pareciam criticadas com razão.

6. Ao partir para a guerra germânica¹⁵⁶ e antes de decorrido o tempo do luto, deu a sua filha¹⁵⁷ em casamento a Cláudio Pompeiano, homem de idade avançada, filho de um cavaleiro romano, de origem antioquense e não suficientemente nobre (a quem,

¹⁵² Cf. 14.8.

¹⁵³ Túmulo de Adriano. Cf. Vero 11.1.

¹⁵⁴ Cf. 15.3 e 4.

¹⁵⁵ Cf. 15.3.

¹⁵⁶ Outubro de 169 d.C.

¹⁵⁷ Viúva de Vero, Lucila.

depois, fez cônsul por duas vezes), 7. uma vez que a sua filha era Augusta e filha de uma Augusta. Porém, quer Faustina, quer a própria que era dada em casamento aceitaram estas núpcias contra a sua vontade.

21. 1. Quando os Mauros¹⁵⁸ estiveram perto de devastar todas as províncias hispânicas, as campanhas foram levadas a termo com êxito pelos seus legados. 2. E como os soldados Bucólicos¹⁵⁹ tivessem feito muitas coisas graves no Egipto, foram repelidos por Avídio Cássio, que, depois, intentou usurpar o poder¹⁶⁰. 3. Por altura dos dias da partida¹⁶¹, no retiro prenestino¹⁶², perdeu um filho de sete anos, de nome Vero César¹⁶³, após a excisão de um tumor sob uma orelha, 4. pelo qual esteve de luto não mais do que cinco dias e, depois de ter confortado também os médicos, regressou aos actos públicos. 5. E porque decorriam os jogos de Júpiter Óptimo Máximo¹⁶⁴, não quis que fossem interrompidos pelo luto público; e ordenou que fossem decretadas apenas estátuas para o filho defunto, e que uma imagem em ouro fosse levada no cortejo dos jogos de circo, e que o seu nome fosse inserido no hino dos Sális.

¹⁵⁸ Habitantes da Mauritânia. O facto a que se alude ocorreu provavelmente nos anos de 172 d.C. e 173 d.C. Cf. 22.11.

¹⁵⁹ Cf. Avídio Cássio, 6.7.

¹⁶⁰ Cf. Avídio Cássio, 7 e segs.

¹⁶¹ Para a guerra na Germânia.

¹⁶² Preneste, cidade do Lácio.

¹⁶³ M. Ânio Vero.

¹⁶⁴ Provavelmente os Jogos Capitolinos, em honra de Júpiter Capitolino.

6. Visto que, na verdade, a peste ainda grassava¹⁶⁵, restabeleceu muito escrupulosamente o culto dos deuses e, do mesmo modo que tinha sido feito durante a Guerra Púnica¹⁶⁶, preparou escravos para a guerra, que denominou «Voluntários», a exemplo dos *Volones*¹⁶⁷. 7. Armou também gladiadores aos quais chamou «Cooperantes». Salteadores da Dalmácia e da Dardânia fê-los também soldados. E armou os diogmitas¹⁶⁸. Comprou tropas auxiliares aos Germanos para lutarem contra os Germanos. 8. Além disso, preparou diligentemente legiões¹⁶⁹ para as guerras germânica e marcomana. 9. E para não onerar os habitantes das províncias, fez, como dissemos¹⁷⁰, um leilão de bens da corte no foro do divino Trajano, no qual, além de vestes, e cálices, e vasos de ouro, vendeu também esculturas juntamente com painéis de grandes artistas. 10. Esmagou os Marcomanos na sua própria travessia do Danúbio e restituiu o saque aos habitantes das províncias.

22. 1. Todos os povos, desde a fronteira da Ilíria até à Gália, tinham conspirado, como, por exemplo, os Marcomanos, os Varistas, os Hermúnduros e os Quados, os Suevos, os Sármatas, os Lacringes e os Buros – estes e outros com os Victualos, os Osos, os Bessos, os Cobotes,

¹⁶⁵ Cf. 13.3.

¹⁶⁶ Guerra que opôs Roma a Cartago (218 a.C. e 201. a.C.).

¹⁶⁷ Voluntários. Escravos que se voluntariaram para o serviço militar, na Segunda Guerra Púnica, depois da batalha de Canas.

¹⁶⁸ *Diogmitae* designa um corpo policial paramilitar, armado à ligeira, que servia nas cidades gregas.

¹⁶⁹ Provavelmente o autor refere-se à criação da *Legio II Pia* e da *Legio III Concordia*.

¹⁷⁰ Cf. 17. 4 e 5.

os Roxolanos, os Bastarnas, os Alanos, os Peucinos, os Costobocos. Estava não só iminente a guerra pártica, como também a britânica. 2. Portanto, foi também com grande esforço da sua parte que venceu os povos mais aguerridos; e nisso foi imitado pelos soldados e pelos legados e prefeitos do pretório, que também comandavam o exército; e recebeu a rendição dos Marcomanos, que foram levados, em grande número, para Itália¹⁷¹.

3. Certamente consultou sempre com os nobres¹⁷² antes de fazer alguma coisa, não só em relação a questões bélicas, mas também a civis. 4. Em suma, esta sempre foi a sua frase especial: «É mais justo que eu siga o conselho de tantos e tão bons amigos do que tantos e tão bons amigos sigam a vontade de um só – a minha.» 5. Na verdade, porque parecia um homem duro em consequência do seu sistema de filosofia, Marco era vivamente criticado no tocante aos trabalhos militares e à vida em geral, 6. mas respondia, quer verbalmente, quer por escrito, aos que o criticavam.

7. Morreram também muitos nobres na guerra germânica ou marcomana, ou melhor, na «guerra de muitos povos», aos quais, sem exceção, erigiu estátuas no foro Úlpio¹⁷³. 8. Por essa razão, tentaram os amigos frequentemente persuadi-lo a que abandonasse as guerras e regressasse a Roma, mas ele ignorou-os e persistiu, não tendo regressado antes de terminar todas as guerras¹⁷⁴. 9. Transformou províncias proconsulares

¹⁷¹ Cf. 24.3.

¹⁷² Subentende-se «do seu Conselho».

¹⁷³ Trata-se do foro de Trajano.

¹⁷⁴ Cf. 24.4. e 25.1.

em consulares e províncias consulares em proconsulares ou pretorianas, de acordo com a necessidade de guerra. 10. Reprimiu também, com censura e autoridade, as agitações entre os Séquanos. 11. E, na Hispânia,¹⁷⁵ foi igualmente apaziguada a situação, que tinha posto em desordem a Lusitânia.

12. Ao filho Cómodo, chamado à fronteira, entregou-lhe a toga viril¹⁷⁶, razão pela qual distribuiu um congíario pelo povo; e designou-o cônsul antes da idade legal¹⁷⁷.

23. 1. Se, alguma vez, alguém foi proscrito pelo prefeito da cidade, não o aceitou de boa vontade. 2. Nas distribuições de dinheiro público, ele próprio foi muito poupado, informação que se dá mais como louvor do que como crítica. 3. Mas, por outro lado, deu dinheiro a homens bons e conferiu auxílio a cidades à beira da ruína¹⁷⁸; e perdoou impostos e tributos, quando a necessidade obrigava. 4. Ordenou, de forma veemente, que, na sua ausência, os divertimentos do povo romano fossem pagos pelos produtores mais ricos. 5. Com efeito, como tinha levado os gladiadores para a guerra, correu entre o povo o boato de que, uma vez suprimidos os espectáculos, o imperador queria obrigá-lo à filosofia. 6. Ordenara, além disso, que os pantomimos actuassem mais tarde e não durante todo o dia, para não incomodarem o comércio.

7. Houve rumores acerca dos amores da sua

¹⁷⁵ Cf. 21.1.

¹⁷⁶ Dia 9 de Julho de 175 d.C.; cf. Cómodo 2.2. e 12.3.

¹⁷⁷ Em 177 d.C.

¹⁷⁸ Cf. 11.3.

mulher¹⁷⁹ com pantomimos, como dissemos acima. Mas ele rebateu todas essas insinuações por intermédio das suas cartas.

8. Marco proibiu igualmente estacionar, quer cavalos, quer veículos dentro das cidades. Suprimiu os banhos mistos¹⁸⁰. Pôs limites aos costumes dissolutos das matronas e dos jovens nobres. Purgou os ritos sagrados de Serápis¹⁸¹ da vulgaridade de Pelúcio¹⁸².

9. Havia realmente o rumor de que alguns, sob a aparência de serem filósofos, atacavam o Estado e os privados – rumor que ele refutou.

24. 1. Antonino seguia aquele costume de punir todos os crimes com menor castigo do que costumavam ser punidos pelas leis, embora, algumas vezes, se mantivesse inflexível com os que eram claramente culpados de crimes graves. 2. Examinou pessoalmente os processos de penas capitais de homens respeitáveis, sempre com suma equidade, de tal forma que repreendeu um pretor que tinha ouvido o processo de uns réus apressadamente e ordenou-lhe que o examinasse de novo, afirmando que interessava à dignidade deles que fossem ouvidos por um homem que julgasse em nome do povo. 3. E conservou a equidade até com os inimigos capturados. Estabeleceu em solo romano um número incontável de pessoas de povos estrangeiros¹⁸³.

4. Desviou, com as suas preces, um raio caído do

¹⁷⁹ Cf. 19.

¹⁸⁰ Cf. Adriano 18.10.

¹⁸¹ Referência ao festival anual, dedicado ao deus de origem egípcia, Serápis, celebrado a 25 de Abril.

¹⁸² Cidade do Baixo Egípto.

¹⁸³ Cf. 22.2.

céu contra uma máquina de guerra inimiga e obteve a chuva para os seus, quando sofriam de sede¹⁸⁴.

5. Quis que a Marcomânia fosse uma província, quis também fazer uma província da Sarmácia e tê-lo-ia feito 6. se, nesse mesmo momento, não se tivesse rebelado Avídio Cássio no Oriente; e Avídio nomeou-se imperador, segundo dizem alguns, de acordo com o desejo de Faustina, que perdia a esperança em relação à saúde do marido¹⁸⁵. 7. Outros dizem que Cássio se nomeou imperador, depois de inventar a morte de Antonino, uma vez que lhe tinha chamado «divino Marco»¹⁸⁶. 8. E, na verdade, Antonino não ficou muito perturbado com a defecção de Cássio, nem se enfureceu contra os seus entes queridos. 9. Cássio foi, contudo, declarado inimigo público pelo senado e os seus bens foram confiscados pelo erário público.

25. 1. Tendo, portanto, abandonado a guerra sarmática e a marcomana, avançou contra Cássio¹⁸⁷. 2. Em Roma houve também distúrbios, como se, dada a ausência de Antonino, Cássio estivesse para chegar. Porém Cássio foi imediatamente morto e a sua cabeça trazida a Antonino. 3. Marco, todavia, não ficou exultante com a morte de Cássio e mandou inumar a sua cabeça. 4. O exército matou também Meciano¹⁸⁸, aliado de Cássio, a quem Alexandria tinha sido confiada.

¹⁸⁴ De acordo com Dion Cássio (71.8 a 10), sucedeu em 174 d.C., na guerra contra os Quados.

¹⁸⁵ Cf. Avídio Cássio, 7.1.

¹⁸⁶ Cf. Avídio Cássio, 7.2. e 7.3.

¹⁸⁷ Julho de 175.

¹⁸⁸ Talvez L. Volúcio Meciano, seu professor de Direito. Cf. 3.6.

Na verdade, Cássio tinha até nomeado o seu prefeito do pretório, que foi também ele próprio morto. 5. Proibiu o senado de castigar com severidade os cúmplices da rebelião. 6. Ao mesmo tempo, pediu que, durante o tempo do seu principado, nenhum senador fosse morto¹⁸⁹, para que o seu governo não fosse manchado. 7. Mandou também chamar de volta até os que tinham sido deportados, embora um pequeníssimo número de centuriões tivesse sido punido com a morte. 8. E perdoou às cidades que tinham estado com Cássio; perdoou até os Antioquenses, que, em benefício de Cássio, tinham dito muitas coisas contra Marco. 9. A estes aboliu-lhes quer os espectáculos, quer as assembleias públicas e todo o género de reunião e emitiu contra eles um edicto muito severo. 10. No entanto, um discurso de Marco, citado por Mário Máximo, pronunciado pelo imperador entre amigos, revela que eles também eram sediciosos.

11. Por fim, não quis visitar Antioquia, quando se encontrava a caminho da Síria. 12. Na verdade, nem quis visitar Cirro¹⁹⁰, terra natal de Cássio. No entanto, mais tarde visitou Antioquia. Esteve em Alexandria, comportando-se de forma clemente com os Alexandrinos.

26. 1. Tratou de muitos assuntos com reis e ratificou a paz, quando todos os reis e legados dos Persas se dirigiram à sua presença. 2. Foi muito amado por todas as províncias orientais. Em muitas, deixou também vestígios de pensamento filosófico. 3. Entre os Egípcios, comportou-se

¹⁸⁹ Cf. 10.6.

¹⁹⁰ Cidade da Síria.

como um cidadão e como um filósofo em todos os estádios, templos e lugares. E embora os Alexandrinos tivessem dito muitas coisas favoráveis a Cássio, contudo perdoou-os a todos e deixou a sua filha entre eles.

4. Perdeu a sua Faustina, na povoação de Halala¹⁹¹, no sopé do monte Tauro¹⁹², privada da vida pela força de uma doença súbita. 5. Pediu ao senado que decretasse honras¹⁹³ e um templo a Faustina e louvou-a, apesar de ter sofrido seriamente com a fama de impudicícia¹⁹⁴ – que Antonino ou ignorava ou dissimulava. 6. Instituiu um novo colégio de donzelas Faustianas¹⁹⁵ em honra da sua defunta mulher. 7. Também agradeceu ao senado por ter divinizado Faustina, 8. que tinha tido consigo inclusive nos acampamentos de Verão, razão pela qual lhe chamava «Mãe do acampamento». 9. Fez também da povoação em que Faustina morreu uma colónia e erigiu-lhe um templo. Este templo foi, todavia, mais tarde dedicado a Elagábalo¹⁹⁶.

10. Em virtude da sua clemência, consentiu que o próprio Cássio fosse assassinado, mas não mandou matá-lo. 11. Heliodoro, filho de Cássio, foi deportado e outros dos seus filhos sofreram o exílio, mas com parte dos seus bens. 12. Na verdade, os filhos de Cássio não só receberam mais de metade do património paterno¹⁹⁷,

¹⁹¹ Situada na Capadócia.

¹⁹² Cadeia montanhosa da Ásia Menor.

¹⁹³ Subentende-se «divinas».

¹⁹⁴ Cf. 19.

¹⁹⁵ Tratar-se-ia de raparigas socialmente desprotegidas, sustentadas pelo Estado.

¹⁹⁶ O deus-Sol, que o imperador Heliogábalos elevará a deus supremo do panteão romano.

¹⁹⁷ Cf. Avídio Cássio, 9.2. a 4.

mas também foram ajudados com ouro e prata; e as mulheres receberam inclusivamente jóias. Assim, até Alexandria, filha de Cássio, e Drunciano, seu genro, confiados ao marido de uma tia, tinham o poder de viajar livremente. 13. Por fim, lamentou a morte de Cássio, afirmando que tinha querido levar até ao fim o seu governo sem derramar sangue senatorial¹⁹⁸.

27. 1. Depois de resolvidos os problemas no Oriente¹⁹⁹, esteve em Atenas e fez a iniciação nos Mistérios de Ceres²⁰⁰ para provar que era puro; e entrou sozinho no santuário. 2. Regressando a Itália por mar, sofreu uma violentíssima tempestade. 3. Ao entrar em Itália por Brundísio, vestiu a toga e ordenou aos soldados que se apresentassem togados – e, sob o seu governo, nunca mais os soldados vestiram o sago²⁰¹. 4. Logo que chegou a Roma²⁰², celebrou o triunfo. E daí partiu para Lavínio²⁰³. 5. Depois associou a si Cómodo, como colega, no poder tribunício, deu um congíário ao povo e espectáculos maravilhosos. Em seguida, melhorou muitas matérias civis. 6. Estabeleceu um limite para os gastos com os jogos de gladiadores.

7. Na sua boca, esteve sempre a frase de Platão: «as cidades²⁰⁴ florescerão se os filósofos governarem ou se os governantes filosofarem».

8. Casou o seu filho com a filha²⁰⁵ de Brútio

¹⁹⁸ Cf. 25.6.

¹⁹⁹ Setembro de 176 d.C.

²⁰⁰ Mistérios de Elêusis. Cf. Adriano 13.1.

²⁰¹ Manto dos soldados que se opõe à toga, manto dos civis.

²⁰² Novembro de 176 d.C.

²⁰³ Cidade do Lácio.

²⁰⁴ O termo ‘cidades’ tem o valor de ‘Estados’.

²⁰⁵ Brútia Crispina.

Presente, tendo celebrado as núpcias à semelhança dos cidadãos privados; por esta razão deu também um congíario ao povo.

9. Depois, voltado para a necessidade de terminar a guerra²⁰⁶, morreu enquanto superintendia essa guerra, no momento em que os costumes do seu filho estavam já em desvio do seu modo de vida. 10. No triénio seguinte²⁰⁷, travou também a guerra contra os Marcomanos, os Hermúnduros, os Sármatas, os Quados e, se tivesse sobrevivido um ano mais, teria feito dos seus territórios províncias. 11. Dois dias antes de morrer, recebeu os amigos e, segundo se diz, transmitiu-lhes sobre o filho a mesma opinião que Filipe tivera de Alexandre, quando ainda o não tinha em bom conceito, acrescentando que lhe custava bastante deixar atrás de si um tal filho. 12. Na verdade, Cómodo já se mostrava torpe e cruel.

28. 1. A sua morte²⁰⁸, porém, aconteceu assim: quando começou a sentir-se doente, chamou o filho e pediu-lhe, em primeiro lugar, que não menosprezasse o que restava da guerra, para que não parecesse que traía o Estado. 2. E, como o filho lhe tivesse respondido que primeiramente se preocupava com a sua própria saúde, permitiu-lhe esse desejo²⁰⁹, pedindo-lhe, no entanto, que aguardasse alguns dias e que não partisse de imediato. 3.

²⁰⁶ A saída de Roma em direcção à Panónia ocorreu a 3 de Agosto de 178.

²⁰⁷ Entre os anos 178 e 180 d.C.

²⁰⁸ É incerto o local onde ocorreu a morte, provavelmente de peste, do imperador, embora seja provável que tenha ocorrido perto de Vindóbona (actual Viena).

²⁰⁹ Cf. Cómodo, 3.5.

Depois, desejando morrer, absteve-se de alimento e de bebida e agravou a sua doença. 4. Ao sexto dia, chamou os amigos e, rindo-se das coisas humanas e mostrando desprezo pela morte, disse-lhes: «porque chorais por mim e não pensais antes na peste e na morte comum?» 5. E, como eles tivessem a intenção de se retirar, disse, com um gemido: «se já me deixais, antecipando-me, digo-vos adeus». 6. E como se lhe perguntasse a quem confiava o filho, ele respondeu: «A vós, se for digno disso, e aos deuses imortais». 7. Os soldados, uma vez conhecida a sua má saúde, sofriam muito, porque o amaram de uma forma única. 8. Ao sétimo dia, piorou e só recebeu o filho, que despediu imediatamente, para não lhe transmitir a doença. 9. Depois de despedir o filho, cobriu a cabeça, como que querendo dormir, mas, durante a noite, exalou o último suspiro. 10. Diz-se que desejava a morte do filho – uma vez que o via no futuro tal e qual como foi depois da sua morte – para que, como ele mesmo dizia, não fosse semelhante a Nero, Calígula e Domiciano.

29. 1. É-lhe imputada a acusação de ter promovido os amantes da sua mulher, Tertulo e Tutílio e Órfito e Moderato, a vários cargos, apesar de ter até surpreendido Tertulo a almoçar com a sua mulher. 2. Um pantomimo falou desse homem no palco, na presença de Antonino: como um Parvo²¹⁰ perguntasse ao escravo o nome do amante da sua mulher e este lhe respondesse «Tulo» por três vezes e o Parvo continuasse a perguntar, aquele

²¹⁰ *Stupidus*, no original (nome de personagem que mimava um «Parvo»).

respondeu: «já te disse três vezes, chama-se Tulo.»²¹¹ 3. E realmente o povo falou muito acerca disto; outros disseram também muitas coisas, censurando a paciência de Antonino.

4. Na verdade, antes de morrer e antes de ter regressado à guerra marcomana, jurou no Capitólio²¹² que nenhum senador tinha sido morto com o seu conhecimento; e disse igualmente que teria salvado a vida aos revoltosos, se tivesse sido informado.

5. Com efeito, nada mais temeu e mais tentou evitar do que a fama de avareza, da qual se iliba em muitas cartas. 6. Também lhe imputam o defeito de ter sido dissimulado e não tão franco como parecia ou como o foram Pio ou Vero. 7. Atribuíram-lhe igualmente a falta de ter encorajado a arrogância da corte, separando os amigos da convivência comum e dos banquetes.

8. Decretou a divinização dos pais. Honrou também os amigos dos pais com estátuas, depois de terem morrido. 9. Não deu crédito imediato aos partidários, mas sempre inquiriu durante muito tempo o que era verdade.

10. Quando Faustina morreu, Fábia²¹³ fez esforços para se unir com ele em casamento; mas ele tomou para si como concubina a filha do procurador da sua mulher, para não submeter tantos filhos a uma madrasta.

²¹¹ Trocadilho linguístico: *ter Tullus* («três vezes Tulo») sonoriza-se como *Tertullus*, nome do suposto amante da imperatriz.

²¹² Templo de Júpiter.

²¹³ Cf. 4.5.

(Página deixada propositadamente em branco)

VIDA DE LÚCIO VERO

[**Júlio Capitolino***]

* Os autores a quem são atribuídas as *Vidas* serão muito provavelmente fictícios, segundo a maioria dos críticos modernos. Vide Introdução.

(Página deixada propositadamente em branco)

1. 1. Sei que muitos biógrafos ofereceram a vida de Marco e de Vero à literatura e à história, de forma a apresentarem primeiro Vero ao conhecimento dos leitores, não tendo seguido a ordem do governo, mas das suas vidas. 2. Eu, na verdade, uma vez que Marco começou a governar primeiro e só depois Vero, que morreu, tendo-lhe Marco sobrevivido, pensei que devia divulgar primeiro Marco e, em seguida, Vero.

3. Portanto, Lúcio Ceiónio Élio Cómodo Vero Antonino, que foi chamado *Élio* por vontade de Adriano, e Vero e Antonino, em virtude da sua relação com Antonino, não se encontra nem entre os bons, nem entre os maus príncipes. 4. É certo que não esteve encrespado de vícios, não abundou em virtudes, viveu, além disso, não em um principado seu e autónomo, mas em um império com um poder semelhante e igual soberania, no tempo de Marco, de cujo modo de vida se afastou por causa da libertinagem de costumes e do excesso de uma vida licenciosa. 5. Era, com efeito, de carácter simples e alguém incapaz de dissimular o que quer que fosse.

6. O seu pai natural foi Lúcio Élio Vero, que, adoptado por Adriano, foi o primeiro a ser chamado César¹ e que morreu investido na mesma condição².

¹Cf. Élio 1.2.

²Cf. Adriano, 23.16; e Élio, 4.7.

7. Os avôs e bisavôs e também muitos dos seus antepassados foram consulares³. 8. Lúcio nasceu em Roma, durante a pretura do seu pai, no décimo oitavo dia antes das Calendas de Janeiro⁴, dia em que também nasceu Nero⁵, que obteve o poder supremo. 9. A sua ascendência paterna era, maioritariamente, da Etrúria e a materna de Favência⁶.

2. 1. Nascido nesta família, passou para a família Élia quando o pai foi adoptado por Adriano e, depois da morte de César, seu pai, permaneceu na família imperial. 2. Foi confiado por Adriano a Aurélio⁷, para que o adoptasse, quando o imperador, tomando medidas adequadas para a sucessão, quis que Pio fosse seu filho e Marco seu neto; 3. e, pela mesma ordem de razões, que Vero desposasse a filha de Pio, que foi dada a Marco pelo facto de que Vero parecia ainda de insuficiente idade, como expusemos na *Vida* de Marco⁸. 4. Casou, depois, com Lucila, filha de Marco⁹. Foi educado na Casa Tiberiana¹⁰. 5. Ouvia Escaurino¹¹, gramático latino, filho de Escauro, que foi professor de gramática de Adriano, e os gregos Télefo, Heféstion, Harpocrácion, os retores Apolónio, Canínio Célere e Herodes Ático¹², o latino

³ O avô, L. Ceiónio Cómodo, foi cônsul em 106 d.C.

⁴ Dia 15 de Dezembro de 130.

⁵ 15 de Dezembro do ano 37 d.C.

⁶ Cidade itálica da Emília Romana. Cf. Élio, 2.8.

⁷ Isto é, a Antonino Pio.

⁸ Cf. Marco, 6.2.

⁹ Cf. Élio, 6.9; e Marco, 7.7. e 9.4.

¹⁰ A *Domus Tiberiana* localizava-se no Palatino e era um palácio mandado construir pelo imperador Tibério no século I d.C.

¹¹ Terêncio Escaurino.

¹² Retórico de origem ateniense. Cônsul em 143 d.C.

Cornélio Frontão¹³; os filósofos Apolônio¹⁴ e Sexto¹⁵. 6. Amou-os a todos singularmente e, por sua vez, foi amado por eles, embora não tivesse talento para as letras.

7. Contudo, na infância, gostou de compor versos; mais tarde, discursos. E diz-se, realmente, que foi melhor orador do que poeta, ou melhor, para dizer a verdade, que foi pior poeta do que orador. 8. E não faltam os que dizem que foi ajudado pelo talento dos amigos e que aquelas mesmas coisas que lhe foram atribuídas, quaisquer que sejam, foram escritas por outros, pois, segundo se diz, fez-se sempre rodear de muitos homens eloquentes e eruditos. 9. Teve como preceptor Nicomedes. Foi dado aos prazeres e extremamente jovial; e, de forma elegante, de grande apetência para todos os deleites, jogos e divertimentos. 10. Depois de fazer sete anos¹⁶, foi transferido para a família Aurélia e educado de acordo com os costumes e com o exemplo de Marco. Amou a caça, a luta e todos os exercícios da juventude. 2.11. E manteve-se como cidadão privado na casa imperial durante vinte e três anos¹⁷.

3. 1. No dia em que Vero tomou a toga viril, Antonino Pio que, por essa ocasião consagrava um templo a seu pai, mostrou-se generoso para com o povo. 2. E

¹³ Orador, nascido em Cirta. Cônsul *suffectus* em 142 d.C. Citado em *Meditações* 1.11.

¹⁴ Filósofo estóico que foi professor de Marco Aurélio (citado em *Meditações*, 1.8.) e de Lúcio Vero. Apolônio seria da Calcedônia ou de Nicomédia. Cf. Pio 10.4. Cf. Pio, 10.4; e Marco, 2.7.

¹⁵ Filósofo estóico, também professor de Marco Aurélio, citado em *Meditações*, 1.9., 3.2.

¹⁶ Em 138 d.C.

¹⁷ As referências históricas não sustentam o texto, pelo que uma redacção no sentido de «até aos vinte e três anos» seria uma possibilidade mais razoável.

Vero, quando, na qualidade de questor, deu uns jogos ao povo sentou-se entre Pio e Marco. 3. Após a questura¹⁸, foi de imediato feito cônsul com Sêxtio Laterano. Passados uns anos, foi feito cônsul, pela segunda vez¹⁹, com o seu irmão Marco. 4. No entanto, durante muito tempo, não só se manteve como cidadão comum, como esteve privado das mesmas honras com as quais Marco era distinguido²⁰. 5. Na verdade, nem tomou assento no senado antes de assumir a questura, nem era transportado juntamente com o pai durante as viagens, mas com o prefeito do pretório, nem outro título foi acrescentado ao seu nome a não ser o ter sido chamado ‘Filho de Augusto’. 6. Gostou igualmente de jogos de circo não menos do que de jogos de gladiadores. Embora se diminuísse com tão grandes erros, resultantes dos prazeres e da luxúria, parece que foi mantido por Antonino, porque o seu pai²¹ ordenara que fosse adoptado por Pio em ordem a poder chamar-lhe neto. A Pio, segundo parece, Vero guardou lealdade e não amor. 7. Antonino Pio, contudo, amou a sua simplicidade de carácter e pureza de vida e encorajou até o irmão a que o imitasse²².

8. Depois da morte de Pio, Marco concedeu-lhe todas as honras, inclusivamente a permissão para participar no poder imperial e fê-lo seu consorte, embora o senado tivesse confiado o império exclusivamente a Marco²³.

¹⁸ Em 154 d.C.

¹⁹ Em 161 d.C.

²⁰ Cf. Marco, 6. 3. a 6.

²¹ O autor refere-se ao imperador Adriano.

²² A frase é estranha no contexto. Alguns autores entendem que o irmão, a cuja imitação se encoraja, é Marco e não Vero.

²³ Cf. Marco, 7.5.

4. 1. Portanto, concedido o império e outorgado o poder tribunício²⁴, depois de lhe ter sido atribuída também a honra do consulado, o imperador ordenou que lhe chamassem Vero, transferindo para ele o seu nome, uma vez que, antes, lhe chamavam Cómodo. 2. Lúcio, por sua vez, obedeceu a Marco, sempre que executava alguma coisa, tal como um legado obedece ao procônsul ou um governador ao imperador. 3. Com efeito, no início, dirigiu-se aos soldados²⁵ em nome de ambos e, em prol da unidade do governo, comportou-se com seriedade e de acordo com os costumes de Marco.

4. Porém, quando partiu para a Síria²⁶, ganhou má reputação não só por causa da licenciosidade proporcionada por uma vida mais livre²⁷, mas também por causa dos adultérios e dos amores com jovens. 5. Com efeito, diz-se que se entregou a tão grande extravagância que, inclusivamente, depois de ter regressado da Síria, instalou uma taberna em sua casa para a qual se desviava, depois de comer com Marco, tendo toda a espécie de pessoas indignas a servi-lo. 6. Diz-se igualmente que jogava toda a noite aos dados, depois de ter adquirido esse vício na Síria, e que foi tão grande imitador dos vícios de Gaio²⁸, e de Nero, e de Vitélio que vagueava de noite pelas tabernas e lupanares, de cabeça coberta com um vulgar capuz

²⁴ A *tribunicia potestas* era a autoridade reconhecida pelo direito aos tribunos e que a partir de Augusto passou a ser atribuída ao príncipe. Ver J. Gaudemet, 2002, 167.

²⁵ Cf. Marco, 7.9.

²⁶ Em 162 d.C.

²⁷ Cf. Marco, 8.12.

²⁸ Calígula.

de viagem, e que festejava com trapaceiros, provocava rixas, dissimulando a sua identidade; e que, muitas vezes, regressava ferido, com a face pisada, e era reconhecido nas tabernas, apesar de se ocultar²⁹. 7. Nas tabernas, arremessava também grandes moedas, com as quais partia os copos. 8. Amou também os aurigas, favorecendo os Verdes³⁰. 9. Teve também, muito frequentemente, combates de gladiadores nos banquetes, prolongando os jantares pela noite dentro e adormecendo no divã convivial de forma que era levantado com cobertores e levado para o quarto. 10. Dormia muito pouco e tinha uma digestão muito fácil.

11. Marco, contudo, sabendo perfeitamente de todas estas coisas, dissimulava, devido ao seu comedimento, para não ter de repreender o irmão.

5. 1. E, na verdade, conta-se que ficou muito célebre um certo banquete dado por si, no qual, segundo se diz, pela primeira vez estiveram à mesa doze pessoas, apesar de ser mais que comum o ditado sobre o número de convidados: «sete fazem um banquete, nove uma balbúrdia». 2. Além disso, foram oferecidos belos escravos, que serviam à mesa cada um dos convidados,

²⁹ Acção atribuída igualmente a imperadores como Nero, Calígula, Vitélio, Cómodo, etc., e que constitui um *leitmotiv* da detracção dos biografados.

³⁰ Uma das quatro facções do circo (Branco, Vermelho, Azul e Verde). Imperadores como Nero, Calígula e Domiciano são dados, pelos escritos biográficos, como adeptos da facção Verde. A adesão entusiasta às corridas e respectivas facções constitui outro *leitmotiv* da detracção dos Príncipes biografados. Para tal, contribui ainda o facto de que a adesão aos Verdes significava seguir os gostos ‘mais populares’.

foram também oferecidos decoradores de pratos³¹ e travessas a cada um deles, foram até oferecidos animais vivos, quer domésticos, quer selvagens, pássaros e ainda quadrúpedes das mesmas espécies dos que eram servidos; 3. foram igualmente oferecidos a cada um dos convivas cálices murrinos e de cristal de Alexandria para cada uma das bebidas, todas as vezes que se bebeu; foram também oferecidos copos de ouro e de prata e ornados com pedras preciosas; e mais, foram oferecidas coroas, entrelaçadas com fitas douradas e flores fora da estação; e foram oferecidos vasos de ouro com essências, semelhantes aos de alabastro³²; 4. foram até oferecidos carros com mulas e cocheiros, com arreios de prata, para que regressassem do banquete dessa forma. 5. E diz-se que o banquete, na sua totalidade, custou seis milhões de sestércios.

6. Depois de Marco ter ouvido falar deste banquete, diz-se que lamentou e sofreu pelo destino do Estado. 7. Depois do banquete, jogou-se aos dados até ao amanhecer. 8. E, na verdade, essas coisas aconteceram, depois da guerra pártica à qual, segundo se diz, Marco o tinha enviado para que não prevaricasse em Roma, diante dos olhos de todos, ou para que, devido à longa viagem, aprendesse o que é a sobriedade, ou para que, pelo temor da guerra, regressasse mais emendado, ou para que se mentalizasse de que era imperador. 9. Mas tanto este banquete, que narrámos, como o resto da sua vida, demonstraram o quanto se saiu bem.

³¹ *Structor*, em latim, designa servo especializado em empratar, muitas vezes de forma bastante elaborada, as iguarias servidas.

³² Os vasos de alabastro eram normalmente usados para perfumes.

6. 1. Teve tanto interesse nos jogos de circo que, frequentemente, não só enviava da província cartas respeitantes aos jogos, como também as recebia. 2. Por fim, inclusive estando ele presente e sentado ao lado de Marco, sofreu muitas injúrias dos Azuis³³, porque tinha, de forma bastante escandalosa, tomado partido contra eles. 3. Na verdade, tinha até mandado fazer uma imagem de ouro, que transportava consigo, de um cavalo da facção verde, chamado *Alado*, 4. ao qual punha uvas-passas e amêndoas na manjedoura em vez de cevada e ordenava que lho levassem, coberto de mantos tingidos de púrpura, ao Palácio de Tibério; quando morreu, construiu-lhe um túmulo no Vaticano. 5. Por causa deste cavalo, começaram a exigir-se, pela primeira vez, peças de ouro e prémios de vitória para os cavalos. 6. Esse cavalo teve honras tão grandes que, frequentemente, os apoiantes dos Verdes exigiam que lhe fosse dado um módio de áureos³⁴.

7. Quando partiu para a guerra pártica³⁵, Marco acompanhou-o até Cápua³⁶. E, como a partir dali se empanturrasse de comida pelas quintas de toda a gente, foi atacado por um mal-estar e caiu doente perto de Canúsio³⁷, para onde o irmão se pôs a caminho para o ver.

³³ Vide nota a 4.8.

³⁴ Moeda de ouro.

³⁵ No ano de 162 d.C.

³⁶ Cidade da Campânia, 25 km ao Norte de Nápoles. Cf. Marco, 8.9.

³⁷ Cidade da Apúlia. Hoje Canossa. Cf. Marco, 8.11.

8. Na sua vida, foram descobertas muitas fraquezas e coisas sórdidas, mesmo em tempo de guerra 9. Na verdade, enquanto o legado era assassinado³⁸, as legiões desbaratadas, os Sírios preparavam uma revolta, o oriente era devastado, ele caçava na Apúlia e navegava junto a Corinto e a Atenas, ao som de instrumentos e canções, e demorava-se em cada uma das cidades marítimas da Ásia, da Panfília³⁹ e da Cilícia⁴⁰, especialmente famosas pelos seus prazeres.

7. 1. Depois de ter chegado a Antioquia⁴¹, ele próprio entregou-se a uma vida de prazeres, enquanto os generais Estácio Prisco, Avidio Cássio e Márcio Vero terminaram a guerra pártica em um quadriênio, de tal forma que chegaram a Babilónia e à Média e recuperaram a Arménia⁴². 2. E, assim, adquiriu para si os títulos de Arménico, Pártico, Médico, que também foram concedidos a Marco, que estava em Roma. 3. Além disso, durante quatro anos⁴³, Vero passou os Invernos em Laodiceia⁴⁴, os Verões junto a Dafne⁴⁵ e o resto do tempo em Antioquia⁴⁶. 4. Foi objecto de riso de todos os Sírios, cujos muitos gracejos proferidos contra ele no

³⁸ O autor alude ao legado da Capadócia, que marchou para a Arménia, na tentativa de suster os Partos.

³⁹ Região da Ásia, perto do mar Egeu.

⁴⁰ Província romana da Ásia Menor.

⁴¹ Capital da Síria.

⁴² Cf. Marco, 9.1. e 2.

⁴³ Entre 163 d.C e 166 d.C.

⁴⁴ Cidade da Síria.

⁴⁵ Antiga cidade anatólica, hoje identificada com Harbiye (Turquia).

⁴⁶ Cf. Marco, 8.12.

teatro subsistem ainda hoje. 5. Durante as Saturnais⁴⁷ e nos dias festivos, admitiu sempre no triclínio os escravos nascidos em casa.

6. Partiu, contudo, pela segunda vez⁴⁸, para a região do Eufrates, por solicitação dos seus oficiais. 7. Regressou também a Éfeso para receber a sua esposa Lucila, enviada por Marco⁴⁹, seu pai, e, sobretudo, para que Marco a não acompanhasse até à Síria e se apercesse da sua depravação. Na verdade, Marco informara o senado de que acompanharia a sua filha até à Síria. 8. Terminada por completo a guerra⁵⁰, concedeu reinos a reis-clientes e províncias a oficiais seus para que as governassem. 9. Daí partiu para Roma para o triunfo⁵¹, contrariado, porque deixava a Síria, um reino que considerava como que seu, e celebrou o triunfo juntamente com o irmão, tendo recebido do senado os títulos que tinha adquirido no exército⁵².

10. Diz-se, além disso, que, na Síria, cortou a barba, de acordo com a vontade de uma amante de baixa condição⁵³; de onde resultou que muitas coisas tenham sido ditas em desfavor dele pelos Sírios.

8. 1. Segundo parece, foi apanágio do seu destino o ter levado a peste consigo àquelas províncias pelas quais

⁴⁷ Festas em honra de Saturno. Inicialmente celebravam-se a 17 de Dezembro. Durante o Império, prolongavam-se já durante uma semana.

⁴⁸ Preferimos, neste passo, a edição de E. Hohl, 1965.

⁴⁹ Cf. Marco, 9.4.

⁵⁰ Em 166 d.C.

⁵¹ Cf. Marco 12.8.

⁵² Os títulos foram os de «Arménico», «Pártico» e Médico».

⁵³ Provavelmente Pântea de Esmirna, citada por Marco Aurélio em *Meditações* 8.37.

passou a caminho de Roma⁵⁴. 2. Diz-se também que a peste teve origem em Babilónia, quando, no templo de Apolo, um sopro pestilento saiu de uma arquinha dourada, que um soldado tinha acidentalmente aberto, e que dali se espalhou aos Partos e ao orbe. 3. Mas isto não aconteceu por culpa de Vero, mas de Cássio, que, contra a garantia dada, tomou de assalto Selêucia, que recebera os nossos soldados como amigos. 4. Entre outros, também Quadrato⁵⁵, historiador da guerra pártica, justifica este acontecimento, ao culpar os Seleucenses de terem sido os primeiros a romper o acordo.

5. Vero teve, para com Marco, a seguinte deferência: partilhou com o irmão, no dia do triunfo que celebraram em conjunto, os títulos que lhe tinham sido conferidos. 6. Depois de regressar da guerra pártica, Vero demonstrou menor respeito pelo irmão; na verdade, não só foi complacente com os libertos de forma bastante vergonhosa, como também decidiu muitas coisas sem o irmão. 7. A isto acresce que, tal como se trouxesse alguns reis para o triunfo, assim trouxe da Síria actores, dos quais Maximino, a quem deu o nome de Páris, foi o que mais se destacou. 8. Além disso, construiu uma casa de campo, na via Clódia, que ficou famosíssima, na qual também ele próprio, durante muitos dias, se entregou, com enorme luxúria, a uma devassidão sem limites, com os seus libertos e amigos de condição inferior, de cuja

⁵⁴ Cf. Marco, 13.3.

⁵⁵ Ânio Quadrato, historiador romano, autor de uma história da guerra contra os Partos e de uma história de Roma, desde a sua fundação até ao tempo de Severo.

presença não tinha qualquer vergonha, 9. Até convidou Marco, que compareceu, para mostrar ao irmão que a venerável pureza dos seus costumes devia ser imitada e, habitando durante cinco dias a mesma casa, entregou-se ininterruptamente ao estudo de processos, enquanto o irmão se banqueteara ou preparava banquetes. 10. Manteve também o actor Agripo, cujo cognome era Mênfio, que também tinha trazido da Síria, como se se tratasse de um troféu pártico, e a quem chamou Apolausto⁵⁶. 11. Tinha trazido consigo não só lristas, e flautistas, e actores, e pantomimos-farsistas⁵⁷, e prestidigitadores, como todos os géneros de escravos em cujo prazer se apascentam Alexandria e a Síria; em resumo, parecia que tinha concluído não a guerra pártica, mas uma guerra de comediantes.

9. 1. E mais do que a manifesta verdade indicava, um falso rumor tinha semeado a ideia de que esta diferença de vida, bem como muitas outras coisas, causaram dissensões entre Marco e Vero. 2. Todavia, o caso mais importante foi o seguinte: como Marco tivesse enviado como legado para a Síria um certo Libão⁵⁸, seu primo paterno, e este tivesse um comportamento mais insolente do que o próprio de um senador respeitável, afirmando que escreveria ao seu primo se, por ventura, tivesse alguma dúvida, Vero, que estava presente, não o pôde tolerar; e, tendo Libão morrido de uma doença súbita,

⁵⁶ Palavra formada a partir do grego e que explora o sentido de «alguém que dá prazer».

⁵⁷ *Scurra* designa um actor amador ou um bobo, cuja concorrência era geralmente alvo de crítica pelos profissionais.

⁵⁸ Provavelmente M. Ânio Libão, cônsul *suffectus* em 161 d.C.

com sintomas semelhantes aos de um envenenamento, pareceu a alguns, embora não a Marco, que tinha sido morto por uma maquinação de Vero. Este acontecimento aumentou o rumor das suas dissensões.

3. Os libertos tiveram muito poder junto de Vero, como dissemos na vida de Marco⁵⁹, sobretudo Gémina e Agaclito, a quem Vero, contra a vontade de Marco, deu em casamento a mulher de Libão. 4. Quando, por fim, o casamento foi celebrado por Vero, Marco não esteve presente no banquete. 5. Manteve também outros libertos desonestos como Cedes, Eclecto e os restantes, 6. dos quais Marco, depois da morte de Vero, se desfez na totalidade, simulando que os honrava, tendo conservado junto a si Eclecto, que, mais tarde, assassinou⁶⁰ o seu filho Cómodo.

7. Partiram juntos para a guerra germânica⁶¹, porque Marco não queria nem enviar Lúcio à guerra sem ele, nem deixá-lo em Roma por causa dos seus excessos; e chegaram a Aquileia⁶² e, contra a vontade de Lúcio, atravessaram os Alpes; 8. em Aquileia, enquanto Vero se dedicava apenas à caça e aos banquetes, Marco, por seu turno, planeava todas as coisas. 9. Sobre esta guerra, foi longamente discutido na *Vida de Marco*⁶³ o que foi feito pelos embaixadores dos bárbaros, que pediam a paz, e o que foi feito pelos nossos generais.

⁵⁹ Cf. Marco, 15.2.

⁶⁰ A historiografia não comprova a identificação deste libertos com o assassino de Cómodo.

⁶¹ No ano de 166 d.C.

⁶² Cidade da Ístria (actual Croácia). Cf. Marco, 14.

⁶³ Cf. Marco 14. 3 e 14.4.

10. Entretanto, depois de concluída a guerra na Panónia, regressaram a Aquileia por insistência de Lúcio; e porque Lúcio sentia falta dos prazeres da cidade, apressaram-se a regressar a Roma. 11. Contudo, não longe de Altino⁶⁴, Lúcio foi atacado, na carruagem, por uma doença repentina, a que chamam apoplexia; retirado da carruagem e feita uma sangria, foi levado para Altino, e, depois de ter sobrevivido três dias sem pronunciar qualquer palavra, morreu em Altino⁶⁵.

10. 1. Correu o rumor de que tinha cometido incesto até com a sogra Faustina. E diz-se que foi morto por maquinação da sogra Faustina por meio de umas ostras salpicadas com veneno, por causa de ter contado à filha a relação que tinha mantido com a mãe 2. – embora haja também aquela história, que foi narrada na *Vida de Marco*⁶⁶, que não é coerente com a vida de um homem de tal natureza. 3. Além disso, muitos atribuem também o crime da sua morte à sua mulher e pela razão de que Vero se demonstrava demasiado complacente com Fábba, cujo poder a sua mulher Lucila não conseguia tolerar. 4. Na verdade, houve tanta intimidade entre Lúcio e a sua irmã Fábba que o rumor também se apoderou da ideia de que conceberam um plano para pôr termo à vida de Marco; 5. e, como o plano tivesse sido revelado a Marco pelo liberto Agaclito, Faustina antecipou-se a Lúcio para evitar que Lúcio se antecipasse.

6. Foi belo de corpo, agradável de rosto, de barba comprida quase ao estilo bárbaro, alto, e a sua

⁶⁴ Cidade da Venécia.

⁶⁵ Em 169 d.C.

⁶⁶ Cf. Marco, 15.5.

fronte mais saliente sobre as sobrancelhas dava-lhe um ar respeitável. 7. Diz-se que tinha um cuidado tão grande com o cabelo loiro que aspergia a cabeça com pó dourado, para que a sua cabeleira, iluminada, parecesse mais loira. 8. Foi bastante inábil de palavra e apaixonadíssimo por jogos de dados, de vida sempre extravagante e, em muitos aspectos, um Nero, excepto no tocante à crueldade e aos fingimentos. 9. Teve, entre outros objectos de luxo, um copo de cristal de nome *Alado*, escolhido a partir do nome daquele cavalo que amou, que excedia a medida de uma bebida humana.

11. 1. Viveu quarenta e dois anos⁶⁷. Governou, com o irmão, onze anos⁶⁸. O seu corpo foi sepultado no sepulcro de Adriano, no qual também César, seu pai natural, foi tumulado.

2. É conhecida a história⁶⁹, que a vida de Marco não sustenta, de que este terá oferecido a Vero uma parte de um ventre de porca, contaminada com veneno, depois de a ter cortado com uma faca envenenada de um dos lados. 3. Mas é ilícito pensar tal coisa de Marco, apesar de que, quer os pensamentos, quer as acções de Vero o merecessem. 11.4. Nós não deixaremos esta história por decidir, mas, rejeitamo-la, na sua totalidade, depois de a expurgarmos e de a refutarmos, uma vez que, até hoje, depois de Marco, com excepção da vossa clemência, Diocleciano Augusto, nem a adulação parece ter podido conceber um imperador como ele.

⁶⁷ Vero viveu 39 anos (130 d.C. - 169 d.C.)

⁶⁸ Marco governou, na verdade, entre 161 d.C. e 169 d.C.

⁶⁹ Cf. Marco 15.5.

(Página deixada propositadamente em branco)

VIDA DE AVÍDIO CÁSSIO

[**Vulcácio Galicano***]

* Trata-se, muito provavelmente, de um autor fictício. Sobre esta questão, ver a Introdução a este volume.

(Página deixada propositadamente em branco)

1. 1. Dizem alguns que, por parte da mãe, Avídio Cássio era da família dos Cássios, e filho de Avídio Severo¹, um «homem novo»² que comandou tropas³ e que veio depois a atingir as maiores dignidades. 2. Quadrato⁴ recorda-o nas suas histórias de forma aliás respeitosa, pois apresenta-o como um homem superior, imprescindível à república e com grande influência sobre Marco⁵. 3. Conta-se que morreu na sequência de uma fatalidade, já este governava. 4. Ora bem, quanto a Cássio, que como dissemos pertencia à família dos Cássios, os mesmos que conspiraram contra Gaio Júlio⁶, odiava em segredo o principado e não suportava o nome de «imperador», dizendo que não havia nada mais gravoso do que o nome «império»,

¹ Gaio Avídio Heliodoro, originário da Síria, foi secretário imperial de Adriano e prefeito do Egípto sob Antonino Pio. Talvez seja o «filósofo Heliodoro» referido em *Adriano* 16.10. Cf. Díon Cássio 71.22.2.

² Neste contexto, um *homo nouus* era alguém que exercia pela primeira vez, na sua família, um cargo oficial público.

³ Assim traduzimos o latim *ordines duxerat*, expressão que por norma se refere ao comando das primeiras centúrias. Sendo primeiro centurião, Avídio Heliodoro teria sido *primus pilus*.

⁴ Ânio Quadrato foi o autor de uma história da guerra contra os Partos e de uma história de Roma, desde a sua fundação até ao tempo de Severo.

⁵ I.e., Marco Aurélio.

⁶ Referência a Gaio Cássio Longino e Gaio Cássio-o-Parmense, ambos envolvidos na conspiração que levou ao assassinio de Júlio César.

visto que não se podia ser afastado do serviço público⁷ a não ser por outro imperador. 5. Na verdade, diz-se que, na juventude, tentou retirar o principado a Pio⁸, mas que, graças ao pai, homem sensato e ponderado, esse combate pela usurpação se manteve oculto. Não obstante, os seus superiores sempre o consideraram suspeito. 6. Na verdade, uma carta de Vero, que, aliás, incluo aqui, mostra que conspirou contra ele. 7. Da carta⁹ de Vero: «Pelo que me é dado a ver e pelo que fiquei a saber já no tempo do meu avô¹⁰, que foi teu pai, Avídio Cássio está ávido de poder¹¹. Queria que o mandasses vigiar. 8. Tudo o que nos diz respeito lhe desagrada, acumula não pouca riqueza e ri-se das nossas cartas. De ti, diz que és uma velhinha filósofa, e de mim, que sou um monstro de luxúria. Vê o que é preciso fazer. 9. Eu não odeio esse homem, mas mantém-te atento. Não tomes uma decisão que venha a prejudicar-te, a ti e aos teus filhos, ao maneres entre eles alguém a quem os soldados ouvem e vêem com agrado.»

2. 1. A resposta de Marco a Avídio Cássio: «Li a tua carta, que é mais alarmante do que o desejável para um comandante¹² e inadequada ao nosso tempo.

⁷ Em latim, lê-se *res publica*.

⁸ Antonino Pio.

⁹ Tem-se considerado que todas as cartas incluídas nesta *Vita* são todas forjadas e não propriamente documentos «autênticos». Esta é uma suposta carta de Vero a Marco Aurélio.

¹⁰ Referência a Antonino Pio. Na verdade, porém, Pio era pai adoptivo de Vero e não seu avô, o que, para alguns exegetas, é prova de que esta é uma carta forjada.

¹¹ *Imperium*.

¹² A forma latina *imperatoriam* indica tratar-se de alguém com *imperium*.

2. Pois se ele está divinamente destinado ao império, não podemos matá-lo, ainda que o queiramos, pois por certo conheces o que o teu bisavô dizia: “Ninguém mata o seu sucessor”¹³. Se assim não for, o próprio, de forma espontânea e sem a nossa crueldade, cairá nos laços do destino. 3. Acresce que nós não podemos considerar réu aquele a quem ninguém acusa e a quem, como tu próprio afirmas, os soldados amam. 4. E além disso, nos casos de lesa-majestade, é comum parecerem ser alvo de abusos até mesmo aqueles que foram dados como provados. 5. Com efeito, tu próprio bem sabes aquilo que o teu avô Adriano dizia: «Miserável é a condição dos imperadores em quem ninguém acredita quando lhes tentam usurpar o poder, senão depois de assassinados.» 6. De facto, prefiro atribuir este exemplo a ele do que a Domiciano, o qual dizem ter sido o primeiro a dizê-lo¹⁴, pois nem sequer os bons ditos dos tiranos têm tanta autoridade quanto deviam. 7. Que ele mantenha, portanto, as suas práticas, sendo acima de tudo um bom general, sério, forte e imprescindível à república. 8. Quanto ao que me dizes, para que tenha cuidado com os meus filhos, entregando-o à morte, pois então decididamente que morram os meus filhos, se Avídio for mais merecedor de ser amado do que eles, e que viva Cássio e não os filhos de Marco, se isso for mais vantajoso para a república.» Era isto o que Vero e Marco pensavam acerca de Cássio.

3. 1. Mas expliquemos com brevidade a natureza e os costumes deste homem. Na verdade, não se

¹³ Frase atribuída a Trajano.

¹⁴ Cf. Suetónio, *Dom.* 21.

possui muito conhecimento acerca daqueles a quem ninguém ousou celebrar a vida, por medo dos que os eliminaram. 2. Ainda assim, nós acrescentamos a forma como chegou ao poder¹⁵, como foi morto e onde foi vencido, 3. pois propus-me, ó Augusto Diocleciano, passar a escrito as vidas de todos os que por justa ou injusta causa possuíram o nome de «imperadores», para que assim conheças, ó Augusto, todos os que usaram a púrpura.

4. As suas atitudes eram tais que, umas vezes, mostrava-se feroz e violento, e outras, bondoso e calmo; muitas vezes piedoso e noutras desprezava tudo o que é sagrado; tanto era voraz em relação ao vinho, como abstinente; tanto era adepto de comida, como dela se abstinha; tanto era um devoto de Vénus como um amante da castidade. 5. Não faltará quem lhe chame «Catilina»¹⁶, sendo que o próprio gostava que o chamassem assim, acrescentando que seria até «Sérgio» se tivesse matado o «Argumentador», referindo-se com este nome a Antonino. 6. Pois este brilhou tanto na filosofia que, quando foi para a guerra contra os Marcomanos¹⁷, temendo-se que ocorresse uma fatalidade, todos lhe rogaram não por adulação mas com franqueza, que

¹⁵ O termo latino usado é *imperium*.

¹⁶ Lúcio Sérgio Catilina, celebrado pela conspiração em que participou entre 65 e 63 a.C. Talvez haja, neste passo, uma alusão implícita à obra de Salústio e ao retrato que este historiador traçou de Catilina.

¹⁷ Tribo germânica que no século II se confederou com outras tribos, como os Vândalos e os Sármatas, contra o Império Romano. Marco Aurélio terá combatido os Marcomanos durante três anos, em Carnuto e na Panónia.

publicasse os seus preceitos de filosofia¹⁸. 7. Ele não teve qualquer medo, mas durante três dias proclamou de forma ordenada as exortações – isto é, os preceitos. 8. Além disso, Avídio Cássio foi tenaz com a disciplina militar e quis por isso que lhe chamassem «Mário»¹⁹.

4. 1. E uma vez que começámos a falar da severidade dele, note-se que há muitos mais indícios da sua crueldade do que da sua severidade. 2. Efectivamente, foi o primeiro a erguer na cruz os soldados que tinham sido violentos com os provinciais no mesmo local em que praticaram a ofensa. 3. Foi também o primeiro a inventar o seguinte tipo de suplício: colocava um grande poste de madeira, com cento e oitenta pés²⁰, amarrando-lhe os condenados de cima a baixo. Depois, acendia o fogo por baixo deles e incendiava uns, morrendo outros por causa do fumo ou por causa do tormento ou ainda por causa do medo. 4. Mandava também lançar ao rio ou ao mar os condenados, encadeados uns nos outros, de dez em dez. 5. Amputava também as mãos a muitos desertores e a outros cortava as pernas e os joelhos, dizendo que era mais exemplar um criminoso que continuava a viver de forma miserável do que a sua morte. 6. Uma vez, quando comandava o exército, as tropas auxiliares, por mão dos centuriões, mataram sem o seu conhecimento três mil Sármatas²¹, que estavam tranquilos nos campos

¹⁸ Trata-se dos doze livros dos *Ta eis eauton* de Marco Aurélio.

¹⁹ Alusão ao general e estadista romano Gaio Mário, que viveu entre 157 e 86 a.C.

²⁰ 54, 8654m.

²¹ Os Sármatas eram o povo que habitava a região ocidental da Cítia (parte da Rússia, da Ucrânia e dos Balcãs), chegando a ocupar os territórios entre o Vístula, o Danúbio, o Volga e os Mares Negro e Cáspio.

marginais do Danúbio. Ao regressarem para junto dele com um enorme saque, esperavam os centuriões uma recompensa, pois tinham matado muitos inimigos com um punhado de homens, enquanto os tribunos se mantinham indolentes e na ignorância do ocorrido. Mas ele ordenou que fossem presos, postos na cruz e lhes dessem suplício igual ao dos servos, um exemplo que não se conhecia, afirmando que podia ter sido uma emboscada que poderia acabar com o temor em relação ao império romano. 7. E quando surgiu uma enorme sedição no exército, saiu nu da sua tenda, coberto apenas com o calção, e disse: «Atacai-me, se tendes coragem, e acrescentai a esse crime a corrupção da disciplina.» 8. Acalmaram-se então todos e conseguiu fazer-se temer, uma vez que ele próprio não tinha temido. 9. Este episódio inculcou tanta disciplina nos Romanos e incutiu tanto terror nos bárbaros, que solicitaram a Antonino, então ausente, a paz para cem anos, pois viram que por decisão de um general romano foram condenados até aqueles que, embora vencedores, foram contra a vontade divina²².

5. 1. Muitas das medidas rigorosas levadas a cabo contra a licenciosidade dos soldados estão registadas em Emílio Parteniano, que conta a história dos que aspiraram à tirania, desde os tempos mais remotos²³. 2. Com efeito, depois de os ter vergastado no foro e no meio do acampamento, mandou decapitar com um machado aqueles que o mereceram e amputar as mãos a muitos. 3.

²² A utilização do termo *fās* implica a ideia de vontade divina.

²³ Aparentemente, terá sido um historiador romano, autor de uma obra acerca daqueles que aspiraram à tirania. Mas a informação que possuímos acerca deste autor provém precisamente do passo aqui assinalado.

Além disso, proibiu que os soldados transportassem em campanha outra coisa que não toucinho, pedaços de pão, e vinagre, e caso se encontrasse outra coisa além disso, aplicava-lhes um suplício pesado. 4. Há uma carta do divino Marco ao seu prefeito que reza assim: 5. «Confiei a Avídio Cássio as legiões siríacas, que se entregaram à luxúria e que vivem de acordo com os costumes de Dafne²⁴, sobre os quais me escreveu Cesónio Vectiliano, que me faz saber que em todas elas se tomam banhos quentes. 6. E penso que não me engano, pois também tu conheces bem Cássio, homem de rigor e de disciplina “cassiana”. 7. Efectivamente, não se consegue governar soldados a não ser com a antiga disciplina. Por certo, conheces o verso do excelente poeta, frequentemente dito por todos:

“Nos costumes antigos se firma o Estado Romano e em seus varões!”²⁵

8. Zela sobretudo por que as legiões tenham abundância de provisões, pois, se bem conheço Avídio, sei que não serão desperdiçadas.» 9. O prefeito respondeu a Marco: «Agiste de forma correcta, meu senhor, ao entregar a Cássio o comando das legiões siríacas. 10. Pois, para soldados habituados às maneiras gregas nada é mais vantajoso do que um homem severo. 11. Por certo, ele acabará com todos os banhos quentes e deitará ao chão com um golpe todas as flores da cabeça, pescoço

²⁴ Antiga cidade anatólia, hoje identificada com Harbiye (Turquia).

²⁵ Fragmento dos *Anais* de Énio, *apud* Cícero, *República* 5.1. Citamos a tradução de F. de Oliveira (Cícero, *Tratado da República*, Lisboa, Círculo de Leitores/Temas e Debates, 2008).

ou peito dos soldados. 12. Todos os mantimentos de que o exército necessita estão à disposição e nada falta sob um bom general, pois ou não é muito o que se pede ou não é muito o que se gasta.»

6. 1. E Avidio Cássio não desapontou aqueles que sobre ele fizeram este juízo. Com efeito, logo de seguida, ordenou que se reunissem todos perante os estandartes²⁶ e afixou nas paredes manifestos, nos quais se lia que se em Dafne estivesse algum soldado usando o cinturão, regressaria privado dele²⁷. 2. Não deixava de inspeccionar as armas dos soldados de sete em sete dias, assim como as roupas, o calçado e as grevas. Removeu do acampamento todos os prazeres e ordenou que os soldados passassem o Inverno em tendas, a menos que alterassem as suas práticas. E assim teria sido se não tivessem passado a viver com mais decência. 3. De sete em sete dias, todos os soldados faziam os seguintes exercícios: lançavam flechas e manejavam armas. 4. De facto, ele dizia ser lamentável que os soldados não fizessem exercício, enquanto os atletas, os caçadores e os gladiadores se exercitavam, e que o esforço ser-lhes-ia menor se se acostumassem a ele. 5. Logo que a disciplina foi corrigida, levou a cabo grandes êxitos na Arménia, na Arábia e no Egipto²⁸, e foi amado por todos os orientais, em especial pelos Antioquenses, 6. que o

²⁶ I.e., que o exército se reunisse. Assim lemos o latim *ad signa*.

²⁷ Esta afirmação refere-se a um castigo (*discinctus*, i.e. «despojar de cinto») que se aplicava aos soldados em determinadas ocasiões e que implicava uma degradação do prevaricador. No caso em concreto, o castigo impunha-se por os soldados em causa frequentarem locais inapropriados ao seu estatuto.

²⁸ Cf. *Marco Aurélio* 9.1; *Vero* 7.1-2; *Dion Cássio* 71.2.

apoiaram na ascensão ao poder imperial, como informa Mário Máximo, na vida do divino Marco.²⁹ 7. De igual modo, quando os soldados camponeses³⁰ fizeram muitas coisas graves no Egípto, foram travados por ele, tal como o mesmo Mário Máximo refere no segundo livro que publicou acerca da vida de Marco Antonino.

7. 1. Segundo dizem alguns, no Oriente, chamaram-lhe «imperador» por desejo de Faustina³¹, que desconfiava da saúde de Marco e temia não poder tomar conta sozinha dos filhos, ainda meninos, e que aparecesse alguém que se apoderasse da casa real e de lá levasse as crianças. 2. Por outro lado, dizem outros que Cássio usou uma artimanha, dizendo que Marco morrera, para que os soldados e os provinciais o apoiassem em detrimento da afeição que tinham por Marco. 3. Na verdade, diz-se mesmo que Avídio Cássio veio a chamar-lhe «divino» para mitigar o desgosto que sentiram por ele. 4. Ao prosseguir com a intenção de se tornar imperador, fez prefeito do pretório³² aquele que lhe havia imposto as insígnias régias³³, o qual acabou por ser também assassinado pelo exército contra a

²⁹ Cf. *Antonino Pio* 11.3; *Marco Aurélio* 25.8.

³⁰ Estes *milites bucolici* seriam uma força local armada, com origem em grupos de pastores, que emergiu em 172 d.C., eventualmente associada ao espaço da *chora* egípcia. Cf. *Marco Aurélio* 21.2; Dión Cássio 72.4.1-2.

³¹ Referência à imperatriz Ánia Galéria Faustina Menor, mulher de Marco Aurélio. Após as campanhas contra os Partos, Avídio Cássio foi nomeado governador de todas as províncias orientais. Cf. Dión Cássio 71.3.1.

³² Cf. *Antonino Pio* 8.7.

³³ No texto latino, lemos *ornamenta regia*, mas é evidente que se trata de uma alusão feita em contexto do principado.

vontade de Antonino. O mesmo exército eliminou aliás, e também com a oposição – senão mesmo o desconhecimento – de Antonino, Meciano³⁴, a quem fora confiada Alexandria e que se havia posto ao lado de Cássio, na esperança de vir a participar do poder. 5. Apesar de tudo, ao inteirar-se da rebelião, a ira de Antonino foi excessiva e do mesmo modo não se enfureceu contra os filhos de Avídio Cássio nem contra os seus parentes. 6. O senado declarou-o inimigo público e confiscou os seus bens, os quais Antonino não quis juntar ao seu erário privado, pelo que foram restituídos, por prescrição do senado, ao erário público. 7. E em Roma não faltou apreensão, quando se disse que Avídio Cássio iria a Roma e saquearia a Cidade como um tirano, na ausência de Antonino que, com excepção dos debochados era extraordinariamente amado por todos. E isso aconteceria principalmente por culpa dos senadores que lhe tinham proscrito os bens e o haviam condenado como inimigo. 8. Mas o amor por Antonino manifestou-se sobretudo no facto de ter sido com o consenso de todos, à excepção dos Antioquenses, que Avídio foi morto. 9. Certamente, Antonino não ordenou a morte dele, mas sofreu com ela, pois era para todos evidente que, se tivesse estado em seu poder, tê-lo-ia poupado.

8. 1. Quando levaram a cabeça de Cássio a

³⁴ Lúcio Volúcio Meciano, jurista romano, autor de tratados jurídicos e mestre de Marco Aurélio, nomeado prefeito do Egipto em 161 d.C. e que foi assassinado pelos soldados por ter participado na conspiração de Avídio Cássio em 175 d.C. Avídio Cássio casou-se com uma filha de Meciano, Volúcia Vétia ou Volúcia Meciana.

Antonino, este não se regozijou nem exultou, mas antes lamentou que lhe tivessem retirado uma ocasião para mostrar misericórdia, dizendo que desejara apanhá-lo vivo para lhe recordar os benefícios que lhe haviam sido outorgados e depois poupar-lhe a vida. 2. Por fim, quando alguém dizia que Antonino devia ser repreendido por ter sido tão indulgente para com o inimigo, para com os seus filhos e parentes e para com todos os que descobrira serem cúmplices do tirano, e acrescentava em tom de repreensão: «E se ele tivesse vencido?», diz-se que ele respondia: 3. «Não temos honrado os deuses nem temos vivido de modo a que ele nos vencesse.» Depois, enumerou todos os príncipes que tinham sido mortos, dizendo que houvera razões para que eles merecessem morrer e que nenhum príncipe bom fora levemente vencido ou assassinado por um tirano. 4. Disse que Nero o havia merecido, que o mesmo fora devido a Calígula e que, na verdade, Otão e Vitélio não haviam querido governar³⁵. 5. Por certo, pensava o mesmo acerca de Pertinaz e de Galba³⁶, dizendo que a avareza era o pior dos males num imperador. 6. E nem Augusto, nem Trajano, nem Adriano, nem o seu pai podiam ter sido vencidos pelos revoltosos, visto que muitos foram eliminados ou contra a sua vontade ou sem o seu conhecimento. 7. Quanto a Antonino, ele próprio pediu ao senado que não fosse severo na punição dos cúmplices da revolta, pedindo ao mesmo tempo que não aplicasse o suplício capital a nenhum senador enquanto governasse, o que

³⁵ Cf. Suetónio, *Calígula* 58; *Nero* 47-49; *Otão* 11; *Vitélio* 17.

³⁶ Algumas lições não incluem a leitura de *de Pertinace*. Cf. ainda Suetónio, *Galba* 16.

lhe garantiu o máximo da estima. 8. E depois de punir uns poucos centuriões, mandou chamar os que haviam sido deportados.

9. 1. Antonino não puniu os Antioquenses, que haviam conspirado com Avídio Cássio; em vez disso, perdoou-lhes, tal como a outras cidades que o tinham ajudado, ainda que primeiro se tenha irado fortemente com os Antioquenses, retirando-lhes os espectáculos e muitas outras honras da cidade, que depois lhes devolveu. 2. Marco Antonino outorgou aos filhos de Avídio Cássio metade do património do pai e, de igual modo, honrou as filhas dele com ouro, prata e pedras preciosas. 3. Quanto a Alexandria, a filha de Cássio, e a Drunciano, o genro, ofereceu-lhes a possibilidade de escolherem o local para onde quisessem ir. Viveram assim em máxima segurança, não como filhos de um tirano, mas como alguém da ordem senatorial, pois Antonino proibiu inclusivamente que nem sequer numa discussão fossem confrontados com a sorte da família, condenando alguns que os injuriaram e que foram petulantes. 4. Além disso, pô-los sob a protecção do marido da sua tia.

5. Se alguém desejar conhecer toda esta história, que leia o segundo livro da vida de Marco de Mário Máximo³⁷, no qual ele diz o que Marco fez sozinho, já depois de Vero ter morrido. 6. De facto, foi nessa ocasião que Cássio se rebelou, como mostra uma carta enviada a Faustina, da qual esta é uma transcrição: 7. «Vero escreveu-me a contar a verdade acerca de Avídio, que

³⁷ Ver 6.6.

ambicionava ser imperador. Efectivamente, suponho que já ouviste o que os servos³⁸ de Vero contavam acerca dele. 8. Vem, portanto, a Albano³⁹, para que tratemos de tudo, com o consentimento dos deuses. Nada temas.» 9. Por aqui se vê que Faustina não sabia destas coisas, ainda que Mário, desejando difamá-la, diga que Cássio havia tomado o poder⁴⁰ com o conhecimento dela. 10. Na verdade, há uma carta dela para o marido, na qual ela pressiona Marco a vingar-se severamente daquele. 11. Eis a transcrição da carta de Faustina a Marco: «Vou precisamente amanhã para Albano, como mandas. No entanto, desde já te exorto a que, se amas os teus filhos, persigas duramente estes rebeldes. 12. Comandantes e soldados têm o mau hábito de reprimirem se não forem reprimidos.»

10. 1. E ainda uma outra carta da mesma Faustina a Marco: «Durante a rebelião de Celso⁴¹, a minha mãe⁴² exortou o teu pai Pio a que fosse piedoso primeiro com os que o serviam e só depois com os estrangeiros. 2. Na verdade o imperador que não pensa na sua mulher e nos seus filhos não é piedoso. 3. Bem vêes a idade que o nosso Cómodo já tem. 4. Pompeiano⁴³, o nosso genro, está velho e é

³⁸ O texto latino usa *statores*, que eram os servos encarregados do correio.

³⁹ Decerto a cidade latina de Albano, localizada a sudeste de Roma.

⁴⁰ No texto latino lemos *imperium*.

⁴¹ Desconhecemos pormenores acerca desta revolta.

⁴² Trata-se de Ânia Galéria Faustina Maior (c. 100-140 d.C.), que se casou com Antonino Pio.

⁴³ Cf. *Marco Aurélio* 20.6.

estrangeiro. Vê bem o que vais fazer com Avídio Cássio e os seus cúmplices. 5. Não queiras ser parcimonioso com homens que não foram parcimoniosos contigo e nem usariam de parcimónia comigo ou com os nossos filhos, caso vencessem. 6. Em breve, também eu farei o teu caminho. Não pude ir a Formiano⁴⁴ porque a nossa Fadila⁴⁵ está doente. 7. Mas se não puder encontrar-te em Fórmias, tentarei ir a Cápua⁴⁶, cidade que poderá ajudar na minha doença e na dos nossos filhos. 8. Peço-te que envies o médico Sotérides a Formiano, pois não confio nada em Pisíteo, que desconhece o que deve ser usado para curar uma rapariga ainda virgem. 9. Calpúrnio deu-me a tua carta selada. Se me atrasar, respondo-te através de Cecílio, o velho eunuco e, como bem sabes, homem fiel. 10. Dir-lhe-ei pessoalmente os rumores que a mulher de Avídio Cássio, os filhos e o genro espalham sobre ti.»

11. 1. A partir desta carta, percebe-se que Faustina não foi cúmplice de Cássio, mas que, pelo contrário, foi veemente a exigir um castigo, alertando Antonino, que se mantinha tranquilo e ponderava a clemência, para a necessidade de se vingar. 2. Antonino respondeu-lhe como se vê na carta abaixo: 3. «De facto, minha Faustina, ages cuidadosamente, em defesa do teu marido e dos nossos filhos. Reli a tua carta em Formiano, na

⁴⁴ Provavelmente, a cidade de Fórmias, localizada no Lácio, entre Roma e Nápoles.

⁴⁵ Árria Fadila, nascida em 150 d.C., era a quarta filha de Marco Aurélio.

⁴⁶ Cidade da Campânia, localizada a 25 km ao norte de Nápoles.

qual me exortas a punir os cúmplices de Avídio. 4. Mas, para dizer a verdade, pouparei os seus filhos, genro e esposa, e escreverei ao senado para que nem a proscricção seja gravosa nem a pena cruel. 5. De facto, para um imperador romano não há nada mais agradável perante as suas gentes do que a clemência. 6. Esta fez de César um deus, consagrou Augusto e honrou o teu pai com o cognome especial de Pio. 7. Por conseguinte, se a decisão sobre esta guerra fosse sentença minha, Avídio nem sequer teria sido morto. 8. Fica, por isso, tranquila: “Os deuses protegem-me, aos deuses a minha piedade é grata.”⁴⁷

Designei o nosso Pompeiano cônsul para o próximo ano.» Foi esta a resposta de Antonino à sua mulher.

12. 1. Por outro lado, interessa conhecer o discurso feito ao senado. Do discurso de Marco Antonino: 2. «Assim, uma vez que se congratularam com a minha vitória, ó Pais Conscriptos⁴⁸, faço o meu genro cônsul. Refiro-me a Pompeiano, cuja idade deveria ter sido recompensada há já algum tempo com o consulado, não tivessem surgido alguns homens, a quem a república teve de retribuir o que lhes era devido. 3. Agora, no que diz respeito à rebelião de Cássio, rogo-vos e imploro-vos, ó Pais Conscriptos, que ponhais de lado a vossa severidade e mantenhais

⁴⁷ Horácio, *Odes* 1.17.13.

⁴⁸ *Patres conscripti* é a fórmula utilizada pelos Romanos para se referirem ao senado após a reforma de Lúcio Júnio Bruto que aumentou o número de senadores para cem, passando a ser inscritos como tal.

a minha piedade e clemência, ou antes, a vossa, e que o senado não execute ninguém. 4. Que nenhum senador seja punido, que não seja derramado o sangue de nenhum homem nobre, que os deportados regressem e que os proscritos recuperem os seus bens. 5. Pudesse eu também fazer subir muitos dos infernos! Com efeito, a um imperador nunca é agradável vingar-se da sua própria dor, pois, por muito justa que ela seja, será sempre vista como uma violência. 6. Por isso, deveis oferecer indulgência aos filhos, ao genro e à mulher de Avídio Cássio. Mas, porque digo indulgência quando eles nada fizeram? 7. Que vivam portanto em segurança, sabendo que vivem sob Marco. Que vivam da parte que lhes pertence do património dos seus pais, usufruindo do ouro, da prata e das vestes, que sejam ricos, estejam em segurança, viajem livremente e levem consigo, aos confins de todo o mundo e a todos os povos, o exemplo da minha piedade e da vossa. 8. E isto de conceder indulgência aos filhos e aos cônjuges dos proscritos nem é grande clemência, ó Pais Conscriptos. 9. Peço-vos pois que livreis da morte, da proscricção, do medo, da infâmia, da inveja, enfim, de todas as injúrias que lhes possam vir a ser feitas, os cúmplices que pertencerem às ordens senatorial e equestre. E que, enquanto eu governar, outorgueis o seguinte: 10. todo aquele que cair em luta por causa de um tirano, seja elogiado depois de morto.»

13. 1. O senado honrou este acto de clemência com as seguintes aclamações: 2. «Antonino pio, que os

deuses te protejam! Antonino clemente, que os deuses te protejam! Desejaste o que era lícito, nós fizemos o que era conveniente. 3. Pedimos poder legítimo⁴⁹ para Cómodo. Dá força à tua descendência. Faz com que os nossos filhos estejam em segurança. 4. Nenhuma força fere o poder honesto. Pedimos o poder tribunício⁵⁰ para Cómodo Antonino. Pedimos a tua presença. 5. Vivam a tua filosofia, a tua paciência, a tua erudição, a tua nobreza, a tua integridade. Vences os teus inimigos, sobrepões-te aos teus adversários estrangeiros, que os deuses zelem por ti.» E continuam...

6. Por conseguinte, os descendentes de Avídio Cássio viveram em segurança e foram admitidos nas magistraturas⁵¹. 7. Mas Cómodo Antonino, depois da morte do pai já divinizado, ordenou que fossem todos queimados vivos, como se tivessem sido apanhados em flagrante conspiração.

8. Isto é o que soubemos acerca de Avídio Cássio, 9. cujas atitudes, como dissemos⁵², foram sempre variadas, mas com preponderância da severidade e da crueldade. 10. Mas se tivesse possuído o poder, teria sido não apenas clemente e bom mas também um justo e excelente imperador.

14. 1. Com efeito, há uma carta dele ao seu genro, depois de se ter proclamado imperador, que reza assim: 2. «Miserável a república que suporta

⁴⁹ A expressão latina usada é *imperium iustum*.

⁵⁰ Cf. nota a *Adriano* 3.5.

⁵¹ Em latim lemos *honores admissi sunt*, o que remete para as magistraturas do *cursus honorum*.

⁵² Cf. 3.4.

homens como estes, ricos e ávidos de riquezas. 3. Miserável Marco, homem por certo excelso, mas que, no entanto, ao desejar ser chamado “clemente”, deixa viver aqueles cuja vida reprova. 4. Onde está Lúcio Cássio⁵³, cujo nome defendemos em erro? Onde está aquele Marco, o Catão Censor⁵⁴? Onde estão os ensinamentos dos nossos antepassados? Há muito que também esses desapareceram, mas agora nem sequer são desejados. 5. Marco Antonino filosofa e procura os princípios, as almas, o honesto e o justo. Mas não reflecte sobre a república. 6. Já vês que são necessários muitos gládios e muitos elogios para que a imagem pública retorne ao seu antigo estado. 7. E em relação aos governadores das províncias, digo o seguinte: reconhecerei eu como procônsules e governadores aqueles que acreditam que as províncias lhes foram dadas pelo senado e por Antonino para com elas angariarem luxos e enriquecer? 8. Ouviste dizer que, três dias antes de o ser, o prefeito do pretório⁵⁵ do nosso filósofo era um pobre e mendigo, mas que de súbito enriqueceu. Como, pergunto, a não ser com as vísceras da república e os bens dos provinciais? Que enriqueçam, que sejam opulentos. Acabarão por encher o erário público⁵⁶. Que os deuses favoreçam

⁵³ Provavelmente um erro, devendo o autor querer referir-se a Gaio Cássio Longino, como em 1.4.

⁵⁴ Marco Pórcio Catão-o-Censor (234-149 a.C.), particularmente conhecido pela defesa de práticas de vida austeras e frugais, opôs-se às políticas de Cipião Africano, cujas extravagâncias ele considerava serem perniciosas para os soldados romanos.

⁵⁵ Cf. nota a *Adriano* 8.7.

⁵⁶ I.e., acabarão por entregar esses bens ao Estado.

apenas os que estão do lado bom. Os Cassianos devolverão o principado à república.»

Esta carta mostra o imperador severo e firme que ele teria sido.

(Página deixada propositadamente em branco)

VIDA DE CÔMODO

[Élio Lamprídio*]

* Trata-se, muito provavelmente, de um autor fictício. Sobre esta questão, ver a Introdução a este volume.

(Página deixada propositadamente em branco)

1. 1 No que respeita aos antepassados de Cómodo já se discutiu o suficiente na *Vida* de Marco Antonino¹. 2. Quanto a Cómodo, nasceu, juntamente com o irmão gémeo, Antonino, no dia anterior às calendas de Setembro², no consulado do pai e do tio, perto de Lanúvio, onde se diz que o avô paterno também nascera³. 3. Faustina⁴ sonhou, quando estava grávida, que dava à luz duas serpentes, mas uma delas mais feroz. 4. Todavia, quando deu à luz Cómodo e Antonino, este último só durou até aos quatro anos, apesar de os astrólogos lhe predizerem um mapa astrológico semelhante ao de Cómodo. 5. Depois da morte do irmão, Marco tentou dar instrução a Cómodo, quer com os seus ensinamentos, quer com os de grandes e excelentes varões. 6. Teve como mestres, em literatura grega, Onesícrates; em latim, Antístio Capela e, em retórica, Ateio Santo.

7. Mas de nada lhe aproveitaram os mestres de todas as disciplinas: tal é o peso da força do carácter ou daqueles professores que se têm no palácio. É que logo desde a primeira infância se mostrava vil, vergonhoso, cruel, lascivo, conspurcado até da boca e pervertido. 8. Além disso, era artista naquelas técnicas que não

¹ Cf. *Marco* 1.1-4.

² 31 de Agosto de 161.

³ Cf. *Pio* 1.8.

⁴ Esposa de Marco Aurélio.

convinham à posição de um imperador, ao ponto de saber modelar cálices, dançar, cantar, assobiar e de exibir na perfeição a arte do bufão e do gladiador. 9. Mostrou um indício da sua crueldade em Centuncelas⁵ quando completava os doze anos. É que quando tomou banho em água por acaso mais fria, mandou lançar na fornalha o escravo encarregado do banho; pelo que o preceptor, a quem tal tinha sido ordenado, queimou na fornalha uma pele de carneiro, para ele fazer fé na realidade do castigo a partir do pivete do vapor.

10. Ainda menino, foi chamado César juntamente com o seu irmão Vero⁶. Ao décimo quarto ano de idade foi admitido no colégio dos sacerdotes⁷.

2. 1. Foi admitido entre os Tróssulos⁸, os príncipes da juventude, quando envergou a toga viril. Revestido ainda com a toga pretexta das crianças⁹ concedeu um congíario¹⁰ e ele próprio presidiu na Basílica de Trajano.

⁵ No norte da Etrúria.

⁶ A 12 de Outubro de 166. Trata-se de M. Ânio Vero, filho de Marco Aurélio, que morreu quando tinha 6 anos: cf. *Marco* 21.3.

⁷ A 7 de Julho de 175.

⁸ *Trossuli* era o nome dado aos cavaleiros romanos por supostamente terem tomado sem ajuda a cidade etrusca de *Trossulum*.

⁹ *Atogapraetexta*, com uma faixa púrpura, era usada pelos rapazes antes de atingirem a idade adulta (altura em que passavam a envergare a *toga uirilis*), bem como pelos magistrados e pelos sacerdotes.

¹⁰ Designação geral para o donativo dos imperadores ao povo, celebrado em cunhagens de moedas. O *congíarium* vem de *congíus*: uma vez que, inicialmente, a distribuição era feita em vinho, azeite numa vasilha que levava um *congíus* - uma medida romana usada sobretudo para líquidos, correspondente à oitava parte de uma ânfora (c. 3,25 l). Vide nota a *Adriano* 7.3.

2. Envergou a toga nas nonas de Julho¹¹, o dia em que Rômulo desapareceu da terra e em que Cássio se revoltou contra Marco¹². 3. Depois de ter sido recomendado aos soldados, partiu com o pai para a Síria e Egipto e com ele regressou a Roma. 4. Depois, obtida a dispensa da lei relativa à idade prescrita, foi feito cônsul e, no quinto dia antes das calendas de Dezembro¹³, no consulado de Polião e Apro, foi aclamado imperador juntamente com o pai e celebrou com ele o triunfo¹⁴. 5. De facto, o senado decretara também estas honras. Partiu então com o pai para a Germânia¹⁵.

6. Não era capaz de suportar os mais honrados, escolhidos como protectores da sua vida, mas mantinha os piores, e quando lhe eram retirados, sentia tanto a sua falta, que até ficava doente. 7. Depois de estes lhe serem restituídos devido à brandura do pai, ele transformou as divisões do palácio em permanentes tabernas e espeluncas e não mais preservou nem a decência nem as despesas. 8. Jogava aos dados em casa. Reuniu umas fulaninhas de rara beleza, como se fossem prostitutas escravas, para simular um bordel e ultrajar a castidade. Imitou¹⁶ também vendedores ambulantes. 9. Comprou para si cavalos de corrida. Conduzia carros de corrida em traje de auriga, vivia entre gladiadores, e comportava-se

¹¹ 7 de Julho de 175.

¹² Avídio Cássio revoltou-se contra Marco Aurélio em Julho de 175. Cf. *Marco* 25.1.

¹³ 27 de Novembro de 176.

¹⁴ 23 de Dezembro de 176.

¹⁵ 3 de Agosto de 178.

¹⁶ *Imitatus est* na Loeb; outros editores lêem *insectatus est* 'perseguiu', 'atormentou'.

como um criado de alcoviteiros, de tal modo que parecia nascido mais para uma vida aviltante do que para ocupar o lugar que a fortuna lhe providenciara.

3. 1. Dispensou os serviçais mais velhos de seu pai, mandou embora os amigos dele já anciãos. 2. Ao filho de Sálvio Juliano¹⁷, que tinha sido comandante militar, assediou-o em vão para comportamentos depravados e, a partir daí, passou a estender-lhe armadilhas. 3. Afastou os mais íntegros, quer através da afronta quer da concessão de cargos completamente desonrosos. 4. Quando foi referido pelos mimos, como sendo um depravado, tratou logo de os afastar, de forma a que não voltassem a apresentar-se em público. 5. Também a guerra, que o pai quase tinha terminado, desistiu dela, submetendo-se às condições do inimigo, e regressou a Roma¹⁸. 6. Quando regressou a Roma, celebrou o triunfo, e colocou o amante Saótero¹⁹ atrás de si, de modo que, virando a cabeça para trás, o beijava frequentemente em público. E também na orquestra²⁰ teve o mesmo comportamento. 7. Não só ficava a beber até à alvorada e desbaratava os recursos do Império Romano, como ainda cirandava à noitinha por tabernas e bordéis. 8. Enviou para governar as províncias homens que eram ou seus cúmplices de crime ou recomendados por criminosos. 9. Tornou-se objecto de tal ódio

¹⁷ Cônsul em 175 e comandante na zona do Reno segundo parece.

¹⁸ 22 de Outubro de 180.

¹⁹ Liberto de origem bitínia, criado de quarto (*a cubiculo*) de Cómodo.

²⁰ Lugar do teatro romano onde se sentavam os altos dignitários e embaixadores.

por parte do senado, que ele próprio se encarniçava cruelmente para a destruição de tão grande ordem e, sentindo-se desprezado, tornava-se cruel.

4. 1. O modo de vida de Cómodo compeliu Quadrato²¹ e Lucila²² a concertarem planos para o matarem, sem deixarem de contar com a aprovação do prefeito do pretório²³ Tarruténio Paterno²⁴. 2. A tarefa de levar a cabo a morte foi atribuída a Cláudio Pompeiano²⁵, familiar dele. 3. Este entrou para junto de Cómodo de gládio em punho, uma vez que teve oportunidade de passar à acção, mas precipitando-se com estas palavras — «o senado envia-te este punhal» —, revelou estupidamente a conjura e não cumpriu a tarefa em que muitos estavam implicados juntamente com ele. 4. Em consequência, foram executados, antes de mais, Pompeiano e Quadrato; de seguida, Norbana e Norbano, bem com Parálio. Quanto à mãe deste último e a Lucila, foram exiladas.

5. Então os prefeitos do pretório, ao verem Cómodo incorrer em tanto ódio por causa de Saótero, cuja prepotência o povo não podia suportar,

²¹ Provavelmente sobrinho-neto de Marco Aurélio.

²² Trata-se da irmã mais velha de Cómodo, esposa de Lúcio Vero e, depois da morte deste, de Cláudio Pompeiano. Sobre a conspiração, vide Dión Cássio 72.4.4-5 e Herodiano 1.8.3-6.

²³ Magistratura criada por Augusto em 2 a.C. Normalmente havia dois e, até ao tempo dos Antoninos, eram da classe equestre. Vide nota a *Adriano* 8.7.

²⁴ Sobre esta conjura, cf. Dión Cássio, 72.4.4-5; Herodiano, 1.8.3-6. Segundo Dión Cássio, o prefeito Paterno não participa na conspiração.

²⁵ Seria o filho de um primeiro casamento de Cláudio Pompeiano, o marido de Lucila.

fizeram-no sair educadamente do palácio, a pretexto de uma cerimónia religiosa, e, quando ele regressava aos seus jardins, assassinaram-no por intermédio dos agentes deles. 6. Este atentado foi para Cómodo mais gravoso do que aquele de que foi alvo. 7. Quanto a Paterno, que não só era o promotor desta morte, ao que parecia, mas também cúmplice da tentativa de assassinato de Cómodo e o intercessor para evitar uma punição mais alargada da conjura, foi, por instigação de Tigídio²⁶, demitido do comando da prefeitura, a pretexto da concessão da honra do laticlavo²⁷. 8. Poucos dias mais tarde, acusou-o de conspiração, dizendo que a filha de Paterno tinha sido por este prometida em casamento ao filho de Juliano, com a intenção de passar o império para Juliano. 9. Por esta razão executou não só Paterno e Juliano, mas ainda Vitrúvio Secundo, que tinha grande intimidade com Paterno e fora encarregado da correspondência imperial. 9 Além destes, levou à extinção toda a casa dos Quintílios, porque se dizia que Sexto, filho de Condiano, fingindo-se morto, escapara com o intuito de fomentar uma revolta²⁸. 10. Foram mortos Vitrásia

²⁶ Trata-se de Tigídio Perene, prefeito do pretório juntamente com Paterno.

²⁷ Passagem à ordem senatorial. O laticlavo era uma faixa larga que os senadores usavam sobre a túnica.

²⁸ Quintílio Condiano e Quintílio Valério Máximo, irmãos inseparáveis e ricos, tornaram-se suspeitos porque, segundo Díon Cássio (72.5.3-4), reuniam todas as condições para organizar uma conjura. Sexto Condiano seria o filho de Máximo, segundo Díon Cássio (72.6). Este, depois de ter escapado (fingiu-se doente, vomitando sangue de lebre), passou a andar disfarçado, dando ocasião a que muitos fossem mortos, por se assemelharem a ele, e a que aparecessem, mais tarde, impostores a reclamarem as suas posses.

Faustina, Vélio Rufo²⁹ e Egnácio Capitão, de categoria consular. 11. Foram, porém, condenados ao exílio os cônsules Emílio Iunco e Atílio Severo. E contra muitos outros exerceu a crueldade de variadas formas.

5. 1. A partir daqui, Cómodo não voltaria a aparecer em público sem mais nem menos, e não tolerava que nada lhe fosse reportado, a não ser que Perene o tivesse previamente tratado. 2. Mas Perene, que conhecia bem Cómodo, encontrou a forma de ele próprio se tornar poderoso: 3. tratou de persuadir Cómodo a dedicar o seu tempo aos prazeres, enquanto Perene se encarregava das tarefas, situação que Cómodo acolheu de bom grado. 4. Assim, à custa deste acordo, ele, no meio de trezentas concubinas, que reuniu de entre matronas e prostitutas, eleitas pela beleza, e outros trezentos jovens favoritos, que seleccionara da plebe ou da nobreza, à força ou mediante pagamento, segundo o critério da beleza, passava a vida no Palácio num delírio de banquetes e banhos. 5. Entretanto, em traje de sacrificador, imolava vítimas. Lutava na arena com espadas de madeira, e de quando em vez com espadas afiadas entre camareiros gladiadores. 6. Nessa altura, Perene atribuía-se todo o poder. Executou os que quis, espoliou a muitos, violou todas as leis, arrebanhou todos os proveitos para o seu bolso³⁰. 7. O próprio Cómodo mandou matar a irmã, depois de a ter exilado para Cápreas. 8. Além de violar as outras irmãs, segundo se diz, e de ter contacto carnal com a sobrinha do pai, até

²⁹ Cônsul em 178.

³⁰ Em 185. Díon Cássio (72.10.1), pelo contrário, apresenta Perene como incorruptível e temperado no modo de vida.

pôs a uma das concubinas o nome da mãe. 9. Quanto à esposa, depois de a apanhar em adultério, repudiou-a; depois de a repudiar, exilou-a e depois mandou-a matar. 10. Mandava violar as próprias concubinas diante dos seus olhos. 11. E não se livrava da má fama de ser subjogado por rapazes, contaminadas que tinha todas as partes do corpo, incluindo a boca, pelo contacto com um e outro sexo.

12. Foi morto nesta altura também Cláudio, como se fosse por intermédio de assaltantes, porque o filho tinha entrado para junto de Cómodo com um punhal³¹, e muitos outros senadores foram executados sem julgamento, e também mulheres ricas. 13. E alguns, nas províncias, acusados por Perene, em vista das suas riquezas, foram espoliados ou mesmo mortos. 14. Outros, porém, a que faltava a imputação de um crime fictício, acusavam-se de não quererem nomear Cómodo como herdeiro.

6. 1. Por essa altura, os sucessos conseguidos por outros generais na Sarmácia atribuíam-os Perene ao seu próprio filho. 2. Porém, este Perene, que tanto poder teve, de um momento para o outro, porque, na guerra da Britânia, tinha colocado homens da classe equestre à frente dos soldados, depois de demitir os senadores, foi, quando o caso veio a lume, declarado inimigo público pelos legados e entregue aos soldados para ser despedaçado. 3. No lugar do poder dele colocou Cleandro, um dos camareiros³².

³¹ Cf. 4.2-3. Cláudio Pompeiano não foi morto.

³² Um liberto de origem frígia. Segundo Díon Cássio (72.9.3), odiava Perene e contribuiu para a desgraça dele, incentivando

4. Depois da morte de Perene e do seu filho, Cómodo revogou muitas decisões, como se não fossem por si tomadas, como que para voltar ao recto caminho. 5. Mas este arrependimento pelos crimes não o conseguiu manter além de trinta dias, cometendo actos mais gravosos por intermédio de Cleandro do que aqueles que cometera por acção do supracitado Perene. 6. E se Cleandro sucedeu a Perene no poder, já na prefeitura sucedeu Nigro, que, segundo se diz, foi prefeito do pretório por apenas seis horas. 7. A verdade é que os prefeitos do pretório mudavam de hora a hora ou de dia para dia, enquanto Cómodo se comportava em tudo pior do que anteriormente. 8. Márcio Quarto foi prefeito do pretório por cinco dias. Os sucessores destes eram mantidos no cargo ou executados segundo a deliberação de Cleandro. 9. Com a anuência dele foram inscritos libertos no senado e entre os patrícios; pela primeira vez, houve vinte e cinco cônsules num só ano³³, e todos os governos de províncias eram vendidos. 10. Cleandro, a troco de dinheiro, tudo traficava³⁴. Coroava de honras homens resgatados do exílio; revogava decisões judiciais. 11. Aquele, devido à imbecilidade de Cómodo, tinha tanto poder, que a Burro, marido da irmã de Cómodo, uma vez que este denunciava e relatava ao imperador o que se passava, prendeu-o, sob a suspeita de aspirar à tirania, e matou-o; ao mesmo tempo que muitos outros defensores de Burro eram de igual modo eliminados. 12.

Cómodo a acreditar nos soldados que acusavam o prefeito de conspiração para colocar no trono o seu próprio filho.

³³ Em 189.

³⁴ Cf. Dión Cássio, 72.12.3-5. 11.

E entre estes foi também eliminado o prefeito Ebuciano, no lugar de quem o próprio Cleandro se tornou prefeito, juntamente com outros dois que ele mesmo escolhera. 13. Existiram então, pela primeira vez, três prefeitos do pretório, entre os quais um liberto, chamado “responsável do punhal”³⁵.

7. 1. Mas, em suma, foi infligido a Cleandro o fim de vida que ele mereceu. Com efeito, quando, por meio das intrigas dele, Árrio Antonino³⁶ foi executado sob falsas acusações — para favorecer Átalo, que Árrio tinha condenado durante o seu proconsulado da Ásia — e Cómodo não foi capaz então de suportar o ódio, com o povo em fúria, Cleandro foi entregue à plebe para ser castigado³⁷; 2. ao mesmo tempo que Apolausto³⁸ e outros libertos do palácio foram igualmente mortos. Além do mais, Cleandro violou até concubinas do imperador³⁹, 3. das quais teve filhos, que, depois da morte do pai, foram eliminados juntamente com as mães.

4. Para o lugar deles foram nomeados Juliano⁴⁰ e Regilo, os quais depois também condenou. 5. Depois da morte destes, executou Servílio e Dúlio, dos Silanos, juntamente com os seus parentes; e logo Âncio Lupo e

³⁵ *A pugione*; cargo de Cleandro.

³⁶ Alto dignatário acusado por Pertinaz de acalentar pretensões ao trono (cf. *Pertinaz* 3.7)

³⁷ Na sequência de uma carência de trigo: vide, à frente, 14.1 e Dión Cássio 72.13.

³⁸ Um actor trazido da Síria por Lúcio Vero. Cf. *Vero* 8.10.

³⁹ E, segundo Dión Cássio (62.12.1), casou com a concubina de Cómodo, Damostrácia.

⁴⁰ A morte do prefeito Juliano, que Cómodo muito estimara, vem relatada em Dión Cássio, 72.14.1.

os Petrónios, Mamertino e Sura, bem como Antonino, o filho de Mamertino e da sua própria irmã. 6. E, depois destes, seis ex-cônsules de uma assentada: Álio Fusco, Célio Félix, Luceio Torquato, Lúrcio Eurupiano, Valério Bassiano, Pactumeio Magno, juntamente com os seus parentes; 7. e, na Ásia, o procônsul⁴¹ Sulpício Crasso e Júlio Próculo, juntamente com os parentes, e Cláudio Lucano, de classe consular; e, na Acaia, a prima de seu pai, Ânía Faustina⁴² e um sem-número de outros. 8. Tinha ainda destinado a morte de outros catorze, já que os recursos do Império Romano não conseguiam suportar a sumptuosidade dele.

8. 1. Entretanto, como tinha designado cônsul o amante da mãe, Cómodo foi, por brincadeira do senado, chamado Pio⁴³; por ter executado Perene foi chamado Félix⁴⁴: entre tantas mortes de numerosos cidadãos era uma espécie de novo Sula. 2. O mesmo Cómodo, aquele Pio, aquele Félix, fingiu até, diz-se, uma certa conspiração contra si próprio, com o objectivo de eliminar muita gente. 3. E não houve outras revoltas além da de Alexandre⁴⁵, que depois se matou a si próprio

⁴¹ O *proconsul* era o funcionário administrativo encarregado de governar uma província senatorial. O procônsul poderia nunca ter sido cônsul.

⁴² Filha de M. Ânio Libão, tio de Marco Aurélio (*Marco* 1.8).

⁴³ Em 193. Corria o boato de que Cómodo não seria filho de Marco Aurélio, mas de um dos amantes da imperatriz Faustina (*Marco* 19). Cómodo foi designado *Pio* em 183.

⁴⁴ Este cognome que pertencera a Sula. Cómodo recebeu-o em 185, segundo cunhagens.

⁴⁵ Os feitos na arena deste natural de Êmesa teriam irritado o imperador, que lhe enviou assassinos. Depois de os matar de noite, quase escapava, não fosse levar consigo um favorito que o atrasou.

e aos seus, e da irmã Lucila⁴⁶. 4. Cómodo foi chamado Britânico pelos adutores, uma vez que os Britanos quiseram aclamar um imperador contra ele⁴⁷. 5. Foi ainda chamado Hércules Romano⁴⁸, por ter matado animais selvagens no anfiteatro de Lanúvio⁴⁹. Tinha, de facto, o costume de matar animais ferozes na sua casa. 6. Foi, além disso, possuído por aquela insensatez de querer designar a Urbe por “Colónia Romana Comodiana”⁵⁰; loucura esta que lhe ocorreu, diz-se, no meio das delícias de Márcia⁵¹. 7. Desejava também conduzir quadrigas no Circo⁵². 8. Apresentou-se em público vestido com a túnica dalmática⁵³ e assim deu o sinal de partida às quadrigas. 9. E o certo é que na altura em que apresentou ao senado a proposta de transformar Roma em Comodiana, o senado não só aceitou de bom grado — por brincadeira, quanto se percebe — como até se designou a si próprio Comodiano⁵⁴, enquanto chamava a Cómodo Hércules e deus.

9. 1. Fingiu estar para partir para África, para reclamar os custos da viagem, e, depois de os cobrar,

Prestes a ser capturado, matou-se a si e ao rapaz, segundo relata Díon Cássio, 72.14.1-3.

⁴⁶ Cf. 4.1-4.

⁴⁷ Para o elenco dos títulos de Cómodo, vide Díon Cássio, 72.15.5.

⁴⁸ Em 192. E fez-se representar em moedas e estátuas com os atributos de Hércules: a clava e a pele de leão.

⁴⁹ Vide nota a *Pio* 1.8.

⁵⁰ Como figura em cunhagens. Cf. Díon Cássio, 72.15.2.

⁵¹ Concubina.

⁵² Como já Nero se atrevera a fazer.

⁵³ Uma versão elaborada da túnica, depois aproveitada pela igreja para uso dos diáconos nas celebrações litúrgicas.

⁵⁴ Cf. Cf. Díon Cássio, 72.15.2.

desviou-os para os banquetes e para o jogo. 2. A Motileno, o prefeito do pretório, assassinou-o com figos envenenados. Consentiu que lhe fossem erigidas estátuas em traje de Hércules e foram-lhe imoladas vítimas como a um deus. 3. Além disso, preparava-se para dar a morte a muitos, facto que foi descoberto por um certo rapazinho, que retirou uma tabuinha do quarto, na qual estavam escritos os nomes dos que deviam ser eliminados.

4. Praticou o culto de Ísis, ao ponto de rapar a cabeça e transportar uma imagem de Anúbis. 5. Aos devotos de Belona⁵⁵ prescreveu que cortassem, de facto, um braço, devido ao gosto pela crueldade. 6. Aos devotos de Ísis obrigava-os a bater deveras no peito com pinhas, até à morte. Enquanto transportava Anúbis, martelava gravemente as cabeças dos devotos com a cara da estátua. Em trajes de mulher e com uma pele de leão, abatia com a clava não só leões, mas também muitos homens. Aos fracos das pernas e àqueles que não podiam andar transformou-os numa espécie de gigantes, cobrindo-os dos joelhos para baixo com tiras de linho, a imitar serpentes, e acabou com eles com setas. Maculou mesmo o culto de Mitra com um assassinio, apesar de costumar dizer ou fingir que, ali, tinha como que uma espécie de temor.

10. 1. Já em criança era guloso e depravado. Quando jovem desonrou todo o tipo de homens ao seu

⁵⁵ Antiga deusa da guerra que tinha um templo no Campo de Marte. A esta foi assimilado o culto da deusa capadócia Ma (Ma-Belona), introduzido em Roma por Sula. Os sacerdotes do culto realizavam danças orgiásticas em que laceravam os braços e as pernas. Mais tarde o sacrificio tornou-se simbólico.

redor e por todos era desonrado. 2. A quem se ria dele lançava-o aos animais selvagens. E a um fulano, que lera o livro de Tranquilo⁵⁶ que continha a *Vida de Calígula*, mandou lançá-lo às feras porque o seu dia de aniversário era o mesmo de Calígula. 3. Se alguém tivesse dito que desejava morrer, mandava-o precipitar mesmo contra a vontade dele⁵⁷.

Também nos divertimentos era destrutivo⁵⁸. 4. De facto, a um fulano, em quem via cabelos brancos entre outros negros, como se este tivesse larvas, aplicou-lhe um estorninho, que julgando estar a caçar os vermes, lhe deixava a cabeça lacerada pelo percutir do bico. 5. A um tipo obeso, abriu-lhe a barriga ao meio, para que, de repente, se lhe derramassem as tripas. Chamava pernetas e zarolhos àqueles a quem tinha arrancado um olho ou cortado um pé. 7. Aniquilou, além disso, muitos outros, em diversos lugares: uns, porque se lhe tinham apresentado à frente em trajas bárbaros; outros, porque eram nobres e distintos. 8. Tinha entre os seus favoritos fulanos que tinham nomes das partes pudibundas de um e outro sexo, aos quais ele gostava de cobrir de beijos. 9. Tinha ainda especial apreço por um tipo com um membro viril descomunal, maior que o das bestas, a quem chamava *Onos*⁵⁹. Tornou-o rico e colocou-o no cargo de sacerdote de Hércules campestre.

⁵⁶ Suetónio Tranquilo, o autor das *Vidas dos Doze Césares*, desde Júlio César até Domiciano.

⁵⁷ Crueldades que já Suetónio (*Cal.* 27.2) atribuíra a Calígula.

⁵⁸ Cf. Uma semelhante lista de sevícias em Dión Cássio, 63.17.

⁵⁹ Em grego, ‘burro’.

11. 1. Diz-se que misturava frequentemente excrementos humanos nos mais refinados manjares e não se abstinha de os degustar, enquanto, julgava ele, fazia troça dos outros. 2. Fez apresentar à sua frente dois corcundas todos tortos numa bandeja de prata, cobertos de mostarda, e imediatamente os promoveu e encheu de riquezas. 3. Ao seu prefeito do pretório, Juliano, atirou-o à piscina, mesmo de toga, na presença dos cortesãos. E até o mandou dançar nu, diante das suas concubinas, a tocar címbalos e a fazer caretas. 4. Raramente fez servir nos banquetes legumes cozidos, de modo a manter o requinte na sucessão de pratos. 5. Tomava banho sete e oito vezes por dia e comia nos próprios balneários. 6. Chegou a macular os templos dos deuses com violações e sangue humano. 7. E até fazia de médico, ao ponto de sangrar pessoas com bisturis até à morte.

8. Os adutores denominavam também os meses em honra dele: em vez de Agosto, Cômodo; em vez de Setembro, Hércules; em vez de Outubro, Invicto; em vez de Novembro, Conquistador⁶⁰; em vez de Dezembro, Amazónio⁶¹, a partir da assinatura dele próprio. 9. Este último, porém, foi chamado Amazónio por causa do seu amor pela concubina Márcia, que gostava de retratar como Amazona⁶²; e em atenção a ela ele próprio se quis apresentar numa arena romana em traje de Amazona.

⁶⁰ *Exsuperatorius*.

⁶¹ Uma lista completa dos nomes dados aos meses, mas com uma ordem diferente, figura em Dión Cássio, 72.15.3.

⁶² Também Nero gostava de travestir as concubinas de Amazonas. Cf. Suetónio, *Nero* 44.1.

10. Participou em combates de gladiadores e recebeu nomes de gladiadores com a mesma satisfação com que receberia honras triunfais. 11. Entrou sempre nos jogos, e cada vez que entrava, dava ordens para que tal fosse registado nos monumentos públicos. 12. Diz-se que combateu setecentas e trinta e cinco vezes.

13. Foi incluído no nome dos Césares no quarto dia antes dos idos de Outubro⁶³, mês a que depois chamou Hércules, no consulado de Pudente e Polião. 14. Foi chamado Germânico nos idos de Hércules⁶⁴, no consulado de Máximo e Órfito.

12. 1. Foi associado como sacerdote a todos os colégios sacerdotais no décimo terceiro dia antes das calendas do Invicto, no consulado de Pisão e Juliano⁶⁵. 2. Partiu para a Germânia no décimo quarto dia antes das calendas de Élio, como depois designou este mês⁶⁶. 3. Por essa altura, assumiu a toga viril. 4. Foi aclamado imperador com o pai no quinto dia antes das calendas do Conquistador, no segundo consulado de Polião e Apro⁶⁷. 5. Celebrou um triunfo no décimo dia antes das calendas de Janeiro, no mesmo consulado⁶⁸. 6. Partiu de novo no terceiro dia antes das nonas de Cómodo,

⁶³ 12 de Outubro de 166.

⁶⁴ 15 de Outubro de 172. Há uma contradição com 11.8, em que o nome de Hércules era atribuído ao mês de Setembro. Aqui segue-se a informação também contida em Dión Cássio, 72.15.3.

⁶⁵ 20 de Janeiro de 175.

⁶⁶ 19 de Maio de 175.

⁶⁷ 27 de Novembro de 176. Contradição entre os dados históricos e o nome dos meses de 11.8. segue-se a informação condizente com Dión Cássio, 72.15.3, em que por *Exsuperatorius* se designava o mês de Dezembro.

⁶⁸ 23 de Dezembro de 176.

no consulado de Órfito e Rufo⁶⁹. 7. Foi apresentado pelo exército e pelo senado como devendo ser mantido na casa Palatina Comodiana, no décimo primeiro dia antes das calendas de Romano⁷⁰, no segundo consulado de Presente. 8. Quando planeava partir numa terceira viagem, foi retido pelo senado e pelo seu povo. 9. Foram feitos votos por ele nas nonas de Pio, no segundo consulado de Fusciano⁷¹. 10. Entretanto, segundo está relatado em escritos, combateu trezentas e sessenta e cinco vezes no principado do pai: 11. juntou tantas palmas da vitória em jogos de gladiadores, ao vencer ou matar reciários⁷², que perfez umas mil. 12. Matou também com as suas próprias mãos diversos animais selvagens, tal como matou muitos milhares de elefantes. E realizava estas proezas na presença do povo romano⁷³.

13. 1. Era robusto para estes feitos; para outras coisas era inapto e débil. Tinha um mal tão desenvolvido nas partes genitais, que o povo romano podia perceber o inchaço através das vestes de seda. 2. Sobre ele, muitos versos foram escritos, dos quais Mário Máximo na sua obra se gloria. 3. Tinha tanto vigor a matar animais selvagens que trespassou um elefante com um pique, atravessou o corno de uma gazela com um bastão,

⁶⁹ 3 de Agosto de 178.

⁷⁰ 22 de Outubro de 180. Segundo Dión Cássio, 72.15.3, Romano foi a designação dada a Novembro.

⁷¹ 5 de Abril de 188. Segundo Dión Cássio, 72.15.3, Pio foi a designação dada a Abril.

⁷² Gladiador que combate com um tridente e uma rede.

⁷³ O que correspondia a uma degradação para um nobre e ainda mais para um imperador.

e arrumou de um só golpe muitos milhares de feras descomunais. 4. Tinha tal descaramento, que tomava frequentemente assento no teatro ou no anfiteatro com roupa de mulher, e a beber publicamente.

5. Apesar do seu modo de vida, foram, no entanto, vencidos sob os seus auspícios, através de legados, os Mauros; foram vencidos os Dácios⁷⁴; a Panónia⁷⁵ foi pacificada; na Britânia, na Germânia e na Dácia⁷⁶, foi imposto o seu domínio aos provinciais que o recusavam. 6. Todos estes tumultos foram apaziguados por intermédio dos generais. 7. A assinar, de sua própria mão, Cómodo era um retardatário e descuidado, ao ponto de assinar muitas petições com a mesma fórmula; além de que a muitas cartas respondia meramente com «saudações». 8. Tudo era tratado por outros, que, segundo se diz, até manobravam as condenações em proveito do seu bolso.

14. 1. Mas, por causa desta negligência, como os responsáveis do Estado esgotaram o fornecimento de cereais, surgiu uma grande carência em Roma, apesar de não faltar cereal⁷⁷. 2. E àqueles que esgotaram tudo Cómodo, de seguida, executou-os e confiscou-lhes os

⁷⁴ Povo agrícola do baixo Danúbio que assimilou a cultura celta e que era confundido pelos gregos com os Getas.

⁷⁵ Província romana, consolidada em 9 d.C., situada entre Nórico e a Dácia e limitada a sul pela Dalmácia e Mésia. Dividia-se em Panónia Superior, a oeste, e Inferior, a leste.

⁷⁶ A Dácia ficava na zona entre os Montes Cárpatos e o Danúbio, na região das actuais Roménia e Moldávia.

⁷⁷ Em 189. A multidão responsabilizou Cleandro e Cómodo, aterrorizado, entregou-o à população para ser morto: cf. 7.1 e Díon Cássio 72.13.

bens. 3. Mas ele próprio, fingindo que se estava num século de ouro, chamado “Comodiano”, propôs uma baixa de preços, mercê da qual causou uma mais gravosa crise.

4. Muitos sob o governo dele compraram com dinheiro o castigo de outros ou a sua própria absolvição. 5. Chegou a vender a comutação dos suplícios, permissão para sepultar, a redução dos castigos, e mandou executar uns na vez de outros. 6. Vendeu também províncias e cargos administrativos, em que recebiam uma parte aqueles por intermédio de quem se fazia a venda e outra parte recebia-a o próprio Cómodo. 7. Vendeu a alguns a morte dos seus inimigos. Sob o governo dele, os libertos venderam até os resultados dos processos. 8. Quanto aos prefeitos Paterno e Perene, não os suportou muito tempo; tal como também nenhum dos prefeitos que ele próprio nomeara completou um triênio, a maior parte dos quais assassinou quer com veneno, quer com a espada. E mudou os prefeitos da Urbe com a mesma ligeireza.

15. 1. Aos criados de quarto executou-os a seu bel-prazer, embora fizesse tudo à vontade deles. 2. Mas o criado de quarto Eclecto, depois que viu a facilidade com que ele os matava, adiantou-se-lhe e tomou parte na conjura para a sua morte.

3. Quando apreciava os espectáculos de gladiadores, chegava a pegar em armas, cobrindo os ombros nus com uma capa de púrpura. 4. Tinha, inclusivamente, o costume de, tudo quanto ele fazia, quer de torpe, quer de impuro, quer de cruel,

quer à moda de um gladiador, quer à moda de um alcoviteiro, o mandar registar nas actas da Urbe, como testemunham os escritos de Mário Máximo. 5. Até chamou “Comodiano” ao povo romano, em presença do qual muito amiúde lutava. 6. E se é verdade que o povo o exaltava como a um deus, quando ele lutava, ele, julgando que se riam dele, determinou que o povo romano seria morto no anfiteatro pelos marinheiros que manobravam o toldo. 7. Tinha mandado incendiar a cidade, como se fosse sua própria colónia, decisão que teria sido levada a cabo, não fora o facto de Leto, o prefeito do pretório, ter atemorizado Cómodo⁷⁸. Entre outros títulos triunfais, foi chamado seiscentas e vinte vezes “primeiro sargento dos *secutores*”⁷⁹.

16. 1. Aconteceram os seguintes prodígios durante o seu império quer no que toca à vida pública, quer à privada: apareceu um cometa; 2. foram divisadas no Foro pegadas dos deuses que se afastavam; antes da guerra dos desertores⁸⁰, o céu incendiou-se; e uma súbita nuvem e treva se levantaram no Circo

⁷⁸ Houve de facto um grande incêndio em 192. Cf. Díon Cássio 72.24; Herodiano, 1.14.2-6. Trata-se da aplicação a Cómodo dos lugares-comuns associados aos piores imperadores; neste caso, uma colagem à fama de Nero.

⁷⁹ O termo *palus primus secutorum* é formado a partir do grau militar de *primus pilus* (ou *primipilus*), o primeiro centurião: a cambiante resulta do facto de os gladiadores treinarem com armas de madeira. O *secutor* era um tipo de gladiador protegido com elmo, caneleiras e um grande escudo e armado de espada.

⁸⁰ Trata-se da revolta liderada por Materno na Gália, em 186, que passou depois à Itália e tentou assassinar Cómodo durante o festival de Cíbele, como conta Herodiano, 1.10. Pescênio Nigro foi enviado para o combater: cf. *P. Nigro* 3.4.

nas calendas de Janeiro⁸¹; e antes da aurora apareceram até aves incendiárias e de mau agoiro; 3 o próprio Cómodo, dizendo que não conseguia dormir no Palatino, transferiu-se do palácio para a residência Vectiliana⁸², no monte Célio; 4. a porta dupla do templo de Jano⁸³ abriu-se sozinha; e a estátua de Anúbis⁸⁴ foi vista mover-se; 5. a estátua de bronze de Hércules no Pórtico Minúcio⁸⁵ transpirou durante muitos dias; e uma coruja foi apanhada sobre o quarto dele tanto em Roma como em Lanúvio⁸⁶. 6. Ele mesmo, contudo, foi o causador de um prodígio nada despiciendo sobre si próprio: é que meteu a mão na ferida de um gladiador morto e limpou-a à sua cabeça; e, ao contrário do que era costume, mandou os espectadores virem ao espectáculo, não de toga, mas de pênula⁸⁷, como era

⁸¹ 1 de Janeiro de 193.

⁸² A residência dos gladiadores, nas proximidades do Coliseu, onde Cómodo foi passar a noite de 31 de Dezembro de 192, para, no dia seguinte, se exhibir como gladiador (com as armas do *scutor*), segundo afirma Dión Cássio, 72.22.2.

⁸³ As portas do templo de Jano fechavam-se quando havia paz em todo o império. Augusto vangloriava-se, nas *Res Gestae* (13), de que, no seu principado, o templo fora fechado por três vezes.

⁸⁴ Esta divindade egípcia, representada com cabeça de chacal, era considerada protectora dos cadáveres e dos túmulos. Como se viu atrás (9.4), Cómodo praticava o culto de Ísis e costumava carregar a estátua de Anúbis.

⁸⁵ Pórtico construído por M. Minúcio Rufo, cônsul em 110 a.C. Este local, situado entre o monte Capitólio e o Tibre, era usado no império para a distribuição de cereais. Era por isso chamado *Minucia Frumentaria*; mas também *Minucia Vetus*.

⁸⁶ Vide nota a Élio 1.8.

⁸⁷ Uma capa com capuz usada por homens e mulheres como protecção contra os elementos nas viagens. Vide *Adriano* 3.5. Durante o império é usada também na cidade. A força ominosa da

hábito nos funerais, enquanto ele próprio presidia em trajes de luto.⁷ O elmo dele foi duas vezes lançado pela porta Libitina⁸⁸.

8. Como congíário⁸⁹ ao povo concedeu setecentos e vinte e cinco denários por cabeça⁹⁰. No que toca aos outros, era muito parcimonioso, uma vez que tinha depauperado o erário com as despesas da vida faustosa.

9. Deu muitos jogos de circo, mais por apetite que por fervor religioso, e para enriquecer os chefes das equipas.

17. 1. Acicatados por estes actos, embora demasiado tarde, o prefeito Quinto Emílio Leto e Márcia, a concubina do imperador, puseram em marcha uma conspiração para o matar. 2. Antes de mais, deram-lhe veneno; mas como surtiu pouco efeito, estrangularam-no pelas mãos de um atleta com o qual ele costumava treinar⁹¹.

3. Era deveras bem proporcionado de corpo; tinha um rosto apalermado, como costumam ter os bêbedos; um discurso confuso; um cabelo sempre tingido e a

ordem de Cómodo para usarem a pênula é explicitada por Díon Cássio (72.21.3): esta peça de vestuário não era usada no anfiteatro, senão quando o imperador morria.

⁸⁸ Deusa romana dos funerais. No anfiteatro, a Porta Libitina era por onde eram retirados os corpos dos gladiadores mortos.

⁸⁹ *Congiarium*. Vide nota a 2.1.

⁹⁰ Soma exagerada que pode corresponder ao total durante o seu principado.

⁹¹ A 31 de Dezembro de 192. O atleta que o estrangulou chamava-se Narciso. Vide relatos de Díon Cássio 72.22.4 e Herodiano 1.17. O veneno teve pouco efeito porque o imperador vomitou. O que precipitou a acção foi a descoberta de uma lista de pessoas a abater, à cabeça da qual estava Márcia, seguida de Leto e Eclecto.

cintilar com a poalha de ouro. Queimava o cabelo e a barba por medo do barbeiro.

4. Que o corpo dele fosse arrastado com um gancho e lançado ao Tibre⁹², foi o que propuseram o senado e o povo; mas, depois, foi por ordem de Pertinaz levado para o túmulo de Adriano⁹³.

5. Das suas obras nada sobrevive, à exceção de uns banhos que Cleandro construiu em nome dele⁹⁴. 6. Mas o senado apagou o nome dele que estava inscrito em obras de outros. 7. Nem sequer acabou as obras do pai. Instituiu uma frota africana, para constituir uma reserva, no caso de falhar o fornecimento de cereais de Alexandria. 8. Denominou ridiculamente Cartago como “Alexandria Comodiana Togada” e a frota designou-a por “Africana Comodiana Hercúlea”. 9. Acrescentou ao colosso alguns adornos, que foram retirados depois. 10. Quanto à cabeça do colosso, que era a de Nero⁹⁵, removeu-a e colocou lá a sua, pelo que gravou uma inscrição nos termos do costume, ao ponto de não omitir os títulos de “Gladiador” e “Efeminado”. 11. No entanto, a tal governante, Severo, apesar de ser um imperador rígido e homem digno daquele nome⁹⁶, colocou-o entre os deuses, por ódio ao senado, ao

⁹² Era o castigo habitualmente destinado aos tiranos. Esta biografia apresenta muitos lugares-comuns da descrição dos tiranos.

⁹³ Vide nota a *Adriano* 19.11.

⁹⁴ *Thermae commodianae*.

⁹⁵ A afirmação é imprecisa, tendo em conta a indicação, na *Vida de Adriano* (19.30), de que este teria substituído a cabeça de Nero pela do sol. A obra terá sido já dedicada ao sol pelos Flávios, como testemunha Marcial (*Spect.* 2.1-3; 1.70.7) e Plínio (*Nat.* 34.45).

⁹⁶ Obviamente Septímio Severo, imperador de 193 a 211.

que parece; e acrescentou um flâmine, o “Herculâneo Comodiano”, que o próprio Cómodo tinha projectado para si mesmo em vida.

12. Sobreviveram-lhe três irmãs⁹⁷, cujo aniversário Severo determinou que fosse celebrado.

18. 1. As aclamações do senado depois da morte de Cómodo foram duras. 2. Mas para que se saiba qual foi o veredicto do senado acerca de Cómodo, eu citei de Mário Máximo as próprias aclamações e o texto da resolução daquele órgão:

3. «Sejam retiradas as honras ao inimigo da pátria; sejam retiradas as honras ao parricida. Seja arrastado o parricida. O inimigo da pátria, o parricida, o gladiador seja esartejado no espoliário⁹⁸. 4. Inimigo dos deuses, carrasco do senado, inimigo dos deuses, parricida do senado, inimigo dos deuses, inimigo do senado. 5. Gladiador ao espoliário! Ele que assassinou o senado seja exposto no espoliário. Ele que assassinou o senado seja arrastado com um gancho. Ele que matou os inocentes seja arrastado com um gancho. Inimigo público, parricida, deveras, deveras! 6. Aquele que não poupou o sangue dos seus seja arrastado com um gancho. Aquele que tinha a intenção de te⁹⁹ assassinar seja arrastado com um gancho. 7. Tu que partilhaste o nosso terror, que partilhaste o nosso perigo! Para que sejamos salvos, ó Júpiter Ótimo Máximo, salva-nos

⁹⁷ Árria Fadila, Cornificia e Víbia Aurélia Sabina.

⁹⁸ Lugar em que se despojavam das roupas os gladiadores mortos.

⁹⁹ Dirigido a Pertinaz, imperador desde a morte de Cómodo até 31 de Março de 193, altura em que foi assassinado por soldados amotinados. Cf. *Pertinaz* 5.1.

Pertinaz. 8. Viva a lealdade dos pretorianos! Vivam as coortes pretorianas! Vivam os exércitos romanos! Viva a dedicação do senado!

9. O parricida seja arrastado. Suplicamos, Augusto: o parricida seja arrastado. É isto que suplicamos: o parricida seja arrastado. 10. Escuta-nos, César: delatores aos leões! Esperato¹⁰⁰ aos leões! 11. Viva a vitória do povo romano! Viva a lealdade dos soldados! Viva a lealdade dos pretorianos! Vivam as coortes pretorianas!

12. Onde quer que haja estátuas do inimigo público; onde quer que haja estátuas do parricida; onde quer que haja estátuas do gladiador — sejam derribadas as estátuas do gladiador e do parricida! 13. O assassino dos cidadãos seja arrastado. O parricida dos cidadãos seja arrastado. As estátuas do gladiador sejam derribadas. 14. Contigo salvo estamos nós em segurança de verdade, de verdade; agora de verdade, agora condignamente, agora de verdade, agora livremente.

15. Nós estamos em segurança agora; tremam os delatores. Para estarmos nós em segurança, tremam os delatores! Para sermos salvos, fora com os delatores do senado; azorrague para os delatores! Uma vez que estás salvo, delatores aos leões. 16. Agora que és imperador, azorrague para os delatores!

19. 1. Seja apagada a memória do gladiador parricida! As estátuas do gladiador parricida sejam derribadas. Seja apagada a memória do gladiador corrompido! Gladiador ao espoliário! 2. Escuta, César: o carrasco seja arrastado com um gancho! O

¹⁰⁰ Pelo contexto deve ser um delator.

carrasco do senado seja arrastado segundo o costume dos antepassados. Mais cruel que Domiciano, mais corrompido que Nero! Assim procedeu, assim lhe seja feito. Seja preservada a memória dos inocentes. Que restabeleças a memória dos inocentes – é o que te suplicamos. O corpo do parricida seja arrastado com um gancho! 3. O corpo do gladiador seja arrastado com um gancho! O corpo do gladiador seja metido no espoliário! Pergunta a um por um, pergunta: 4. todos somos de opinião de que deve ser arrastado com um gancho. Ele que assassinou toda a gente seja arrastado com o gancho! Ele que assassinou gente de todas as idades seja arrastado com o gancho! Ele que assassinou gente de um e outro sexo seja arrastado com o gancho! 5. Ele que não poupou o seu próprio sangue seja arrastado com o gancho! Ele que espoliou os templos seja arrastado com o gancho! 6. Nós temos sido escravos de escravos. 6. Ele que exigia dinheiro para poupar uma vida seja arrastado com o gancho! Ele que exigia dinheiro para poupar uma vida e depois faltava à palavra seja arrastado com o gancho! Ele que vendia o senado seja arrastado com o gancho! Ele que retirava aos filhos a sua herança seja arrastado com o gancho!

7. Espiões e acusadores fora do senado! Informadores fora do senado! Subornadores dos escravos fora do senado. Também tu partilhaste o terror connosco; sabes tudo e conheces quer os honestos quer os desonestos. 8. Tu sabes tudo; trata de corrigir tudo. Era por ti que temíamos. Oh! Como somos afortunados, agora que és de facto imperador! Sobre

o parricida consulta-nos, consulta-nos, interroga um por um. Suplicamos a tua presença. 9. Os inocentes estão insepultos. O corpo do parricida seja arrastado. O parricida desenterrou os mortos. O corpo do parricida seja arrastado».

20. 1. E, depois de, por ordem de Pertinaz, Lívio Laureense, procurador do património¹⁰¹, ter confiado o corpo a Fábio Cilão¹⁰², cônsul designado, Cômodo foi sepultado durante a noite. 2. O senado exclamou: 3. «Por ordem de quem é que o sepultaram? Seja desenterrado o parricida sepultado! Seja arrastado!» Disse Cíncio¹⁰³ Severo: «foi injustamente sepultado. O que declaro enquanto pontífice é o que o colégio dos pontífices declara. 4. Uma vez que terminei de enumerar o que era agradável, passo agora ao que é forçoso fazer: sou de parecer de que devem ser destruídas as estátuas, que obrigou a decretar em sua honra um fulano que não viveu senão para a ruína dos cidadãos e para sua própria desonra. 5. Onde quer que elas se encontrem devem ser destruídas; o nome dele deve ser apagado de todos os monumentos privados e públicos e os meses devem ser de novo designados pelos nomes com que eram designados quando aquele flagelo caiu sobre o Estado».

¹⁰¹ Cargo que compreendia a administração das propriedades imperiais.

¹⁰² *Cilo* na Loeb; outros editores preferem *Chilo*. Cônsul em 193 e homem de confiança de Severo e Caracala. Cf. *Caracala* 3.2; 4.5.

¹⁰³ *Cincius* na Loeb; outros editores preferem *Cingius*. Cf. *Severo* 13.9.

(Página deixada propositadamente em branco)

BIBLIOGRAFIA:

- J. N. Adams (1972), “On the authorship of the *Historia Augusta*”, *CQ* (New Series) 22 186-194.
- S. Alves (2010), “As ideias cosmopolitas de Marco Aurélio”, *Cadmo* 20 561-581.
- B. Baldwin (1990), “Commodus the good poet and good emperor”, *Gymnasium* 97 224-231.
- T. D. Barnes (1967), “Hadrian and Lucius Verus”, *JRS* 57 65-79.
- T. D. Barnes (1995), “The sources of the *Historia Augusta* (1967-1992)” in Bonamente, G. & Paci G. ed. *Historiae Augustae colloquium Maceratense*, Bari, Edipuglia, 128.
- A. R. Birley (1997), *Hadrian. The Restless emperor*. London/New York.
- A. R. Birley (2006) “Rewriting second-and-third-century history in late antique Rome: the *Historia Augusta*”, *Clássica*, Belo Horizonte, 19.1 19-29.
- J. L. Brandão (2007), “Cómodo: outro Calígula, outro Nero”, *Humanitas* 59 133-145.
- J.-P. Callu (1992), *Histoire Auguste*. Tome I 1^{re} partie. Paris, Les Belles Lettres.
- U. Espinosa Ruiz (1984), “El reinado de Cómodo:

subjectividad y objetividad en la antigua historiografía”, *Gerion* 2 113-149.

- A. Espírito Santo (1996), *Marco Aurélio*, Colecção Vultos da Antiguidade, Lisboa, Inquérito
- J. Gagé (1968), “L’assassinat de Commode e les *sortes Herculis*”, *REL* 46 280-303.
- J. Gaudemet (2002⁷), *Les institutions de l’Antiquité*, Montchrestien, Paris.
- M. Grant, (1994), *The Antonines. The Roman empire in transition*, London/New York.
- R. P. Hock (1982), “Puns, Aelius Maurus and the composition of the *Historia Augusta*”, *TAPhA* 112 107-113.
- E. Hohl (1965), *Scriptores Historiae Augustae*. Editio stereotypa correctior. Addenda et corrigenda adjecerunt Ch. Samberger et W. Seyfarth. Lipsiae, Teubner.
- T. Honoré, (1987), “Scriptor *Historiae Augustae*”, *JRS* 77 156-176.
- P. Grimal (1991), *Marc Aurèle*, Paris, Fayard.
- R. Lambert (1996), *Beloved and God. The Story of Hadrian and Antinous*, New York, Zebra.
- D. Magie (1953), *The Scriptores Historiae Augustae*, vol I. Cambridge, Massachusetts/London, The Loeb Classical Library.

- G. Marasco (1996), “Commodo e i suoi apologeti”, *Emerita* 64 229-238.
- M. Meckler (1996), “The beginning of the *Historia Augusta*”, *Historia* 45 364-375.
- A. Momigliano (1954), “An unsolved problem of historical forgery: the *Scriptores Historiae Augustae*”, *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes* 17 22-46.
- T. Opper (2010), *Hadrian: Empire and Conflict*, Cambridge, Ma., Harvard University Press.
- R. Poignault (1991), “Images de l’empereur Hadrien d’après l’Histoire Auguste, relue par Marguerite Yourcenar”, *REL* 69 203-218.
- G. Porta (1975), “Un Caligola dell’ *Historia Augusta*, Commodo”, *Atene e Roma* 20 165-170.
- B. Rémy (2005), *Antonin le Pieux, 138-161: Le siècle d’or de Rome*, Paris, Fayard.
- M. H. da Rocha Pereira (2002³), *Estudos de História da Cultura Clássica – II volume, Cultura Romana*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Y. Roman (2008), *Hadrien, l’empereur virtuose*, Paris, Payot.
- R. Syme (1968), “Ignotus, the good biographer” in Alföldi, A. & Straub, J., *Bonner Historia Augusta Colloquium*, Bonn, 131-153.

- R. Syme, (1972), "The composition of the *Historia Augusta*: recent theories", *JRS* 123-133.
- R. Syme (2001) *Ammianus and the Historia Augusta*.
Oxford, Oxford University Press, .
- R. Syme (1978), "Propaganda in the *Historia Augusta*",
Latomus 37 173-192.

ÍNDICE DE NOMES

- Abgar: *Pio* 9.6
Acaia: *Adriano* 13.1; 13.2; *Pio* 5.4; *Cómodo* 7.7
Adiutrix (2ª legião): *Adriano* 2.2
Ádria: *Adriano* 1.1; 19.1
Adriano, imp.: *Adriano passim*; *Élio* 1.1; 1.2; 2.1; 2.6; 3.1; 3.4; 3.7; 3.8; 3.9; 4.2; 4.3; 4.5; 4.7; 4.8; 5.1; 5.4; 6.1; 6.4; 6.5; 6.7; 6.9; 7.2; *Marco Aurélio* 1.9; 4.1; 4.6; 5.1; 5.3; 5.6; 6.1; 6.2; 7.10; 11.6; 16.6; 17.4; 19.9; *Vero* 1.3; 1.6; 2.1; 2.2; 2.5; 11.1; *Avidio* 2.5; 8.6; 2.4; 2.5; 2.6; 2.11; 3.5; 3.8; 4.1; 4.2; 4.44; 4.5; 4.6; 4.10; 5.1; 5.2; 5.3; 6.3; 8.2; 9.6; *Cómodo* 17.4
Adrianópolis: *Adriano* 20.4
Adrianóteras: *Adriano* 20.13
África: *Adriano* 13.4; 13.6; 22.14; *Cómodo* 9.1
Africanos: *Adriano* 22.14
Agaclito: *Marco Aurélio* 15.2; *Vero* 9.3; 10.5
Agripa (banhos): *Adriano* 19.10
Agripa: *Pio* 8.2
Agripo: vide *Élio Aurélio Apolausto*
Alanos: *Pio* 5.4; *Marco Aurélio* 22.1
Albano, *Avidio* 9.8; 9.11
Albanos: *Adriano* 21.13
Alexandre Cotiense: *Marco Aurélio* 2.3
Alexandre da Macedónia: *Adriano* 4.9; *Marco Aurélio* 27.11
Alexandre, Júlio: *Cómodo* 8.3
Alexandria: *Adriano* 12.1; 20.2; *Marco Aurélio* 25.4; 25.12; 26.12; *Vero* 8.11; *Avidio* 7.4; 9.3; *Cómodo* 17.7
Alexandrinos: *Marco Aurélio* 25.12; 26.3
Álio Fusco: *Cómodo* 7.6
Alpes: *Pio* 12.4; *Marco Aurélio* 14.6; *Vero* 9.7
Altino: *Vero* 9.11
Âncio: *Pio* 8.3
Ânio Libão: *Marco Aurélio* 1.3
Âncio Lupo, Antonino: *Cómodo* 7.5
Ândron: *Marco Aurélio* 2.2
Ânia Cornificia: *Marco Aurélio* 1.8
Ânia Faustina: Vide *Faustina*
Ânio Vero (confusão por L. Ceiónio Cómodo > Lúcio Vero): *Adriano*

24.1; vide Lúcio Vero

Ânio Veríssimo (nome de Marco Aurélio): Vide M. Aurélio

Ânio Vero (avô de Marco Aurélio): *Pio* 1.6; *Marco Aurélio* 1.2; 1.7

Ânio Vero (bisavô de Marco Aurélio): *Marco Aurélio* 1.4.

Ânio Vero (nome de Marco Aurélio): Vide Marco Aurélio.

Ânio (nome de Marco Aurélio): *Marco Aurélio* 5.5

Antímaco: *Adriano* 16.2

Antúnoo: *Adriano* 14.5

Antioquenses: *Marco Aurélio* 25.8; *Avidio* 6.5; 7.8; 9.1

Antioquia: *Adriano* 5.9; 5.10; 14.1; *Pio* 9.2; *Marco Aurélio* 8.12; 25.11; 25.12; *Vero* 7.1; 7.3

Antístio Capela: *Cómodo* 1.6

Antonianos: *Pio* 13.4; *Marco Aurélio* 15.4; 18.7

Antonino (irmão de Cómodo): *Cómodo* 1.2; 1.4

Antonino (nome de Marco Aurélio imp.): vide Marco Aurélio

Antonino Pio, imp. (Árrio Antonino): *Adriano* 24.1.; 24.3; 24.6; 24.9; 24.10; 25.5; 25.6; 25.8; 26.6; 27.2; 27.4.; *Élio* 2.9; 6.9; 7.2; *Pio*, *passim*; *Marco Aurélio* 5.1; 5.5; 5.6; 6.1; 6.2; 6.3; 6.7; 6.9; 7.2; 7.3; 7.5; 8.1; 8.6; 16.7; 19.2; 29.6; *Vero* 1.3; 2.2; 3.1; 3.2; 3.6; 3.8

Antoninos: *Marco Aurélio* 13.4

Antonino Vero: vide Vero, Lúcio

Apício: *Élio* 5.9

Apolausto: vide Élio Aurélio

Apolausto: vide Élio Aurélio Apolausto

Apolo: *Marco Aurélio* 6.9

Apolodoro: *Adriano* 19.13

Apolónio da Síria: *Adriano* 2.9

Apolónio de Calcedónia: *Pio* 10.4; *Marco Aurélio* 2.7; 3.1

Apolónio (retor): *Vero* 2.5

Apolónio (estóico): *Vero* 2.5

Apro, Flávio: *Cómodo* 2.4; 12.4; 12.5

Apro, Trósio: *Marco Aurélio* 2.3

Apúlia: *Vero* 6.9

Aquileia: *Marco Aurélio* 14.12; *Vero* 9.7; 9.8; 9.10

Aquilão: *Élio* 5.10

Arábia: *Adriano* 14.4; *Pio* 9.4; *Avidio* 6.5

Arménia: *Marco Aurélio* 9.1; *Vero* 7.1; *Avidio* 6.5

Arménios: *Adriano* 21.11; *Pio* 9.6

Árria Fadila: *Pio* 1.4

Árrio Antonino: *Cómodo* 7.1

Árrio Antonino (avô de A. Pio): *Pio* 1.4

Árrio Antonino: vide Antonino Pio
 Artáxata: *Marco Aurélio* 9.1
 Articleio: *Adriano* 3.1
 Ásia: *Adriano* 13.1; 13.6; *Pio* 3.2; 9.1; *Vero* 6.9; *Cómodo* 7.1; 7.7
 Átalo: *Cómodo* 7.1.
 Ateio Santo: *Cómodo* 1.6
 Atenas: *Adriano* 13.6; 19.1; 19.3; 20.4; *Marco Aurélio* 27.1; *Vero* 6.9
 Atenienses: *Adriano* 13.1; 13.6
 Atiano, Acílio: *Adriano* 1.4; 4.2; 5.5; 5.9; 8.7; 9.3; 15.2
 Atílio Ticiano: *Pio* 7.3
 Atídio Corneliano: *Marco Aurélio* 8.6
 Atílio Severo: *Cómodo* 4.11
 Aufídio Victorino: *Marco Aurélio* 3.8; 8.8
 Áugure: *Marco Aurélio* 1.5
 Augusta: *Pio* 5.2
 Augusto: *Adriano* 6.4; 10.3; 12.3; *Élio* 1.1; 5.13; 7.5; *Pio* 3.1; *Avidio*
 8.6; 11.6
 Aurélia (família): *Marco Aurélio* 5.5; *Vero* 2.10
 Aurélia Fadila: *Avidio* 10.6
 Aurélia, via, *Pio* 1.8
 Aurelianos: *Marco Aurélio* 7.11
 Aurélio (Antonino Pio imp.): *Vero* 2.2
 Aurélio (Marco Aurélio imp): vide Marco Aurélio, Imp.
 Aurélio Fulvo: *Pio* 1.3
 Aurélio Fulvo, Tito: *Pio* 1.2
 Aurélio Fulvo Boiónio Antonino Pio, Tito (Antonino Pio imp.): *Pio*
 1.1, vide Antonino Pio
 Aurélio Vero, Lúcio: vide Vero, Lúcio.
 Avidio Cássio: *Marco Aurélio* 15.6; 21.2; 24.6; 24.7; 24.8; 24.9; 25.1;
 25.2; 25.3; 25.4; 25.8; 25.12; 26.3; 26.10; 26.11; 26.12; 26.13;
 Vero 7.1; 8.3; *Avidio*, *passim*; *Cómodo* 2.2
 Avidio Severo: *Avidio* 1.1

 Babilónia: *Vero* 7.1; 8.2
 Bactrianos: *Adriano* 21.14
 Baías: *Adriano* 7.2; 25.5; 25.6; *Pio* 5.1
 Basílica de Neptuno: *Adriano* 19.10
 Basílica de Trajano: *Cómodo* 2.1
 Bastarnas: *Marco Aurélio* 22.1
 Béblio Longo: *Marco Aurélio* 3.8
 Béblio Macro: *Adriano* 5.4

Bessos: *Marco Aurélio* 22.1
 Boiónia Procila: *Pio* 1.4
 Bona Dea (templo): *Adriano* 19.11
 Bóreas: *Élio* 5.10
 Bósforo: *Pio* 9.8
 Britânia: *Adriano* 11.2; 12.2; *Marco Aurélio* 8.7; *Cómodo* 6.2; 13.5
 Britânico (cognome atribuído a Cómodo): (*Cómodo* 8.4) vide Cómodo.
 Britanos: *Adriano* 5.2; 16.3; *Pio* 5.4; *Marco Aurélio* 8.8; *Cómodo* 8.4
 Brundísio: *Marco Aurélio* 9.4; 27.2
 Brútio Presente: *Marco Aurélio* 27.8
 Bucólicos: *Marco Aurélio* 21.2
 Buros: *Marco Aurélio* 22.1
 Burro, Antístio: *Cómodo* 6.11

Caieta: *Pio* 8.3; *Marco Aurélio* 19.7
 Cálcis: *Pio* 10.4
 Caldeus: *Marco Aurélio* 19.3
 Caleno: *Marco Aurélio* 3.8
 Calígula, imp.: *Marco Aurélio* 28.10; *Vero*: 4.6; *Cómodo* 10.2
 Calpúrnia Agrícola: *Marco Aurélio* 8.8
 Calpúrnia: *Avidio* 10.9
 Calvíbio Tulo: *Marco Aurélio* 1.3
 Campânia: *Adriano* 9.6; *Pio* 7.11; *Marco Aurélio* 10.7
 Campo de Marte: *Adriano* 9.1; *Marco Aurélio* 13.6
 Cândido: *Adriano* 3.4
 Canínio Célere: *Marco Aurélio* 2.4; *Vero* 2.5
 Canopo: *Adriano* 26.5
 Canúbio: *Marco Aurélio* 8.11; *Vero* 6.7
 Capadócijs: *Adriano* 13.7
 Capitólio: *Marco Aurélio* 29.4
 Cápreas: *Cómodo* 5.7
 Cápua: *Marco Aurélio* 8.10; *Vero* 6.7; *Avidio* 10.7
 Cartago: *Adriano* 20.4; *Pio* 9.2; *Cómodo* 17.8
 Casa Tiberiana: *Pio* 10.4
 Cassianos: *Avidio* 14.8
 Cássio: vide *Avidio*
 Cássio, Lúcio: *Avidio* 14.4
 Cássios: *Avidio* 1.1
 Catão-o-Censor: *Adriano* 5.3; 16.6; *Avidio* 14.4
 Catilina: *Avidio* 3.5

Catílio Severo: *Adriano* 5.10; 15.7; 24.6; *Pio* 2.9; *Marco Aurélio* 1.4
 Catílio Severo (nome de Marco Aurélio imp.): (*Marco Aurélio* 1.9)
 Vide Marco Aurélio
 Catos: *Marco Aurélio* 8.7; 8.8
 Cecílio: *Avidio* 10.9
 Ceiónio Cómodo: vide Élio César
 Ceiónio Cómodo (nome de Élio): Vide *Élio Vero*
 Ceiónio Cómodo (nome de Vero): vide *Lúcio Vero*
 Ceiónio Cómodo, Lúcio (pai de Élio, também chamado Aurélio Vero
 e Ânio): *Élio* 2.7
 Cedes: *Vero* 9.5
 Célio Antípatro: *Adriano* 16.6
 Célio Félix: *Cómodo* 7.6
 Celso: *Avidio* 10.1
 Celso, Juvêncio: *Adriano* 18.1
 Celso, L. Publílio: *Adriano* 4.3; 7.2
 Centuncelas: *Cómodo* 1.9
 Ceres: *Marco Aurélio* 27.1
 César Octaviano: vide Augusto
 César: *Élio* 1.1; 1.2; 2.1; 2.3; 2.6; 7.5; *Pio* 4.1; *Avidio* 1.4; 11.6
 Cesónio Vectiliano: *Avidio* 5.5
 Cévola: *Marco Aurélio* 11.10
 Cilícia: *Vero* 6.9
 Cícero: *Adriano* 16.6; 25.7
 Cina Cátulo: *Marco Aurélio* 3.2
 Cíncio Severo: *Cómodo* 20.3
 Cipião Emiliano: *Adriano* 10.2; *Pio* 9.10
 Cipiões: *Adriano* 1.1
 Círcio: *Élio* 5.10
 Circo Máximo: *Adriano* 19.7; *Marco* 16.2; *Cómodo* 8.7
 Cirro: *Marco Aurélio* 25.12
 Cívica: *Marco Aurélio* 9.4
 Cízico: *Pio* 3.4
 Cláudio Lucano: *Cómodo* 7.7
 Cláudio Máximo: *Marco Aurélio* 3.2
 Cláudio Pompeiano (marido de Lucila): *Marco Aurélio* 20.6; *Avidio*
 10.4; 11.8; 12.2
 Cláudio Pompeiano (talvez enteado de Lucilla): *Cómodo* 4.2; 4.3; 4.4;
 5.12
 Cláudio Severo: *Marco Aurélio* 3.3
 Cleandro, Aurélio: *Cómodo* 6.3; 6.5; 6.6; 6.7; 6.8; 6.9; 6.10; 6.11;

6.12; 7.1; 7.2; 17.5
 Cobotes: *Marco Aurélio* 22.1
 Cómodo, imp.: *Vero* 9.6; *Marco Aurélio* 17.3; 18.4; 19.1; 19.4; 19.7; 22.12; 27.5; 27.12; *Avidio* 10.3; 13.3,7; *Cómodo, passim*
 Cómodo (nome de Vero imp.): vide Vero, Lúcio.
 Constâncio: *Élio* 2.1
 Corinto: *Vero* 6.9
 Cornélio Dolabela: *Pio* 1.8
 Cornélio Victorino: *Pio* 8.8
 Costobocos: *Marco Aurélio* 22.1
 Crasso Frugi, Calpúrnio: *Adriano* 5.5; 5.6
 Cupido: *Élio* 5.10
 Cures: *Adriano* 2.8

Dácia: *Adriano* 3.2; 3.6; 6.7; 7.3; *Cómodo* 13.5
 Dácios: *Pio* 5.4; *Cómodo* 13.5
 Dafne: *Marco Aurélio* 8.12; *Vero* 7.3; *Avidio* 6.1
 Dalmácia: *Marco Aurélio* 21.7
 Danúbio: *Marco Aurélio* 21.10; *Avidio* 4.6
 Dardânia: *Marco Aurélio* 21.7
 Dasumo: *Marco Aurélio* 1.6
 Diaboleno: *Pio* 12.1
 Diocleciano: *Élio* 1.1; *Marco Aurélio* 19.11; *Vero* 11.4; *Avidio* 3.3
 Decriano: *Adriano* 19.12
 Diogneto: *Marco Aurélio* 4.9
 Domícia Paulina (mãe de Adriano): *Adriano* 1.2
 Domícia, *Pio* 5.1
 Domiciano: *Avidio* 2.6
 Domiciano (imp.): *Adriano* 2.3; 20.3; *Marco Aurélio* 28.10; *Avidio* 2.6; *Cómodo* 19.2
 Drunciano: *Marco Aurélio* 26.12; *Avidio* 9.3
 Dúlio Silano: *Cómodo* 7.5

Ebuciano: *Cómodo* 6.12
 Eclecto: *Vero* 9.5; 9.6; *Cómodo* 15.2
 Éfeso: *Vero* 7.7
 Egípcios: *Marco Aurélio* 26.3
 Egípto: *Adriano* 5.2; 7.3; *Pio* 5.4; *Marco Aurélio* 21.2; *Avidio* 6.5; 6.7; *Cómodo* 2.3
 Egnácio Capitão: *Cómodo* 4.10
 Elagábalo: *Marco Aurélio* 26.9

Elêusis: *Adriano* 13.1
 Élia (família): *Vero* 2.1
 Élio Adriano (tio avô de Adriano): *Adriano* 2.4
 Élio Adriano Áfer (pai de Adriano): *Adriano* 1.2
 Élio Aurélio Apolausto Mênfio (Agripo): *Vero* 8.10; *Cómodo* 7.2
 Élio César (Lúcio Ceiónio Cómodo): *Adriano* 23.10; 23.11; 23.13;
 23.14; 23.15; 24.1; *Pio* 4.1; *Marco Aurélio* 4.5;; 5.1; 6.2; *Vero* 1.6;
 11.1
 Élio Esparciano: *Élio* 1.1
 Élio Vero: vide Élio César; Vero, Lúcio
 Élios: *Élio* 2.6
 Emílio Iunco: *Cómodo* 4.11
 Emílio Parteniano: *Avidio* 5.1
 Ênio: *Adriano* 16.6
 Epicteto: *Adriano* 16.10
 Escaurino: *Vero* 2.5
 Escauro: *Vero* 2.5
 Esperato: *Cómodo* 18.9
 Estácio Prisco: *Marco Aurélio* 9.1; *Vero* 7.1
 Etna: *Adriano* 13.3
 Etrúria: *Adriano* 19.1; *Élio* 2.8; *Pio* 3.5; *Vero* 1.9
 Eudémon: *Adriano* 15.3
 Eufóron: *Marco Aurélio* 2.2
 Eufrates: *Vero* 7.6
 Eupator: *Pio* 9.8
 Eutíquio Próculo de Sica: *Marco Aurélio* 2.3; 2.5

 Fábia: *Marco Aurélio* 29.10; *Vero* 10.3
 Fábio Cilão: *Cómodo* 20.1
 Fábio Repentino: *Pio* 8.8-9
 Fadila: vide Árria; Aurélia
 Farasmanes: *Adriano* 13.9; 17.12; *Pio* 9.6
 Farol: *Pio* 8.3
 Faustina, Ânia Fundania (prima de M. Aurélio): *Cómodo* 7.7
 Faustina, Ânia Galéria (mulher de Antonino Pio): *Pio* 1.7; 5.2; 6.7;
 8.1 *Marco Aurélio* 1.3
 Faustina, Ânia (mulher de Marco Aurélio, mãe de Cómodo): *Pio* 10.2;
Marco Aurélio 1.8; 6.2; 6.6; 19.2; 19.3; 19.7; 20.7; 24.6; 26.4;
 26.5; 26.7; 26.9; 29.10; *Vero* 10.1; 10.5; *Cómodo* 1.3; *Avidio* 7.1;
 9.6; 9.9; 9.11; 10.1; 11.1; 10.3
 Faustina, Rupília (avó de M. Aurélio): *Marco Aurélio* 1.4

Faustinianas: *Pio* 8.1; *Marco Aurélio* 26.6
Favência: *Adriano* 7.2; *Élio* 2.8; *Vero* 1.9
Favorino: *Adriano* 15.12; 16.10
Félix (epíteto de Cómodo): *Cómodo* 8.1; 8.2
Fenícia: *Adriano* 14.1
Filipe da Macedónia: *Adriano* 13.1; *Marco Aurélio* 27.11
Flávio Domiciano: *Pio* 1.8
Flégon: *Adriano* 16.1
Floro: *Adriano* 16.3; 16.4
Formiano: *Avidio* 10.6; 10.8; 11.3
Fórmias: *Avidio* 10.7
Foro de Augusto: *Adriano* 19.10
Foro de Trajano: *Adriano* 7.6; *Marco Aurélio* 17.4; 21.9
Foro Úlpio: *Marco Aurélio* 22.7
Fortuna: *Pio* 12.5; *Marco Aurélio* 7.3
Frontão, Cornélio: *Marco Aurélio* 2.4; 2.5; *Vero* 2.5
Fúrio Victorino: *Marco Aurélio* 14.5
Fusciano: vide Seio
Fusco, Pediano: *Adriano* 23.3

Gades: *Adriano* 1.2
Gaio (Calígula imp.): Vide Calígula
Galba: *Avidio* 8.5
Gália(s): *Adriano* 10.1; 12.1; *Marco Aurélio* 22.1
Gália Transalpina: *Pio* 1.1
Galo: *Adriano* 2.7
Gémina: *Marco Aurélio* 15.2; *Vero* 9.3
Gémino: *Marco Aurélio* 2.2
Genciano: vide Terêncio
Germânia: *Adriano* 10.2; *Marco Aurélio* 8.7; *Cómodo* 2.5; 13.5
Germânia Superior: *Adriano* 2.5
Germanos: *Adriano* 12.7; 16.3; *Pio* 5.4; *Marco Aurélio* 17.1; 21.7
Gregos: *Adriano* 14.7; 25.10

Halala: *Marco Aurélio* 26.4
Harpocrácion: *Vero* 2.5
Heféstion: *Vero* 2.5
Heliodoro, Avidio: *Adriano* 15.5; 16.10
Heliodoro (filho de A. Cássio): *Marco Aurélio* 26.11
Hércules Romano (epíteto de Cómodo): *Cómodo* 8.5; 8.6; 8.7; 8.8;
8.9

Hermúnduros: *Marco Aurélio* 22.1; 27.10
 Herodes Ático: *Marco Aurélio* 2.4; *Vero* 2.5
 Hispânia(s): *Marco Aurélio* 1.4; 22.11; *Adriano* 12.3
 Hispânicos (*Hispanienses*): *Adriano* 1.1
 Hispanos (*Hispani*): *Adriano* 12.4
 Homero: *Adriano* 16.6
 Hómulo: *Pio* 11.8

Iberos: *Adriano* 17.11; 21.13
 Ilíria: *Marco Aurélio* 22.1
 Ilírico: *Adriano* 5.10; *Marco Aurélio* 14.6
 Itália: *Adriano* 6.5; 7.6; 22.13; *Pio* 2.11; 3.1; *Marco Aurélio* 14.6; 22.2;
 27.2
 Itálica: *Adriano* 1.1
 Itálicos: *Adriano* 12.4

Judeus: *Adriano* 5.8; 14.2; *Pio* 5.4
 Júlia Fadila, *Pio* 1.5
 Juliano (prefeito da guarda de Cómodo): *Cómodo* 7.4; 11.3; 11.4
 Juliano: vide Sálvio
 Júlio Lupo: *Pio* 1.6
 Júlio Próculo: *Cómodo* 7.7
 Júlio: *Élio* 7.5
 Júnio Rústico: *Marco Aurélio* 3.2; 3.3
 Júpiter Nicéforo: *Adriano* 2.9
 Júpiter Olímpico: *Adriano* 13.6
 Júpiter Ótimo Máximo: *Marco Aurélio* 21.5
 Juvêncio Celso: vide Celso

Labério Máximo: *Adriano* 5.5
 Lácio: *Adriano* 19.1; 21.1
 Lacringes: *Marco Aurélio* 22.1
 Lâmia Silvano: *Pio* 1.7
 Lanuvina, *uilla*: *Pio* 1.8
 Lanúvio: *Pio* 8.4; *Cómodo* 1.2; 8.5; 16.5
 Lavínio: *Marco Aurélio* 27.4
 Laodiceia: *Vero* 7.3
 Lârcio Eurupiano: *Cómodo* 7.6
 Lazos: *Pio* 9.6
 Leto, Q. Emílio: *Cómodo* 15.7; 17.1-2
 Libão (M. Ânio): *Vero* 9.2; 9.3

Líbia: *Adriano* 5.2
 Liceu: *Adriano* 26.5
 Licínio Sura: *Adriano* 2.10; 3.8; 3.10; 3.11
 Liviano, Cláudio: *Adriano* 4.2
 Lívio Laureense: *Cómodo* 20.1
 Lólio Urbico: *Pio* 5.4
 Lório: *Pio* 1.8; 12.6
 Luceio Torquato: *Cómodo* 7.6
 Lucila, Ânias: *Marco Aurélio* 7.7; *Vero* 2.4; 7.7; 10.3; 10.4; *Cómodo* 4.1; 4.4; 5.7; 8.3
 Lucila, Domícia: *Marco Aurélio* 1.3; 6.9
 Lúcio Ceiónio Cómodo (Élio César): *Marco Aurélio* 4.5; 6.2, vide Élio César
 Lúcio César: vide Élio César
 Lúcio A. V. Cómodo (nome de Vero imp): Vide Vero, Lúcio.
 Lúcio Vero: vide Vero, Lúcio
 Lúpia: *Marco Aurélio* 1.6
 Lúsio Quietos: *Adriano* 5.8; 7.1; 7.2
 Lusitânia: *Marco Aurélio* 22.11

Macedónios: *Adriano* 5.3
 Macro, Anínio: *Marco Aurélio* 2.4
 Malémnio: *Marco Aurélio* 1.6
 Mamertino: vide Petrónio Sura
 Marcelo, C. Públicio: *Adriano* 15.4
 Márcia: *Cómodo* 8.6; 11.9; 17.1-2
 Marcial: *Élio* 5.9
 Márcio Quarto: *Cómodo* 6.8
 Márcio Vero: *Vero* 7.1
 Marco Antonino: vide M. Aurélio
 Marco Aurélio, imp. (Marco Antonino): *Adriano* 24.1; *Élio* 5.12; 6.9; *Pio* 1.7; 4.5; 5.9; 10.2,4; 12.5; *Marco Aurélio, passim*; *Vero* 1.1; 1.4; 1.2; 2.2; 2.3; 2.10; 3.2; 3.4; 3.8; 4.2; 4.3; 4.5; 5.6; 5.8; 6.2; 6.7; 7.2; 7.7; 8.5; 8.9; 9.1; 9.2; 9.3; 9.4; 9.6; 9.7; 9.8; 9.9; 10.2; 10.4; 10.5; 11.2; 11.2; 11.4; *Avidio* 1.2; 2.1,8; 5.4,9; 6.6; 7.1-2; 9.5,11; 10.1; 12.7; 14.3; *Cómodo* 1.1; 1.5; 2.2
 Mário Máximo: *Adriano* 2.10; 12.4; 20.3; 25.4; *Élio* 3.9; 5.5; *Pio* 11.3; *Marco Aurélio* 1.6; 25.10; *Avidio* 6.6-7; 9.5,9; *Cómodo* 13.2; 15.5; 18.2
 Mário: *Avidio* 3.8
 Marcomânia: *Marco Aurélio* 24.5

Marcomanos: *Marco Aurélio* 14.1; 17.3; 21.10; 22.1; 22.2; 27.10;
Avidio 3.6
 Marulino: *Adriano* 1.2
 Marulo: *Marco Aurélio* 8.1
 Matídia: *Adriano* 5.9
 Mauritània: *Adriano* 5.8; 6.7
 Mauros: *Adriano* 5.2; 5.8; 12.7; *Élio* 2.3; *Pio* 5.4; *Marco Aurélio* 21.1;
Cómodo 13.5
 Maximiano (imp.): *Élio* 2.1
 Maximino: *Vero* 8.7
 Máximo, Gávio: *Pio* 8.7
 Máximo, Quintílio: *Cómodo* 11.14
 Máximo, Tácio: *Pio* 8.7
 Meciano: *Avidio* 7.4
 Meciano, Júlio Volúcio: *Pio* 12.1; *Marco Aurélio* 3.6; 25.4
 Média: *Vero* 7.1
 Mênfio: vide *Élio Aurélio Apolausto*
 Mésia Inferior: *Adriano* 2.3
 Mésia: *Adriano* 6.6; *Pio* 9.4
 Mesomedes: *Pio* 7.8
 Mesopotâmia: *Adriano* 21.12
 Metelo Numídico: *Adriano* 10.2
Minerúia (1ª legião): *Adriano* 3.6
 Minúcio (Pórtico): *Cómodo* 16.5
 Moderato: *Marco Aurélio* 29.1
 Motileno: *Cómodo* 9.2

 Narbona: *Pio* 9.2
 Nápoles: *Adriano* 19.1
 Nemauso: *Adriano* 12.2; *Pio* 1.1
 Nepos: vide *Platório*
 Nerácio Prisco: *Adriano* 4.8; 18.1
 Nero (imp.): *Adriano* 19.13; *Vero* 1.8; 4.6; *Marco Aurélio* 28.10; *Avidio*
 8.4; *Cómodo* 17.10; 19.2
 Nerva, imp.: *Adriano* 2.5; 2.6; 3.7; *Pio* 1.4
 Nicomedes: *Vero* 2.9
 Nigrino: *Adriano* 7.1; 7.2; 23.10
 Nigro: *Cómodo* 6.6
 Norbana: *Cómodo* 4.4
 Norbano: *Cómodo* 4.4
 Noto: *Élio* 5.10

Numa (Pompílio): *Pio* 2.2; 13.4; *Marco Aurélio* 1.6

Olbiopolitanos: *Pio* 9.9

Onesícrates: *Cómodo* 1.6

Órfito, Calpúrnio Cipião: *Cómodo* 11.14

Órfito, Cornélio Cipião: *Cómodo* 12.6

Órfito (prefeito da cidade): *Pio* 8.6

Órfito (suposto amante de Fustina): *Marco Aurélio* 29.1

Oriente: *Marco Aurélio* 27.1

Osdroes: *Adriano* 13.8

Osos: *Marco Aurélio* 22.1

Óstia: *Pio* 8.3

Otão: *Avídio* 8.4

Ovídio: *Élio* 5.9

Pácoro: *Pio* 9.6

Pactumeio Magno: *Cómodo* 7.6

Pais Conscriptos: *Marco Aurélio* 10.9; *Avídio* 12.2; 12.3; 12.8

Palestina: *Adriano* 5.2

Palma, Cornélio: *Adriano* 4.3; 7.2

Panfília: *Vero* 6.9

Panónia Inferior: *Adriano* 3.9

Panónia(s): *Adriano* 6.7; 23.13; 25.3; *Élio* 3.2; *Marco Aurélio* 17.3;
Vero 9.10; *Cómodo* 13.5

Panteão: *Adriano* 19.10

Parálio: *Cómodo* 4.4

Páris: *Vero* 8.7 (vide Maximino)

Partamasíris (equivoco, por Partamaspates): *Adriano* 5.4

Partos: *Adriano* 4.1 5.4 12.8 13.8 21.10; *Pio* 9.6; 9.7; *Marco Aurélio* 8.9; 12.13; 20.2;

Paterno: vide Tarruténio

Pécile (pórtico): *Adriano* 26.5

Pelúcio: *Adriano* 14.4; *Marco Aurélio* 23.8

Penates: *Marco Aurélio* 18.4

Perene: vide Tigídio

Pertinaz: *Avídio* 8.5; *Cómodo* 17.4; 18.7; 20.1

Petrónio Antonino: *Cómodo* 7.5

Petrónio Sura Mamertino: *Cómodo* 7.5

Petrónio Sura Septimiano: *Cómodo* 7.5

Peucinos: *Marco Aurélio* 22.1

Picentinos: *Adriano* 1.1

Pio (imp): vide Antonino Pio
 Pisão, L. Calpúrnio: *Cómodo* 12.1-3
 Pisíteo: *Avidio* 10.8
 Platão: *Adriano* 16.6; *Marco Aurélio* 19.11; 27.7
 Platório Nepos: *Adriano* 4.2; 15.2; 23.4
 Plotina: *Adriano* 2.10; 4.1; 4.4; 4.10; 5.9; 12.2
 Plutarco: *Marco Aurélio* 3.2
 Polião, Fufídio: *Cómodo* 11.13
 Polião, Pompônio Próculo Vitrásio: *Cómodo* 2.4; 12.5
 Polião: *Marco Aurélio* 2.3
 Polieno: *Adriano* 15.4
 Pompeiano: vide Cláudio
 Pompeio: *Adriano* 14.4
 Ponto: *Pio* 9.9
 Posidipo: *Marco Aurélio* 15.6
 Pretorianos: *Marco Aurélio* 7.9
 Prisciano: *Pio* 7.4
 Pritaneu: *Adriano* 26.5
 Pudente, Servílio: *Cómodo* 11.13
 Putéolos: *Adriano* 25.7; 27.3

Quadros: *Marco Aurélio* 14.3; 17.3; 22.1; 27.10
 Quadrato, Asínio: *Vero* 8.4; *Avidio* 1.2.
 Quadrato, C. Umídio: *Adriano* 15.7
 Quadrato, Júlio: *Adriano* 3.4
 Quadrato, M. Umídio: *Marco Aurélio* 7.4
 Quadrato, Umídio: *Cómodo* 4.1; 4.4
 Quadrato, *Avidio* 1.2
 Quintílio Condiano, Sexto: *Cómodo* 4.9
 Quintílios: *Cómodo* 4.9

Récia: *Marco Aurélio* 8.7
 Regilo: *Cómodo* 7.4
 Remetalces: *Pio* 9.8
 Rodes: *Pio* 9.1
 Roma: *Adriano* 1.3; 5.10; 7.3; 9.7; 13.4; 13.6; 19.4; 19.5; 19.10;
 22.11; 25.5; *Pio* 3.8; 5.1; 8.2; 9.6; 10.4; *Marco Aurélio* 1.5; 6.1;
 8.9; 8.11; 8.14; 9.8; 10.7; 13.1; 14.7; 17.3; 20.1; 22.8; 25.1;
 27.4; *Vero* 1.8; 5.8; 7.9; 8.1; 9.7; 9.10; *Avidio* 7.7; *Cómodo* 2.3;
 3.5; 3.6; 8.9; 14.1; 16.5
 Roxolanos: *Adriano* 6.6; 6.8; *Marco Aurélio* 22.1

Rufo: vide Vélío
 Rupílio Bom: *Marco Aurélio* 1.4

Sabina, Víbia: *Adriano* 1.2; 11.3; 23.9
 Sálíos: *Marco Aurélio* 4.2
 Salústio: *Adriano* 16.6
 Sálvio Juliano, P.: *Cómodo* 3.2; 4.8; 4.9; 12.1; 12.2; 12.3
 Sálvio Juliano: *Adriano* 18.1
 Sálvio Valente: *Pio* 12.1
 Saótero: *Cómodo* 3.6; 4.5
 Sarmácia: *Marco Aurélio* 24.5; *Cómodo* 6.1
 Sármatas: *Adriano* 3.9; 5.2; 6.6; *Marco Aurélio* 17.3; 22.1; 27.10;
Avidio 4.6
 Seio Fusciano: *Marco Aurélio* 3.8; *Cómodo* 12.9
 Selêucia: *Vero* 8.3
 Septício Claro: *Adriano* 9.5; 11.3; 15.2
 Septímio Severo, imp.: *Cómodo* 17.11; 17.12
 Séquanos: *Marco Aurélio* 22.10
 Serápis: *Marco Aurélio* 23.8
 Serviano, L. Júlio Urso: *Adriano* 1.2; 2.6; 3.8; 8.11; 15.8; 23.2; 23.8;
 25.8
 Servílio Silano: *Cómodo* 7.5
 Sêxtio Laterano: *Vero* 3.3
 Sexto de Queroneia: *Marco Aurélio* 3.2; *Vero* 2.5
 Sicília: *Adriano* 13.3
 Silano: vide Dúlio; Servílio
 Silanos: *Cómodo* 7.5
 Símile, Sérvio Sulpício: *Adriano* 9.5
 Síria: *Adriano* 2.9; 4.6; 5.10; 14.1; *Marco Aurélio* 8.6; 8.12; 9.5; 12.7;
 25.11; *Vero* 4.4; 4.5; 4.6; 7.7; 7.9; 7.10; 8.7; 8.10; 8.11; 9.2;
Cómodo 2.3
 Sortes Virgilianas: *Adriano* 2.8
 Sósio Papo: *Adriano* 4.2
 Sotérides: *Avidio* 10.8
 Sublícia, Ponte: *Pio* 8.2
 Suburano: *Adriano* 3.8
 Suetónio Tranquilo: *Adriano* 11.3; *Cómodo* 10.2
 Suevos: *Marco Aurélio* 22.1
 Sula: *Cómodo* 8.1
 Sulpício Crasso: *Cómodo* 7.7
 Sura: vide Licínio; Petrónio

Tarracina: *Adriano* 7.2
Tarragona: *Adriano* 12.3; 12.4; 12.5
Tarruténio Paterno: *Cómodo* 4.1; 4.7; 4.8; 14.8
Tauro: *Marco Aurélio* 26.4
Taurocitas: *Pio* 9.9
Télefo: *Vero* 2.5
Tempe: *Adriano* 26.5
Templo de Jano: *Cómodo* 16.4
Terêncio Genciano: *Adriano* 23.5
Terracina: *Pio* 8.3
Tertulo: *Marco Aurélio* 29.1
Tibre: *Pio* 9.3; *Marco Aurélio* 8.4
Tíbur: *Adriano* 23.7; 26.5
Ticiano, T. Atílio Rufo: *Adriano* 15.6
Tigídio Perene: *Cómodo* 4.7; 5.1-3; 5.6; 5.13; 6.1; 6.2; 6.4; 6.5; 6.6;
8.1; 14.8
Tito: *Adriano* 1.3; *Marco Aurélio* 1.2
Trajano, Úlpio, imp.: *Adriano* 1.2; 1.3; 2.1; 2.5; 2.6; 2.7; 2.10; 3.1;
3.2; 3.3; 3.6; 3.7; 3.8; 3.10; 3.11; 4.5; 4.7; 4.8; 4.9; 4.10; 5.2; 5.4;
5.9; 6.1; 6.3; 7.8; 9.1; 9.2; 10.2; 13.8; 19.5; 19.9; 21.10; 21.11;
21.12; *Élio* 2.1; *Pio* 9.7; *Marco Aurélio* 11.6; *Avídio* 8.6
Trales: *Pio* 3.3
Tulo: *Marco Aurélio* 29.2
Turbão, Q. Márcio: *Adriano* 4.2; 5.8; 6.7; 7.3; 9.4; 15.7
Tutílio: *Marco Aurélio* 29.1

Úlpio Marcelo: *Pio* 12.1
Urbe (Roma): *Marco Aurélio* 11.3; 11.9

Valério Bassiano: *Cómodo* 7.6
Valério Hómulo: *Marco Aurélio* 6.9
Vândalos: *Marco Aurélio* 17.3
Varistas: *Marco Aurélio* 22.1
Vaticano: *Vero* 6.4
Vectiliana: *Cómodo* 16.3
Vero César (filho de Marco Aurélio): *Marco Aurélio* 21.3
Vélio Rufo: *Cómodo* 4.10; 12.6
Vénus: *Avídio* 3.4
Vero Antonino: vide Vero, Lúcio.
Vero, Lúcio, imp. (L. Ceiónio Cómodo): *Adriano* 24.1; *Élio* 2.6-7;

2.9; 5.12; 6.9; *Pio* 4.5; 6.10; 10.3; *Marco Aurélio* 2.7; 5.1; 5.2;
7.5; 7.7; 8.5; 8.6; 8.9; 8.10; 8.11; 8.12; 9.4; 9.5; 12.7; 12.8; 12.9;
14.4; 14.5; 14.7; 14.8; 15.2; 15.3; 15.5; 15.6; 16.3; 16.4; 20.4;
29. 6; Vero, *passim*; *Avidio* 1.6-7; 9.5

Vero, M. Ânio (irmão de Cómodo): *Cómodo* 1.10

Versos Sibílinos: *Adriano* 2.8

Vespasiano: *Marco Aurélio* 1.2

Victualos: *Marco Aurélio* 22.1

Villa de Tíbur: *Adriano* 23.7; 26.5

Víndio Vero, *Pio* 12.1

Virgílio: *Adriano* 16.6; *Élio* 5.9

Vitélio (imp.): *Vero* 4.6; *Avidio* 8.4

Vitrásia Faustina: *Cómodo* 4.10

Vetrásino: *Marco Aurélio* 12.3

Victualos: *Marco Aurélio* 14.1

Vitrúvio Secundo: *Cómodo* 4.8

Vologeso: *Marco Aurélio* 8.6

VOLUMES PUBLICADOS NA *COLEÇÃO AUTORES*
GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS LATINOS

1. Márcio Meirelles Gouvêa Júnior: *Gaio Valério Flaco. Cantos Argonáuticos*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
2. José Henrique Manso: *Arátor. História Apostólica - a gesta de S. Paulo*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
3. Adriano Milho Cordeiro: *Plauto. O Truculento*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
4. Carlota Miranda Urbano: *Santo Agostinho. O De excidio Urbis e outros sermões sobre a queda de Roma*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
5. Ana Alexandra Sousa: *Sêneca. Medeia*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH/CEC, 2011).
6. Cláudia A. Teixeira, José Luís Brandão e Nuno Simões Rodrigues: *História Augusta. Volume I*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).

(Página deixada propositadamente em branco)

(Página deixada propositadamente em branco)

OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA

